

SETE INSTANTES DE UMA PRIMAVERA
O REJEITADO LEGADO DE AMÍLCAR CABRAL
POR UM POVO QUE REJEITOU-SE A SI MESMO

QUINTO INSTANTE

REVOLUÇÃO VERSUS EVOLUÇÃO
A LUTA FAZ-SE LUTANDO, O CAMINHO FAZ-SE CAMINHANDO,
A REVOLUÇÃO FAZ-SE COM IDEIAS RASGANDO A VIDA

Não podemos aguardar que os tempos se modifiquem e nós nos modifiquemos junto, por uma revolução que chegue e nos leve em sua marcha”

B. Bruteau.

Fernando Jorge Pereira Teixeira *

teixeira_ferjor@hotmail.com



Já é tarde, devagar, mas audazmente o dia se transforma na noite; o disco solar já desapareceu e no firmamento estrelas tímidas espreitam; as luzes de Lisboa já se acenderam, iluminando a noite dos vivos. Na outra margem do Mar Oceano, o Sol, neste momento despede-se das florestas Quinara, e se põem na lagoa de **Cufada**, deixando a escuridão cobrir com o seu negro manto, o dia dos mortos, na mata de **Cantanhez**.

De olhos fechados, entranho no meu ser a cacofonia das vozes que me rodeiam, procurando no meio delas, distinguir as duas do além tumulo. De olhos fechados, concentro-me na sessão que ainda decorre, e assim não posso deixar de ouvir, as palavras dos quatro combatentes: os dois caídos, e estes dois outros, vivos ainda, mas também eles, combatentes. Nos meus ouvidos, na minha mente e coração, escuto vivos e mortos que conversam em uníssono: diferentes dimensões, diferentes línguas,

diferentes culturas, diferentes formações, mas no fundo a conversa é igual: é sobre o sacrifício e “honra”; é sobre a dignidade dos homens e o respeito que merecem; é sobre o valor de coisas como a “liberdade” e “igualdade”; é sobre a nobreza do povo...

Na morte não existem raças, nem etnias, nem ricos, nem pobres, nem brancos nem pretos, instruídos e analfabetos, por isso, velhos e novos combatentes dialogam num mundo irreal, feito apenas do passado e do presente; um mundo onde o *futuro* não existe. Um mundo feito a semelhança daquele outro, ode **Shaka Zulu**... um mundo que termina no *presente*.

E assim ouvindo, desejando morrer lesto, para renascer apenas Guineense, sem raça, sem etnia, num mundo real onde o futuro existirá, onde o *homo homini lúpus* será apenas uma metáfora e não uma crua realidade. Onde o futuro existirá, e será glorioso, numa terra onde os homens serão apenas homens por fim.

NELSON MANDELA VERSUS AMÍLCAR CABRAL, OUVINDO BOB MARLEY

“The color of the skin doesn't matter, that only matters is the color of the blood.”

Leonardo Da Vinci

Neste capítulo sou obrigado a *falar* um pouco de “minha visão” do futuro próximo, face os acontecimentos que hoje em dia se sucedem a uma velocidade vertiginosa, nunca antes vista na história, salvo no ano de **1848**. Deu-se o nome de “**Revoluções de 1848**” ou “**Primavera dos Povos**”, a uma serie de levantamentos e revoluções que eclodiram um pouco por todo o lado na Europa. Parecia que os homens simples do povo, sem estudos ou preparação, estavam loucos pela maneira como desafiavam a morte, numa sucessão de levantamentos, protestos, revoltas e sedições. Os povos punham em causa, de repente, sem nenhuma motivação aparente, Instituições “sagradas”, com centenas de anos (como monarquias, direitos de sucessão, fronteiras reconhecidas, etc.) de uma maneira “leviana” e nunca antes vista na história da humanidade. Da forma parecida com o que agora se sucede numa data de países árabes. Por isso, por analogia com o que acontece nestes dias no mundo árabe (e africano) falarei dessas revoluções.

Mas mesmo assim, este capítulo, foi “empurrado” para aqui também por causa delas, mas não só. Também por frases que se atropelam numa corrida estimulada pelas palavras que anseiam dizer da sua verdade, sobre os acontecimentos actuais. E assim, sem respeitarem a minha primeira vontade, fizeram do *sétimo quinto* e do *quinto sétimo*. Trouxeram este que ficou no lugar do outro, já anunciado, para me provarem que neste incontrolável mundo, nem mandamos naquilo que escrevemos. Mas tudo isso me faz pensar e perguntar á essas palavras que parecem mais fortes que frases: nós somos aquilo que escrevemos, ou aquilo que escrevemos, é que determina quem somos? Nem uma coisa nem outra? Sim, porque escrevemos apenas o que sentimos e acreditamos; e se sentimos que estamos com a **História**, então temos que acreditar que somos o **futuro**. E acreditando, acreditaremos que somos a **revolução**. Pois o futuro da África é só um, e chama-se **revolução**.

Cada um a sua maneira, estes dois “velhos combatentes” de liberdade - que um dia morrerão sem envergonharem-se a si próprios, nem ao seu povo - contam do seu passado, da sua luta, da sua entrega... no que acreditaram... E assim ouvindo-os chegamos ao nosso **Quinto Instante** desta decima segunda primavera do meu descontentamento. E assim pensando, assim ouvindo-os, velhos jovens, nos falam de nós, do nosso herói nacional, dos nossos deveres, da necessidade de sonhar, acreditar e lutar; e acima de tudo nunca aceitar a derrota. Um deles, aquele que é branco, aquele que foi Presidente de Portugal, aquele que deixou a sua marca no pó das estrelas, entende que “*só é derrotado quem desiste de Lutar*”. São assim os *mudadores* da História. Sim, são ambos idosos, mas jovens. Mais jovens que muitos de nós, e jovens morrerão.

Heróis vivos, de um tempo difícil; homens que mudaram o curso da História. Ambos pais da mesma **revolução**, que ajudaram a realizar: a **Revolução dos Cravos**. Um *branco*, que não é racista, e nem repara na cor da nossa pele, que para alguns de nós ali sentados, verdade seja dita, é muito importante (como corromperam e abastardaram este pobre povo...). Outro que é *negro* (“burmedjo” para certos Guineenses, mas preto - como todos os negros deste mundo - para o resto do mundo) na outra ponta da sala, mesmo que quisesse, não conseguiria reparar nas diferentes cores e tonalidades das nossas epidermes, pois quase não consegue abrir os olhos de tão velho que é.

Não sei bem com quem os comparar - não é fácil; hoje em dia homens destes são raros de encontrar, e mais ainda na mesma sala – entre os vivos, mas lembram-me um outro combatente como eles; um gigante, também já idoso; mais idoso ainda que eles, pois nasceu cinco anos antes; esse que também conheceu **Amílcar Cabral**; este que também é um herói vivo, um dos maiores; e também ele um *mudador* da História, e o seu nome humano é **Nelson Rolihlahla Mandela**.

Sim, só os posso comparar a este; Ambos da mesma geração de **Mandela**, de **Cabral**, de **Luther King** (mais novo que eles cinco anos). Ambos filho da mesma geração, aquela dos que não ficaram em silêncio, vendo o mal campear, e o povo sendo cerceado e vilipendiado. O mais novo desta tríade, o *big Martin Luther King*, um dia disse que “*Se um homem não descobriu algo por que morrer, ele não está preparado para viver*”; pois

“A **covardia** coloca a questão, `É seguro? ´
O **comodismo** coloca a questão, `É popular? ´
Mas a **consciência** coloca a questão, `É correcto? ´

E chega uma altura em que temos de tomar uma posição que não é segura, não é elegante, não é popular, mas o temos de fazer porque a nossa consciência nos diz que é essa a atitude correcta”

Hoje nesta sala não se fala de **Luther King** nem de **Mandela**, mas olhando para estes jovens estudantes, não deixo de me perguntar: quem serão os seus Heróis hoje em dia? Não deixo de lembrar que no meu tempo da faculdade, os meus heróis maiores (como também de muitos da nossa geração) eram **Amílcar Cabral**, **Luther King** e **Nelson Mandela** (este por ainda ser vivo, era ídolo de estudantes de vários países africanos, latinos e europeus, a vez), dos quais tinha sempre um poster na parede do meu quarto (ao lado, claro, do de **Bob**). Aliás, quando em 1984 fui para a Rússia estudar, levei do meu quarto de Bissau, apenas o poster de **Cabral** (aquele, de casaco camuflado, contemplando o futuro) que me tinha sido oferecido pela nossa professora de História no Ciclo Preparatório (a São-tomense **Titina de Sousa**), tinha eu 12 anos ainda. Hoje, destes meus dois heróis da juventude, já sobra só um.

Nessa altura nunca pensei em “comparar” **Cabral** e **Mandela**, tão distantes, um do outro me pareciam. Um ainda vivo lutando na prisão, outro desaparecido na eternidade. Mas eu, ignorante, ainda não sabia que desde a morte de Cabral, que essa “comparação” foi se impondo; naturalmente, dado a grandeza de um e do outro e o factor de serem ambos Africanos. O mais curioso é que foi sendo feita por personalidades tão diferentes entre si, de distintos quadrantes ideológicos e de diversas nacionalidades, como o português **Otelo Saraiva de Carvalho**, o estratega do “**25 de Abril**”, que compreendeu a seu tempo, a semelhança entre estas duas figuras, dizendo numa entrevista:

A minha convicção é que foi, e seria, se não tivesse sido assassinado, talvez o maior líder africano. Ao nível de um Nelson Mandela.

Estas analogias entre **Cabral** e **Mandela**, feitas por diversas importantes personalidades e líderes mundiais (e não só) são sintomáticos para se compreender a percepção que o resto do mundo tem dele (e de nós, por analogia), mas também servem de contribuição e valioso material, para estudos futuros que se querem isentas e imparciais. Nesse espírito de “contribuição”, iniciei este capítulo com **Nelson Mandela**, para chegar a um ponto importante que aqui quero tratar, concernente as “revoluções” que atravessam o nosso mundo actual. Pois se as revoluções dos anos noventa, que destruíram as

sociedades e sistemas socialistas da Europa, pareciam ter pouco a haver connosco, como africanos, estes já têm forçosamente.

O escritor e jornalista português, de que já vos falei, **José Pedro Castanheira**, começa o seu extraordinário livro, “**Quem Mandou Matar Amílcar Cabral**” (a mais completa e abrangente investigação jornalística - ou outra - jamais feita à morte deste homem), com as seguintes palavras, encimando a primeira página da *introdução*:

Amílcar Cabral, la plus bele figure révolutionnaire avec Nelson Mandela produit pour l'Áfrique.
Gérard Chaliand

Dizer que **Amílcar Cabral**, (conjuntamente com **Nelson Mandela**), é “**a mais bela figura revolucionária produzida pela África**” em toda a sua milenária História, dá-nos que pensar (e não pouco). E não deixo de pensar que de facto ainda não “acabamos com Cabral”; mas já posso dizer que ele era mais que um “combatente de liberdade”, era acima de tudo um **revolucionário**. Um ser completo, mais abrangente e total que um simples e glorioso “combatente de liberdade”.

Gérard Chaliand é um mundialmente reconhecido especialista, em *relações internacionais e estratégicas* (para muitos, o mais conceituado teórico internacional sobre conflitos locais, guerrilhas e terrorismo). Este seu reconhecimento público da grandeza de Amílcar me leva de novo a questão abordada no “SEGUNDO INSTANTE” deste texto: a questão do “Lugar na História” de **Amílcar Cabral**. Nesse capítulo falei da necessária (e obrigatória) comparação de **Cabral** com outros vultos da história Africana, para dessa maneira termos uma ideia “real” da *grandeza* do homem, de uma forma isenta, sob o risco de sermos acusados de parcialidade ou de “admiradores sem sentido crítico”.

Embora devemos ter a humildade de pensar que se toda “essa gente” o admirava, quem somos nós para não “admirar”? Além de que a questão aqui não é de *admirar* ou não, mas de aceitar os *factos* ou não aceitar. o mesmo **Gerard Chaliand** (reputado historiador dos movimentos de libertação como o define com razão **J. P. Castanheira**) numa análise séria do homem, afirma que “*tanto pelo seu pensamento como pela sua estatura, Cabral ultrapassa o quadro da Luta contra o colonialismo português e deve ser considerado uma das figuras gradas do terceiro Mundo,*”

O mais famoso jornal Inglês, um dos mais famosos do mundo, “**The Times**”, definiu-o como “*um dos mais extraordinários dos dirigentes e pensadores da África moderna*”.

As médias suecas lhe chamaram de “Che Guevara Africano”, mas sublinhando que ele tinha méritos superiores a este revolucionário famoso. Não vou falar da França, Itália, Rússia, China, dos países Africanos, dos Árabes e todos os países do mundo que abriram os telejornais nesse dia com a notícia do assassinato de **Amílcar Cabral**. Pois Isto não é uma biografia, como já disse, mas apenas uma análise que considero necessária, a luz dos acontecimentos posteriores a sua morte, e a luz dos tempos em que vivemos. e também para situar o leitor no que lerá a seguir. Pois só assim, podemos entender os *factos* e a *dimensão* planetária deste nosso compatriota. Entendendo evidentemente que só se pode chegar *aproximadamente* perto na compreensão do *ser humano*. Pois devemos ter a consciência que em termos de História, de um modo geral, nunca podemos atingir mais que uma aproximação especulativa sobre qualquer acontecimento ou personagem histórica.

O **New York Times** e o **Washington Post**, entre centenas de grandes jornais mundiais noticiaram esse acontecimento. Mas há uma carta que viria a ser publicada no **New York Times**, quase um mês depois do assassinato de Amílcar, que define este acontecimento na sua dimensão mundial: “*é um acontecimento trágico, para todos os que, africanos ou não africanos, pretos ou brancos, acreditam no direito dos povos (...). Conheci-o como um lutador apaixonado pelos direitos do seu povo, mas também como um homem razoável, sem animosidade em relação ao povo Americano.*” Quem assim escrevia era um antigo embaixador americano.

E assim o próprio Governo Americano - que não era apoiante de Cabral (este era apoiado pelos soviéticos) – disse, na sua declaração oficial, sobre a morte dele que *“Amílcar Cabral era uma grande figura política da cena Africana (...) O Governo deplora e condena profundamente (...)”*.

François Mitterrand que veio a ser (por duas vezes) Presidente da França escreveu sobre ele um artigo extraordinário. Numa coluna intitulada *“Ma part de Verité”* este senhor da política francesa falou emocionado de **Amílcar Cabral**, com quem há menos de dois meses tinha convivido e convidado pessoalmente para passar a pascoa na sua casa em França. Nesse belo artigo há uma parte que aqui transcrevo, a partir de uma fonte publicada: *“(...) É preciso ter ouvido Amílcar Cabral. a placidez das palavras condizia com a delicadeza de um pensamento que se mantinha disponível em torno deste ponto fixo: a liberdade, essa conquista. Com ele, Portugal perde o adversário mais ponderado, o mais bem formado nos seus valores. A asneira foi de palmatória, o que empresta a este crime um horror suplementar.”*

Não posso deixar de frisar que se a asneira foi de palmatória por parte das autoridades Portuguesas, a quem **Miterrand** referia, tendo sido cometido por nós, a mando desses, foi duplamente mais grave ainda. Foi de uma imbecilidade que raia a demência, mas disso falarei mais a frente.

Em protesto pela sua morte, houve manifestações em mais de cinquenta países do mundo condenando o seu assassinato. Houve condenações oficiais de dezenas de países. A morte de Cabral foi assinalada na América, no Brasil, Chile, França, Itália, Alemanha. Zaire fez um sério aviso a Portugal. Marrocos reagiu, os países socialistas também tiveram reacções de condenação total. Decorreram manifestações de rua em várias cidades. Isto é obra. Isto é grandeza. É verdade: o homem agigantou-se tanto que é difícil compara-lo com alguma personalidade vivo ou morto. Só com esse outro gigante do nosso continente. Só com o **Madiba**. Acho que é desta constatação empírica que se originam as similitudes, analogia, comparações entre um e outro.

Por tudo isso e por muito mais, de **Nelson Mandela** o mínimo que posso dizer, é que admirava profundamente a sua luta e o seu sacrifício (que era feito em prol da dignidade do seu agrilhoado e vilipendiado povo). O “abandono” por **Mandela** dos seus filhos e mulher, é ainda mais terrível do que o caso de **Cabral**. Quando ele “interiorizou” que o povo era muito mais importante que a sua família, fê-lo de modo consciente, sem ser “obrigado” a isso; pois a decisão de passar à clandestinidade para poder organizar e dirigir o **“Umkhonto we Size”** (a Lança da Nação) na qualidade de seu Comandante-chefe, com todos os riscos que isso acarretaria para ele, até a separação brutal da sua família, foi pessoal e livre.

Por isso admiro-o ainda mais, só por esta decisão. Pois tinha uma mulher jovem e linda, quatro filhos adoráveis (dois rapazes e duas meninas) e era um advogado de sucesso. Para mim esta foi a mais determinante decisão da sua vida; decisão que de resto o levou a ser condenado a prisão perpetua. O **A.N.C.** não lhe pediu isso, apenas o povo (mas o **ANC** é apenas um Partido e como o povo não fala, temos que ter a capacidade de ouvir a sua voz, mesmo assim). Quando um ser humano abandona tudo o que tem e poderá vir a ter, para lutar pelo seu povo, quem somos nós para falar sequer?

Quando um pai põe a segurança e a felicidade dos filhos em segundo plano; quando o sofrimento destes crescerem sem um pai não demoveu, quando decide calcar com os pés a sua própria dor e sofrimento, de não ver os seus filhos crescer, separado deles anos e anos (quando o seu primeiro filho morre com 25 anos de um acidente de viação, já preso, foi proibido de ir ao enterro), por amor ao povo, por entender que este esta acima de tudo que há de mais sagrado, quem somos nós para dizer *a* ou *b*? Merecemos viver ao menos?

Ainda jovem estudante na Rússia, já conhecia esta sua determinação e coragem, o que fazia-me prestar muita atenção sobre tudo que se passava a volta dele. Lembro-me de uma altura em particular que se temia pela sua vida (pensava-se que podia morrer na prisão) e havia movimentações em todo o mundo em prol da sua libertação; eu ainda não tinha 25 anos e ele já tinha estado preso mais do que a minha vida inteira (ele foi preso em Agosto de 1962, 4 meses depois de eu nascer; portanto, nessa altura, ele

já estava preso há quase um quarto de século. E esse facto me tocava profundamente (e a muitos amigos meus); uma vez aconteceu-me, vindo de uma festa estudantil na Universidade, pôr-me a frente do seu poster, a pensar com amargura se tínhamos o direito de divertir e viver a vida, tão despreocupadamente, quando esse senhor estava numa prisão por nós. Pois a luta de **Nelson Mandela** foi uma Luta que dignificou a todos nós, a todos os Africanos; e isso, nessa altura em que ele ainda estava preso, creio que entendia melhor do que alguns nossos colegas **Sul-africanos** ou do **Lesoto**, da faculdade, que ainda viam a sua Luta como algo que dizia respeito apenas a negros Sul-africanos.

O povo para **Mandela** é um só; uma *categoria* una e indivisível. Ele que era descendente de chefes tribais, tornou-se por isso, o líder moral incontestado de todos os negros de todas as tribos. Os negros são a maioria absoluta na África do Sul, e apenas por isso, podia ser “só isso” e mais nada, e chegava e sobrava. Mas sabendo que a “ditadura da maioria” é as vezes mais pernicioso (tanto para essa *maioria* como para as *minorias*) do que o contrário (ele que conheceu a ditadura da minoria duramente na cadeia e no corpo do seu povo), posicionou-se como o líder de *todos* os sul-africanos, sejam eles brancos, amarelos, castanhos ou negros; e a todos defendeu de igual modo, partindo apenas da ideia da dignidade intrínseca que cada ser humano possui, independentemente da sua cor da pele, tribo ou lugar de nascimento. Em verdade vos digo, a nobreza e grandeza são inatas, e é dada a muito poucos; e **Mandela** é um grande nobre, no sentido mais digno e honroso deste termo.

Mandela uma vez definiu o seu país como o país do “*arco Íris*”, referindo as diversas cores do seu povo, que ele nunca diferenciou. Ouvindo essa definição, um espertalhão racista *branco*, veio logo lembrar que no *arco-íris* não existe cor negra... Isso me fez pensar que o que une todos os racistas – sejam eles brancos ou negros, amarelos ou azuis, castanhos ou verde claros - é o facto de que nenhum deles serve para coisa alguma. Na verdade além de não *servirem*, não *valem* nada. E cada dia mais, cada vez que com um converso, leio ou oiço, entendo que são *puro lixo*. E aqui não refiro-me apenas ao “lixo da história”. Os americanos usam um termo pejorativo, “*white trash*” (lixo branco) para referir a cidadãos brancos de uma condição social baixa. Mas antigamente o termo (possivelmente inventado por escravos negros) tinha uma conotação racial e discriminatória. Como quem diz “*podem dizer que o negro é lixo, mas também há lixo branco que é pior que “lixo negro”*”; é nesses termos que uso a palavra “lixo”. Pois, desde a afirmação de **Leonardo da Vinci** que sabemos que “*The color of the skin doesn't matter, that only matters is the color of the blood.*” Mas nem a cor do sangue importa pois é igual em todos, e **Leonardo** que era um génio, sabia isso melhor que eu. Deus nisso apenas quis divertir-se um pouco com os homens, dando-nos cor de pele diferente, para depois por debaixo dela “sangue da mesma cor”.

Isto tudo me faz graça, pois **da Vinci** era pintor, e a “cor” para ele, era provavelmente a coisa mais importante do mundo; mas falando de *cor* e *cores* acabei lembrando-me de um dos artistas de quem mais gosto e admiro, o incomparável **Bob Marley**; meu fiel companheiro nestas compridas noites de escrita. Durante muito tempo, não soube que além de músico ele também era um arguto pensador.

Dele só digo que há homens, que apenas pelo facto de terem nascido e vivido, deviam ser pagos. Geralmente, para me acompanhar nesta solitária caminhada noite e noite adentro; enquanto escrevo, escuto-o e acabo apreendendo sempre algo com a sua música. Fala-me do seu deus **Jah**, da dignidade do homem negro, da unidade de África, da revolução e da redenção.

Uma vez disse que “*enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra*”. Achei esta frase interessante e linda, porque desde que me lembro de mim como ser humano, sempre prezei o “brilho dos olhos” e sempre desprezei a “cor da pele”. Cedo entendi que o *brilho dos olhos* é quase sempre provocado pelo amor, pela paixão por uma mulher, ou pela entrega a uma causa nobre, enquanto *a cor da pele* é apenas um acidente de nascimento... só isso e mais nada (tirando o divertimento de Deus).

Quando **Mandela** morrer - como foi com **Cabral** - o mundo inteiro parara por um instante, e milhões e milhões de seres humanos pensarão nele por um momento, num instante de grandeza universal. Todas as rádios e televisões do mundo interromperão as emissões para a anunciar o luto. E não será

somente o pesar dos negros do seu país, será o pesar de todos os Sul-africanos independentemente da cor ou tribo; e não será apenas a dor dos Sul-africanos, será a dor de todos os Africanos. Será também o luto dos homens do planeta terra, o luto dos seres humanos dignos. Só não será o luto daquela minoria pestilenta que destila o racismo, o tribalismo sectário e ódio entre os seres humanos por causa da cor da pele.

THE RISE OF NEGRITUDE

A SEGUNDA LIBERTAÇÃO OU A PRIMEIRA REVOLUÇÃO?

“ (...) Mais je déchirerai les rires banania sur tous les murs de France.”

Leopold Senghor, Poème Liminaire,
Noires Hosties, 1948

Mas as analogias entre **Cabral** e **Mandela**, não servem apenas para decifrar o passado, mas para entender o presente e preparar o futuro. Por isso antes de continuar, sou obrigado a “situar” o leitor no verdadeiro *sentido* e *objectivo* deste trabalho que chamei **Sete Instantes de uma Primavera** em *recordação* a **dezassete** outros do tempo da minha juventude e em homenagem ao longínquo ano de **1848**: o chamado **ano da Primavera dos Povos**.

Nós, Guineenses, temos o hábito de quando falamos ou escrevemos sobre a política nacional restringirmos a *política* ao conjunto de acontecimentos e actos perpetrados por alguns protagonistas contemporâneos que por uma ou outra razão desempenham ou desempenharam certas funções no Aparelho do Estado. Isso empobrece o debate, escamoteia e põe em segundo plano, os principais problemas da Nação. Mas o pior de tudo, potencia o primado da **Política** sobre a **História**; e esquecendo que a *política* é a *história* de amanhã, perdemos de vista o importante, e trocamos o *acessório* pelo *principal*.

Por isso procuro sempre falar em termos de *Nação* e não de *Partidos* ou de indivíduos particulares. Aliás, entendo que em termos *políticos* nacionais, os actos particulares de uma individualidade, por mais perniciosas que sejam, nunca o são (ou seriam tanto) totalmente, se não forem replicados centenas de vezes, por centenas de outros indivíduos de uma forma ou outra, enganados ou conscientemente, num pernicioso “seguimento de exemplo”; pois a natureza humana não é propensa seguir bons exemplos, apenas os maus. Também entendo que a “origem” das decisões perniciosas é um “caldo de cultura” baseado em falsidades, traições, e indiferença pelo povo, que no limite faz com que o “chefe” (do momento) tome esta ou outra decisão. Mas seja qual ela for, que ele tome, será má; pois os pressupostos que nortearam o seu despoletar, geralmente, já estão gangrenados na *origem*.

Feliz ou infelizmente, eu não penso em termos de indivíduos, mas de gerações; não penso em termos de anos, mas de decénios e sempre que possível, em séculos. Mas infelizmente, como **Franz Fanon** “*Pertenço irredutivelmente a minha época.*”, e ao contrario dele, pretendo “*preparar o mundo que me sucederá*”. E entendo que se o “*futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente*”, o presente ainda mais. Por isso neste momento a premência é outra, temos que *reunir* o povo, *erguer* a nação e *apontar* o caminho.

Mas acreditando nisso, acredito também que cada um de nós pode fazer diferença. E se queremos ser *parte* do futuro do nosso povo, só podemos, querendo que ele *seja* para que possamos *ser*. Assim sabendo que só *sou* quando ele *é*, e só *serei* quando ele *for*, arisco escrever em *seu* nome - mas querendo que seja em seu benefício-, *adivinhand*o o seu querer, *vivendo* os seus sonhos, embora com a lúcida percepção das minhas imensas limitações em termos políticos, sociais, culturais, económicos, históricos e filosóficos. Pois sou dos que acreditam que “*um homem é uma fracção cujo numerador*

*corresponde ao que ele é, enquanto o **denominador** é o que acredita ser” como **Leon Tolstoi** disse uma vez.*

E sendo (querendo ou não) um “intelectual”, uma pessoa que só vê o mundo através das lentes da Ciência, mas que acredita no *Divino* e na *Providência* como razões últimas da nossa existência, sei, que o meu dever é fazer o que humanamente posso pelo meu povo, a quem devo tudo o que sou. Por isso, se estes pensamentos, insignificantes que sejam, quem sabe no futuro, quando já não fazer parte deste mundo, servirem para outras gerações de Guineenses, saberem quais eram as nossas ideias, sonhos e esperanças nestes momentos tão difíceis para a Pátria, terão realizado o seu *primeiro* objectivo. E modestamente espero, que se isso vier a suceder, só por isso, terá valido a pena tê-los escrito.

Por isso deixo-vos um “desabafo” de **Franz Fanon**, escrito ao seu famoso livro “**Pele Negra Máscaras Brancas**”, que eu acho interessante na medida em que, amiúde, sou motivado pelos mesmos sentimentos que também me assaltam amiúde:

Não venho armado de verdades decisivas.

Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais.

Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas.

Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida.

Faz tanto tempo...

Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou.

E muito menos aqueles a quem ela se destina.

E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo.

Em direcção a um novo humanismo...

Hoje vejo que textos, cartas, tomadas de posição, controvérsias, etc., entre políticos e intelectuais, escritas há quase duzentos anos atrás, têm ainda hoje o condão de nos maravilhar se tivermos uma formação intelectual, uma curiosidade permanente sobre o futuro, uma necessidade premente de aprender. Por isso nos trabalhos precedentes (e capítulos anteriores deste) tentei sempre deixar um entendimento claro, e os pressupostos que norteiam este “dever de escrever”. Sempre com a preocupação de ser “bem entendido”. Aqui falo no sentido de ser bem entendido apenas intelectualmente na sua vertente política; e em nenhum outro sentido (faço questão de o sublinhar, pois não estou realizando trabalho de ninguém). Mas como não se pode escrever um texto político e depois escrever outro para explicar o primeiro (com o perigo de termos que escrever um terceiro para decifrar este), também nunca poderei explicar tudo e nem tudo dizer. Mas espero que a maioria me entenda que as minhas palavras nunca terão segundas intenções e nunca servirão para amesquinhar e denegrir (coisa que não concebo como ser humano) e nem servirão outro objectivo que não seja engrandecer a pátria. Pois por mais estranho que pareça a alguns, o engrandecimento pátrio também faz-se com literatura, música, cinema, teatro, escultura e todas as outras artes que habituamos a ver como menores. Também se faz com licenciaturas, dissertações de mestrado, doutoramentos, limpeza de bairros, civismo e um pouco de bom senso.

Precisamos *levantar e caminhar*, amaparar os fracos e os descrentes, em *direcção a um novo humanismo*; precisamos de uma lufada de ar fresco nos nossos hábitos, considerações, ideias, pressupostos, e objectivos futuros para a Nação; seja a curto, a médio ou a longo prazo. Uma lufada de ar fresco, que tanto precisamos, desde 1974 para realizar o “verdadeiro recomeço”; um **recomeço espiritual** que nunca fizemos. Nem os intelectuais, nem os políticos, nem o povo em si, depois de todas as catástrofes que se abateram sobre nós (e talvez opor isso mesmo), não conseguimos realizar. Este *recomeço*, pela qual pugno, será o nosso “ponto de restauro” nacional. e sem comtemplações morais, políticas ou credices ultrapassadas, temos que “lavar a criança”, e deitar fora a água suja com

todo o *lixo cultural e intelectual*, acumulado durante dezenas de anos; mesmo antes do selvagem assassinato de **Amílcar Cabral**.

Mas ao deitarmos fora a água, a *criança* deve ser salva, pois muitas vezes em “horas de sublevação” deita-se fora, inadvertidamente, a criança juntamente com a *água suja*. aqui, refiro-me, apenas ao recomeço espiritual, pois **Marx** que me perdoe, mas neste instante da nossa existência, temos que partir do *espiritual* para chegar ao *material*; ao bem-estar e progresso (e em tempo útil, nesta geração, e não daqui a dezena de anos).

Devo dizer, que escrevo à procura de um recomeço nacional. Uma quimera para alguns, mas que sei sem sombras de dúvidas, que esta ali algures, entre golpes e contra golpes, atentados e enfrentamentos, intencional e *inventonal*, *guerras civis* e *pazes* militares, que desde 1974, se sucedem uns atrás de outros neste pedacinho do mundo. Tudo o que antes nos pareceu ser um “recomeço” ou um simulacro do mesmo, falhou redondamente: nem o 14 de Novembro, nem a ascensão do multipartidarismo, nem a chegada ao poder do primeiro Governo formado por “os que não foram a Luta” (a dos jovens que por não terem participado de forma liderante na **Luta de Libertação** e por terem “ideias superiores” aos antigos militantes), nem o fim da guerra civil e intervenção estrangeira, de 1998, nem a subida ao Poder do primeiro Governo sem o PAIGC (**Kumba Yala** e PRS), nem tudo o que se seguiu, (incluindo o regresso de **Nino Vieira** como presidente da República de novo) deu-nos alguma nova esperança, ou uma luz no fundo do túnel onde devemos vislumbrar a nossa herança histórica, que deve ser finalmente *virada* (como está, de cabeça para baixo e pés para cima) e fincada na terra, com os pés bem assentes, e dessa maneira ser reposta a *normalidade*. E aí sim; realizaremos àquele “**Revolução da Normalidade**” de que já vos *falei* há já algum tempo.

Por isso independentemente do nosso caso nacional é necessário dizer que o que hoje assistimos é o início da **segunda libertação** ou a **primeira revolução africana** continental se quiserem. Historicamente o ano de **1960** foi considerado o ano de África, o **ano de libertação**. E este **2010** ficará na história como o ano do início da **segunda libertação**. Pois os povos africanos, foram *libertados* do colonialismo, para imediatamente serem *aprisionados* pelos partidos e movimentos libertadores. Isso aconteceu desde a Argélia até ao Sul do Continente. Isso aconteceu porque as partes mais “esclarecidas” dos movimentos de libertação, foram aprisionadas pelas partes mais “retrógradas” e reaccionárias dos mesmos.

1960, ano de África, ano de “libertação”. **2010**, ano do Povo Africano, ano da segunda libertação. Duas datas separadas por cinquenta anos “feitos do nada”. Cinquenta anos deitados fora criminosamente, e aqui “criminosamente” não é “uma forma de dizer”, é a única forma de dizer. Nunca houve na época moderna da história da Humanidade um período tão longo de decréscimo económico, paralisação de estruturas sociais, ditaduras, golpes de estado, crimes sangrentos, fome, peste, doenças, e destruição de povos inteiros, pelo genocídio, corrupção, roubo, animalidade, impunidade, desregramento moral, experimentado por dezenas de países africanos num mesmo tempo e numa mesma época.

No tempo colonial, havia uma ditadura vil e criminosa, rumo a uma modernidade forçada (mas hoje tão necessária). Com o *processo das independências* houve outra ditadura, também ela vil e criminosa - duplamente criminosa, porque era feita, não por estrangeiros colonizadores, mas pelos próprios filhos da pátria - rumo a um atraso forçado.

As partes mais esclarecidas dos movimentos de libertação foram aprisionadas pelas partes mais retrógradas em nome de uma negritude baseada em tradições retrógradas e atrasadas, isto falando apenas no âmbito cultural. E assim criaram-se sociedades em que por um lado a modernidade espreita através dos Quadros, na forma de graus académicos e estudos complexos, mas ao mesmo tempo, o atraso campeia nessas mesmas cabeças, por influência do aprisionamento mental e ditadura do atraso que fez parar no tempo um processo iniciado há quarenta anos atrás. por isso, engenheiros, arquitectos, juristas, até médicos (!) quando adoecem dizem que “**i tarbessadu**”; “**alguim ku fassim mal**”. é triste mas é a nossa realidade forçada por um processo interrompido. Somos uma dualidade em termos

intelectuais, uma nova estirpe de intelectual que o mundo nunca tinha conhecido: o *intelectual inculto* ou o *inculto inteligente*.

Casamos na mesma pessoa, as mais atrasadas crenças da humanidade - que outros povos abandonaram a dois mil anos -, com a mais moderna ciência que ainda está-se a fazer nos nossos dias aos nossos olhos. E saber que países como **América, Brasil, Martinica, Portugal**, constroem sociedades modernas, com o nosso sangue, e nós a chafurdarmos no mesmo atraso secular de 400 anos atrás.

Somos o povo mais poderoso da terra, pois nunca morremos de morte natural; só morremos por desejos de alguém; de alguém que nos foi “fazer mal”. Se não tivéssemos inimigos viveríamos eternamente; pois morrer como? De que forma? Se só morremos de mau-olhado, de feitiços, de trabalhos? *Meu Deus, meu Deus, porque nos abandonas-Te?*

Um jornalista português escreveu que na altura da morte de Ansumane Mané, os que perpetraram esse acto, tiveram o cuidado de o despojar dos **mesinhos** (protecções) que tinha na cintura e no peito, porque acreditavam que só o poderiam liquidar se não os tivesse consigo. Será que não pensaram que se tais protecções valiam na verdade alguma coisa, ele não estaria nas suas mãos? Outro jornalista (ou seria o mesmo?) português conta que por alturas da Guerra de 1998, com o malogrado Presidente **Vieira** já expulso do palácio pelos rebeldes, refugiado na Embaixada de Portugal, alguém lembrou-se de levar para as instalações dessa Embaixada Europeia um carneiro branco para o proteger. Pois segundo as “nossas tradições” (!) as cabras brancas protegem as pessoas ou os locais onde essas se encontram. Desconheço a veracidade ou não destes episódios, mas é revelador de crenças que não contribuem em nada para o desenvolvimento e o respeito que merecemos no mundo.

Mas aqui devo fazer uma pequena interrupção: mesmo não sendo sociólogo, sei que mesmo aqueles que entre nós *acreditam* nestas patranhas, na verdade *não acreditam*. Quem por exemplo, que sabe que os militares vão invadir a sua casa, para o matar ou prender, não foge, mas vai buscar um cabrito branco e amara na porta e vai tranquilamente ver a televisão? Ninguém! todos fugiriam, mas aceitam isso como uma tradição apenas... ? Eu respeito as crenças de todos os guineenses, embora não acredite neles e os ache perniciosos para o País. Ma não aceito que um representante de todo o povo (embora como pessoa particular acredite nelas) os utilize e faça a sua apologia. Pois se o imbecil de **Yahya Jammeh** acredita que pode curar a **SIDA** com as suas mãos e ervas, isso é um problema de forro psiquiátrico pessoal dele, mas não tem o direito de envergonhar todo um povo com os seus disparates. Como aqui na Europa o mostraram, na televisão, como um autentico pateta, governando uma nação africana.

Por isso, Deus nos ajude. Se apenas fosse apanágio das classes menos abonadas, de pessoas a quem por incúria dos nossos governantes não conseguiram “ver” a luz da ciência e os faróis do progresso. ... Mas infelizmente as classes que governaram, os dirigentes máximos, eram ainda piores. Pois com os privilégios do poder, as atrasadas superstições e tradições, são potenciados ao máximo. Pois se matar uma virgem trás a felicidade para o responsável, matar 10 deve trazer o Céu na terra para ele. Se antes matava-se uma vaca em honra dos mortos, os dirigentes passam a matar 100. Se bebia-se um garrafão de aguardente, passa-se a beber centenas, destruindo os vivos e mortos. Pois estes nunca em toda a sua vida dentro da morte tiveram tantos privilégios. E assim a incúria e a maldade campearam impunemente na terra africana durante meio século. Séculos de dor, mas sem nenhuma esperança, pois quem já foi libertado não pode pedir mais. Só tem que agradecer eternamente...

Cabral na sua plenitude como pensador; na compreensão exacta do resultado da sua **revolução** décadas e décadas no futuro, perspicaz, visionário, julgando ter a chave da História, já previa o resultado da sua revolução 100 anos depois dizendo: “(...) *No entanto, não tenho dúvida nenhuma de que os filhos dos nossos filhos vão elogiar o PAIGC, que soube lutar, mas vão dizer sorrindo: os nossos pais acreditavam em coisas bizarras, em coisas estranhas*”.

Mas aqui, infelizmente (por enquanto) ele estava completamente enganado, pois esses “filhos dos nossos filhos” não vieram a “elogiar” o PAIGC pois em sã consciência, não tiveram nada para elogiar;

e muitos deles, como os seus pais antigamente, ainda continuam, infelizmente, a “acreditar em coisas bizarras, em coisas estranhas”.

Isso sucedeu porque infelizmente a **revolução** de Cabral foi interrompida antes que desse frutos. Mas essa **revolução** que foi afogada em sangue um dia dará frutos, continuando no além, o pacto, a **aliança**, entre Cabral e o seu povo.

Tudo isto começou porque num fatídico momento da nossa história entendeu-se que a **Luta de Libertação Nacional** era um projecto de conquista, que se realiza sobre o povo e a pátria, para depois se dividir os despojos. Seja em forma de postos governamentais ou feudos. Esquecendo que era um empreendimento **sagrado** consubstanciado no **dever** nacionalista de só parar de lutar depois de a pátria ser libertada. Esta obrigação moral incontestável - validado com o sacrifício que os que morreram permitiram e legitimaram com o seu sangue - era “aquele *algo impercepcionável que os “ultrapassava” - como indivíduos singulares - e só pode existir no colectivo do povo*” de que falei na minha **introdução**.

Mas a parte “retrograda” e reaccionária desses movimentos de libertação (existem em todos os movimentos) feito de muito gente para quem a simples subsistências, acesso a bens materiais (que nunca tiveram por culpa do colonialismo), para quem a melhoria das condições de vida, era mais importante que a liberdade e dignidade do povo, não podiam compreender a essência profunda de uma Luta feita em nome de princípios (embora o objectivo final fosse a melhoria das condições de vida do povo em geral).

Foi assim, neste caldo de cultura que a direcção dos processos revolucionários africanos caíram em mãos de “fraca” gente que a história nos ensina faz “fraco” o povo”. Fracas vontades, que depois inquinaram todo um processo. Fracos seres, fracas mentes, facilmente corrompíveis ideologicamente.

As **Luta de Libertação** como foram feitas de armas na mão - e também por causa do subdesenvolvimento dos povos, que nunca perceberam a importância maior da **Organização Política** (O. P.) em relação ao exército; e nem que **Organização Militar** (O. M.) só actua sob a direcção e orientação da **Organização Política** - deram uma legitimidade incorrecta aos que tinham como instrumentos de trabalho as metralhadoras; os que tinham as canetas e livros como instrumentos de trabalho, foram relegados para o segundo plano desde o inicio das **Lutas de Libertação**. Não tanto na cúpula dos movimentos, mas na mente e na percepção popular. E quanto a essa tendência, pouco se pode fazer para inverte-la (porque também, entre outros factores, os Presidentes desses movimentos eram também ao mesmo tempo os chefes máximos da **O. P.**, e **O. M.**). Esta insanável contradição foi determinante em muitos momentos das Lutas de Libertação, e veio determinar o futuro desses movimentos; em alguns casos, os assassinatos dos primeiros líderes tiveram uma ligação directa com esta contradição.

Isso nunca aconteceu no resto do mundo, nem os maiores generais romanos (em geral) não passavam e nem punham em causa o **Senado**. e mesmo quando eram nomeados “Ditadores”, era pelo Senado de Roma. Para não falar dos generais americanos, alemães, franceses e russos que nas grandes Guerras Mundiais foram sempre conduzidos pelo Poder Político.

Para ilustrar o que acabo de dizer vou de novo contar-vos uma história: Uma vez, durante a **Segunda Guerra Mundial**, os inimigos de **Ilya Ehrenburg** - o grande escritor soviético, autor da “A Queda de Paris”, famoso romance que na altura exerceu algum fascínio em círculos intelectuais franceses (o meu exemplar foi-me oferecido em Bissau, quando tinha 15 anos, pelo **Atanásio Miranda**, já muito depois da sua prisão em Portugal) - foram arranjar intrigas entre ele e **Stalin**. Nessa altura **Stalin** mandava matar pessoas “por da cá essa palha”; **Stalin** era um psicopata, totalmente descontrolado, cometendo crimes hediondos, matando gerações inteiras e exterminando povos inteiros. No fundo não era mais do que um vil criminoso de delito comum. Agora imaginem ter problemas com um diabo destes... Mas felizmente para o escritor, **Stalin** era doido, mas lia; e melhor ainda, não só lia, como lera as suas obras e tinha uma aguda noção do que precisava para ganhar a Guerra contra **Hitler**; pelo que

respondeu aos intrigistas que **Ilya Ehrenburg** sozinho, valia por 10 Divisões Soviéticas; que ele com as suas exortações ao povo e aos soldados, dava um apoio inestimável a Guerra; galvanizava o povo na retaguarda e os soldados na frente de combate, de tal forma, que o resultado da sua resistência seria *comparável* ao “equivalente resultado dessas tais divisões”.

Isto para dizer que durante a Luta de Libertação houve pessoas que fizeram mais pela vitória, do que comandantes da frente de combate, mas nunca viram o seu valor reconhecido por igual, apenas porque não tinham e nunca tiveram uma metralhadora nas mãos. E por isso não ocuparam postos onde poderiam ter feito a diferença no caos que veio a se instalar.

No caso das colónias portuguesas, os fundadores dos cinco movimentos, eram oriundos de uma pequena burguesia negra que tanto em Angola, Moçambique ou Guiné não procuravam ou ansiavam propriamente por “meios de subsistência” seja em forma de postos de trabalho ou em “montantes pecuniários”. Esse “aspecto” material já estava ultrapassado. Eles procuravam a dignidade, libertação e reconhecimento como iguais, perante os homens brancos, para o seu povo.

E assim, em nome de um regresso às origens, hipócrita e venal, em nome de uma “negritude” deturpada que nem um **Cheik Anta Diop**, já para não dizer **Leopoldo Senghor, Franz Fanon, Damas ou Aimé Césaire** podiam imaginar, nos seus piores pesadelos: todo o processo de desenvolvimento e integração económica e cultural com o resto da humanidade, em pé de igualdade, que tinham sonhado e pugnado, ficou refém de apetites déspotas e atrasadas.

O sorriso “banania” - do Africano, “criança grande”, incapaz de “pensar”, apenas de “sentir”, sem capacidade de tomar conta do seu destino -, que os pais da **Negritude** queriam “tirar de todas as paredes” de França e do mundo, voltou com força redobrada, potenciada por gargalhadas facínoras de dezenas de ditadores boçais, criminosos, assassinos e gatunos que tomaram conta de África. E assim eram outra vez olhados pelos europeus que achavam que as independências eram um erro; como que a dizerem: *Vêem estes ridículos presidentes? Vêem estas crianças grandes? Não sabem se governar... são piores para o seu povo que os colonialistas...*

- Sim venerando académico, e excelentíssimo pensador **Leopold Senghor**, ficaram piores do que aqueles em quase todas as coisas. O riso, a gargalhada **banania** voltou, pois o respeito que exigias para os Africanos, aos quais dizias no teu poema **Chants d'ombres**: “*Vous n'êtes pas des pauvres aux poches vides sans honneur*” aos quais juravas vingar da «falta de respeito» dos brancos, prometendo: «*je déchirerai les rires banania sur tous les murs de France* », vieram a sofrer de ainda maiores faltas de respeito as mãos dos seus.

O respeito no relacionamento, a igualdade no tratamento e dignidade para os nossos povos que exigias dos **europeus** e que começou a ser imposta com as Independências, cedo perdeu-se. Pois a prática *política e delituosa* de ditadores tão ridículos, que não contente com envergonharem-se a si próprios, e as suas famílias, envergonhavam os seus povos e a África inteira, fazendo com que povos orgulhosos, milenares, fossem olhados como um rebanho de simples idiotas, pelos europeus e outros povos do mundo. Um chegava ao ridículo de irem a tomadas de posse de presidente e coroações de reis para as quais não tinham sido convidados. Outro de praticar o canibalismo. Outros como Samuel Doe, foram tão caricatos a começar como a terminar. Para não falar da antropofagia que obrigaram ao pobre povo de **Biafra** praticar anos atrás, obrigado pelas suas desavergonhadas guerras pelo poder, lançando esse anátema sobre o continente inteiro e aos filhos de África. E estes são apenas alguns exemplos, entre vários, lembro-me de tantos já desaparecidos e tantos ainda andando por aí. Tudo isso violenta o meu ser. E não podia falar aqui deste aspecto extremamente importante.

Durante mais de cinquenta anos, esses ditadores, foram uma desgraça que abateu-se sobre o povo Africano; como aves de rapina de um mundo pré-histórico, matando pela fome e pelas balas centenas de milhares de africanos; numa sanha assassina nunca vista desde a idade média. Muitas vezes destruindo numa década, mais do que o colonialismo em centenas de anos.

Tudo isso em nome de uma legitimidade espúria, baseado numa falsa ideologia de “negritude”. **Cabral**, este postulado do passado e do presente, tinha a noção exacta deste perigo. Apercebeu-se com clareza do que acontecia em algumas partes de África, já no seu tempo. E sobre isso disse que “*em certas partes de África o colonialismo foi substituído apenas por outros de cor diferente*”, se que assim posso resumir.

E o povo africano que esteve debaixo do jugo e do látigo destes facínoras, depois de “séculos de dor”, sem nenhuma “esperança”, voltaram a ser os “condenados da terra”, que **Fanon** exorcizava, por isso sobre eles também é legítimo dizer o que **Aimé Césaire** disse dos seus avós e pais no seu **Discurso sobre o colonialismo**: “*Falo de milhões de homens em quem deliberadamente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a prostração, o desespero, o servilismo.*”

Os pais da *Negritude* (**pretundade**), tinham em mente consciencializar e dar orgulho ao homem negro. Faze-lo orgulhar-se da sua cultura e da sua herança; não para o “complexar” anos depois, fazendo deles os mais pobres entre os pobres do mundo. Os mais ridicularizados entre os ridículos deste mundo. Sendo governado por ditadores corruptos e venais, incompetentes e genocidas, racistas e anti-patriotas, esses povos passaram a ser olhados com comiseração e pena, misturados a um paternalismo que entendiam que “eram crianças grandes que não sabiam se governar”. Mas isso era mentira, apenas estavam aprisionados, agrilhoados dentro das suas próprias pátrias, por tiranos que falavam em seu nome e comportavam-se como donos desses países.

Pobres de nós africanos: éramos prisioneiros libertados ou libertados aprisionados. Pois diferente do povo de **Mandela** que lutava pela liberdade, nos “infelizmente” já estávamos “libertos”, já vivíamos em felicidade e nadávamos em progresso. Portanto lutar como? Para que? Os fundamentos para as revoluções, teoricamente e ideologicamente, não existiam. Fundamentos para a raiva, para a pequena indignação individual, mas não para o levantamento popular. Estávamos, como povos, num beco sem saída histórico. E assim nos Africanos, vivemos dezenas de anos na mais abjecta pobreza, sustentando malandros e bandidos que nos “representavam”, a “pão-de-ló”.

No tempo antigo, havia uma ocupação e ditadura atroz (chamada colonialismo), rumo a uma certa modernidade baseada nos valores colonialistas e de certa forma, “cristãos”. No nosso tempo, houve outra ditadura (chamada Independência) rumo ao atraso (e não há um certo atraso) e ao ateísmo; rumo ao envilecimento e abastardamento do povo; rumo ao desagregamento nacional; rumo ao ódio entre elementos do mesmo povo e contra a sacralidade dada por Deus a vida humana.

Mas o que me doe mais, “**kil ku ta queman**”, é saber que esses ditadores nunca poderiam ter feito o que fizeram, sem a ajuda zelosa desses que estão sempre prontos a dividir o povo em *puros* e *impuros*, em *genuínos* e não *genuínos* em *preto-nocks* e *burmedjo-waks*. Mas que percebem eles (e as elites que os apoiavam) disso? Do orgulho de um povo? Da dignidade de uma nação? Homens como **Mobutu**, **Bokassa**, **Idi Amin**, **Milton Obote**, **Sekou Toure** (que matou mais de 70000 filhos do seu povo) - **Denis Sassou Nguesso**, **Paul Biya**, **Yahya Jammeh**, **Mswati III**, **Ali Abdullah Saleh**, **Samuel Doe** (que julgava ministros de manhã e fuzilava-os a tarde) entre tantos e tantos, só fizeram o que fizeram com o apoio de uma certa elite africana que sempre os apoiou e endeusou. Gente sem escrúpulos que igual a eles; em todos os regimes brutais e sanguinários que a África conheceu estiveram lá e continuam sempre a espera que apareça um impostor para o seguirem.

Enfim, são eles a nossa desgraça; são eles, os futuros continuadores desses ditadores, que muitas vezes neste momento já estão em algum posto, mesmo que insignificante, do poder. São os **Bokassas** de amanhã, os candidatos a **Idi Amin** do futuro... há pouco tempo os árabes matavam negros no **Darfur**, mas nenhum presidente negro levantou a voz, de facto, para defender esses nossos irmãos. Foi preciso brancos virem em seu socorro para hoje terem uma pátria. Foi preciso personalidades como *Georges Cloneys*, *Billis Clintons* e tantos brancos deste mundo, virem em seu auxílio. Porque que todos os presidentes da África negra não se reuniram para defendê-los? Porque estão habituados a receberem o dinheiro dos presidentes árabes que compram as suas consciências ou por uma solidariedade de casta?

Estes presidentes nunca levarão o povo africano a lado nenhum e por sua vez nunca são levados a sério em lado nenhum. Só entre eles e as vezes nem isso...

E depois nos queixamos de intervenções estrangeiras, como no caso da Líbia. Há pessoas que vejo indignados a defenderem **Kadafy**, que está a quarenta anos no poder, e a preparar os filhos e netos para o substituir. Ele que já foi um terrorista que matava inocentes, como agora um seu ministro demissionários, vem confirmar sobre o avião que explodiu em **Lockerbie**. Mas não vi essa mesma gente preocupada ou protestando quando o facínora **Omar al-Bashir**, Presidente do Sudão (há vinte e dois anos, depois de um golpe de estado), criminoso de delito comum, com um mandato de captura internacional, mandava matar negros no **Darfur** só por serem negros.

Os Chefes de Estado da África Negra o recebiam de braços abertos na sede da **União Africana**, (embora com um mandato de captura internacional, sabia que nessa grande casa sempre estaria protegido) indiferentes aos seus crimes, totalmente indiferentes sorte desse povo negro, inocente, que morria nas mãos dos árabes apenas por serem negros; milícias que vinham de todos os países árabes para lhes matar, aram financiados por quem? Gostaria de ver um Presidente de qualquer país da África Negra, mandasse matar um povo árabe qualquer. Ele iria em dois dias o que lhe aconteceria. Mas quando é o contrario, não tem importância, é uma festa; afinal há presidentes matam os seus próprios cidadãos.

Esses presidentes africanos que o abraçam e dão-lhe todo o apoio sem nenhuma vergonha na cara e depois se dizem africanos, são tão bandidos como ele, e merecem a força da mesma maneira que ele. e fazem isso falando de uma “solidariedade africana” e de uma “dignidade africana” mentirosa e podre, como a carne podre dos cadáveres em decomposição nos campos da morte de **Darfur**.

Foi preciso América intervir para se acabar com esse vergonhoso genocídio. A **União Africana** nada fez de concreto. E hoje queixa-se de “falta de autoridade” e que “não se lhe respeita”. Quem quer ter respeito deve “dar-se ao respeito”. O respeito conquista-se.

A **União Africana** não serve para nada, como a **Liga Árabe** também não serve para nada (Kadafy disse há dias em directo pela televisão que a **Liga Árabe** nem existe): não servem porque esqueceram que devem estar ao serviço dos Povos Africanos e Árabes e não ao serviço dos dirigentes desses estados. Por isso ninguém os respeita e nem se respeitam entre eles. E contribuem enormemente para o abastardamento dos nossos povos. Estes dias alguns Presidentes Africanos, no quadro da **União Africana**, desdobra-se em consultas e visitas a **Kadafy**, para eles, o destino desse é mais importante que o do povo negro de **Darfur**.

O único país árabe africano onde o ditador ainda resiste (neste momento em que escrevo) é o único que é ainda organizado em tribos (e também onde o povo é mais atrasado evidentemente). E como já disse, é essa organização que - actualmente, neste estádio de desenvolvimento humano – é a mais contrária a liberdade e progresso dos povos. O único país em que revolução falhou por agora é a Líbia porque como disse é o único que ainda esta dividido em tribos. E também por isso é ainda o mais atrasado; e também o único em que o ditador pode engana-los dizendo que o povo é “Al-Qaeda” e que a revolta é uma “invasão ocidental” para roubar petróleo: e muitos infelizmente acreditam. As tribos Líbias são a parte mais atrasada do muno árabe, por isso **Kadafy** fala com eles como se falasse com crianças. E parte da tribo dele vai defende-lo até ao fim, pois para a *tribo* (enquanto ideologia) a nação não conta, o resto do povo não conta, apenas o estrito interesse tribal.

No fundo estas organizações só servem para legitimar (e dar palmadas nas costas uns dos outros) os títeres que nos governaram durante anos. A antiga **O.U.A.** também só servia para isso, e a sua mudança para **U.A.** não alterou substancialmente muita coisa. Contaram-me que uma vez, o doente mental (na verdade, maluco chanfrado) que foi Chefe de Estado Liberiano, o sargento **Samuel Doe**, uma vez foi a uma dessas reuniões de chefes de Estado de África, onde foi recebido como um Presidente (imagine-se). E na altura dos convívios, os seus sanguinários homólogos lhe chamaram

para se juntar a eles; ele percebeu que todos eram generais e marechais - parece que o *Marechal Samora* estava lá também (e há quem diga que ele é que contou este episódio) - e como ele era um simples sargento, sentiu-se constrangido e disse: *um sargento não pode estar ao lado de generais* (era doido mas tinha alguma “vergonha na cara”, os outros nem por isso). Responderam-lhe que “isso é quando ainda não se é Chefe de Estado (Africano), pois depois de o ser, mesmo que antes tivesse sido um chofer, um soldado, um assaltante de casas, tudo era perdoado, e tornava-se “uma personalidade”, com direito ao respeito e “dignidade” de um verdadeiro representante do povo africano. Dizem que mesmo assim, a “vergonha na cara” falou mais alto e ficou no seu canto. Mas acho que isso serviu-lhe de lição e como ele sabia, por aquele pouco que estudou, que nunca se pode passar de sargento a general, mesmo em África, mesmo sendo Chefe de Estado, auto nomeou-se “Sargento-chefe”. Coitado da África. Coitado de nós africanos... **Lebssimento passanta...**

Mas se isso passou há vinte anos atrás, hoje ainda, um contemporâneo de **Samuel Doe**, pior que ele, continua no poder e chama-se **Obiang Nguema**. Está há mais de trinta anos como presidente da Guiné Equatorial, e diz que o seu país é um exemplo de democracia no mundo, pois ganha eleições com mais de 95% de votos. Subiu ao poder do “modo clássico”, derrubando por golpe o antigo presidente que foi fuzilado. Já foi chamado de “pior ditador de África”. Mas foi “reeleito” em 1989, sendo candidato único (eleições de candidato único, uma particularidade das democracias africanas). Eleito, ilegalizou outros partidos, foi novamente “eleito” em 1996 e 2002, em eleições que foram (estranhamente) consideradas fraudulentas pelos observadores internacionais.

“Muitos observadores nacionais e internacionais consideram o seu regime um dos mais corruptos, etnocêntricos, opressivos e não democráticos do mundo.” E esta figura espera vir a ser o próximo Presidente da **União Africana** por isso hoje contrata assessores americanos por milhares e milhares de dólares para melhorar a sua imagem. Mas quem escreve a notícia não esquece de dizer a maior parte dos rendimentos do petróleo e gás do seu país vão parar em bancos estrangeiros em contas particulares.

E se um dia conseguir vir a liderar a **União Africana** não me surpreenderei muito, atendendo a história dessa nossa organização, pois já esta a procura certas legitimidades internacionais como o de pertencer ao clube dos Presidentes de Países de Língua Oficial Portuguesa.

É esta irresponsabilidade de certos Presidentes Africanos, esse facilitismo imbecil e trágico com que relacionavam-se com os seus cargos, que sempre norteou e determinou o nosso triste subdesenvolvimento Africano em relação ao resto do mundo. Hipócritas e oportunistas nunca pensaram mais longe do que os anos do seu mandato, na maneira como alarga-lo; nunca pensaram para além dos seus interesses e dos seus apaniguados, que num clientelismo atrasado e perverso, baseado numa vassalagem que lembra a Idade Média, mesmo a custa da Nação.

É desse tempo - tempo de vergonha e humilhação para todos nós africanos -, àquele sentimento de revolta (e também de vergonha muito própria) de alguns negros americanos, que quando via um negro africano nas suas ruas, em vez de o “dar um abraço”, insultava-o e não raras vezes tentava “carrega-lo de porrada”; por ser, entre outras coisas, tão “obtuso”, que não só era incapaz de apear do poder esses títeres, como ainda os legitimava votando neles, sempre que lhe era solicitado.

Pois os nossos dirigentes não só envergonhavam o seu povo e o povo africano em geral, como também envergonhavam até os negros que não era já africanos de nascença, como os norte americanos, naturais da Martinica e outras ilhas crioulas ou de alguns países que tenham minorias negras.

Por falar em Americanos, falou-se que **Barack Obama** ao comemorar os cinquenta anos das independências africanas (1960-2010) não quis comemorar com presidentes africanos pois não queria associar a sua imagem a alguns deles. Verdade ou mentira (eu mesmo, que não sou ninguém, não

gostaria de estar ao lado de alguns deles) é sintomático esta habitual, e antiga, “rejeição” dos nossos dirigentes africanos, por pessoas que têm alguma dignidade e espírito de justiça,

A SEGUNDA LIBERTAÇÃO OU A PRIMEIRA REVOLUÇÃO

Não devemos esquecer que a revolução africana esta ao serviço da paz e do progresso de toda humanidade.

Amílcar Cabral, Cairo,
Março de 1961

Os **americanos** e **européus**, na sua relativa cegueira, pensam que estão espalhando a democracia - como a conhecem - pelo mundo; e para eles, a prova desse sucesso extraordinário, de transformar povos que sempre viveram em atrasadas realidade tribais, em repentinos democratas - amantes da bondade da democracia e das suas infinitas possibilidades para trazer o progresso as suas vidas -, são as “**eleições**” atrás de “**eleições**” que exigem, promovem, financiam e por fim “observam” (um eufemismo para fiscalizar); e como acreditam piamente nessa ilusão - que aliás apressam a definir sempre como “**livres e justas**”, em qualquer país de África em que se realizem -, depois não percebem os acontecimentos que depois contrariam esse seu diagnóstico. Mas tem a sua utilidade, pois futuramente servem para lavarem as mãos das consequências futuras, como estas actualmente na **Costa do Marfim**, no **Darfur** ou no genocídio do **Rwanda**, no passado. Assim as consciências ocidentais estão sempre tranquilas. Afinal implantaram a democracia o resto deixa de ser responsabilidade comum, num mundo cada vez mais comum.

Onde estão essas eleições “livres e justas” nos países árabes agora? O mundo está a mudar nos nossos olhos, consequências de uma mistificação planetária. As eleições em dezenas de países do dito terceiro mundo, nunca foram justas, nem livres.

Se na origem, as “democracias” africanas, estão inquinadas, nunca servirão para muito. pois podemos ter os “instrumentos democráticos” feitos de “partidos políticos”, eleições periódicas, assembleias nacionais, etc., e copiar tudo que se faz nos países democráticos mas ela pode não ter nenhum resultado positivo para o povo.

Há um exemplo que um escritor deu sobre outro assunto, mas que se aplica a este também. É mais ou menos o seguinte: podemos juntar um conjunto de pessoas que nunca foram a uma igreja católica, e sem serem católicos sequer, num edifício qualquer, ensinar-lhes a cantar hinos religiosos; pôr-lhes nas mãos um missal onde acompanharão o serviço religioso, vestir um deles de trajes de sacerdote, e ensinar-lhes como representar uma missa durante quarenta e cinco minutos. Eles até podem ser muçulmanos, budistas ou agnósticos, mas bem ensinados, podem realizar essa cerimónia na perfeição. Como num filme. E se nesse momento, um católico inocente, ao ouvir os hinos, entrasse nesse templo e assiste-se a essa encenação, a essa missa fingida, iria acreditar que eram todos católicos, e que estava realmente numa igreja católica, com um padre verdadeiro; pois tudo que ele conhecia da sua religião estava presente: a liturgia, os cânticos, as bênçãos e oferendas. Mas no fundo é uma impostura, pois é uma representação. São assim as democracias africanas, uma representação, uma impostura imposta, feita de liturgias europeias, mas que nunca terão o resultado delas.

Se vou a uma **tabanca** e ofereço ao chefe da mesma zinco para cobrir casa dele, bicicleta para passear, arroz (ou um produto alimentar similar, dependendo do país Africano), e lhe peço para dizer aos seus “súbditos” para votarem em mim, sabendo de antemão que essas pessoas não têm capacidade de analisar o meu *programa* político (por culpa dos sucessivos governos corruptos e incompetentes que tiveram no passado) e nem de recusar as ordens do chefe da **tabanca**, onde esta a *liberdade* e *justeza* de tais eleições? Os europeus e americanos não percebem isto? Não percebem que aplicar em África

receitas e uma forma de democracia similar à aquela que é aplicada ao povo inglês, é um contra-senso para não dizer um disparate?

As eleições por si só não garantem a democracia. E muitas vezes servem para levar ao poder fundamentalistas e tribalistas de toda a ordem que não estão de modo nenhum interessados na criação de um estado democrático, mas sim de teocracias tribais ou religiosas

O que estamos a assistir hoje em todo o mundo árabe; e onde as eleições sempre foram “**livres e justas**”, em que os presidentes e partidos do poder sempre eram eleitos e reeleitos com noventa e tal por cento dos votos, nos faz pensar na justeza e na encenação que se levou a cabo durante anos.

O ano passado, muito antes destes fantásticos acontecimentos que assistimos hoje, um pouco por todo o mundo árabe, num dos meus artigos disse que a **nossa Revolução**, a **revolução Guineense**, será ao mesmo tempo e em conjunto com a revolução Africana e continental. A “nossa revolução” no entendimento que todo o povo tem a sua revolução, por “continental” queria significar não apenas a *África negra*, mas a *África branca* dos árabes e a *África misturada* dos Sul-africanos.

Pois bem, embora tenha ficado “surpreso” como toda a gente, a Revolução continental já começou, e a incógnita é apenas tempo que ela demorará a chegar às nossas quentes paragens. Porque mais importante que análises e opiniões, existem certezas incontestáveis: se esses árabes, que no geral, vivem melhor que os africanos (da África Negra) há décadas, se revoltam, porque é que estes ainda não se revoltaram?

Claro que esses povos na sua maioria já estão libertos do tribalismo e não vivendo em sociedades tribais, por isso mais evoluídos historicamente. Mas isso não basta para explicar tudo, há algo mais que um dia será compreendido. Mas arisco dizer que este inexplicavelmente sentimento - segundo as leis comuns do entendimento humano -, que faz estes dias centenas e centenas de anónimos Sírios, filhos do povo, serem mortos pelo filho de **Hafez al-Assad** (pois já não tem legitimidade de ser chamado presidente. presidente é aquele que “protege” o povo e não aquele que “mata o povo”) nestes dias, e cada novo dia, aparecem outros, cada vez mais para também morrerem. Se lhes perguntarem “por que morrem?”, “porque se deixam matar?” não saberão responder. Falarão da liberdade, da justiça, do direito do povo, mas isso nunca bastará para explicar esse sentimento de desprendimento em relação a vida. No fundo é “uma catarse nacional” para qual “repor a justiça” já não basta...

Por isso a **Revolução**, é uma preocupação constante em mim, mas entendendo que a **Revolução de verdade** não é sair gritando pelas ruas, imolando-se pelo fogo, partir montras, incendiar carros, atear fogo as instituições numa anarquia insana e incontrolável. Pois ali seríamos como o incomparável **Shaka Zulu** no seu nilista “*o futuro sou eu: depois de Shaka não há mais futuro*”. Mas também nunca devemos pensar como **Simone Weil** que nos previne dizendo que “*A palavra Revolução é uma palavra pela qual se mata, pela qual se morre, pela qual se mandam massas populares para a morte. Mas que não tem nenhum conteúdo.*”

Pois sendo assim, como é que a **Revolução Francesa** mudou o mundo para sempre? O acontecimento mais importante da época moderna traçou um novo mapa europeu, derrubou dinastias milenares, criou novos países e estabeleceu princípios que até hoje fazem parte da cultura e do património comum da humanidade. O estado liberal democrático actual, que serve de modelo para todos os países do mundo é filho da **Revolução Francesa**. Este tipo de governação ou regime, com eleições periódicas, os seus instrumentos políticos, como os parlamentos, partidos políticos, presidentes e primeiros-ministros (hoje “copiados” por quase todos os países), são fruto da Revolução Francesa.

O reconhecimento da dignidade intrínseca do homem, a carta dos direitos do homem o próprio conceito dos “direitos humanos” que ninguém hoje no seu perfeito juízo pode por em causa, provêm dessa revolução que tinha como *justificação* a ideia de “igualdade, liberdade e fraternidade”.

Pese embora, muitas vezes o resultado das revoluções não é satisfatório, a curto prazo, para as massas que o realizam, eu não sendo apenas um sonhador - mas um frio e realista filho da cultura Guineense e discípulo da ciência Africana, que ainda há-de vir -, tenho que acreditar que para nós, os Africanos, esta parte “espectacular” das revoluções, nunca serão determinantes para o futuro da própria *revolução* e para a “nova ordem” que se espera que dela imerge.

Kant já dizia que *"por meio de uma revolução poderá talvez levar-se a cabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar."* Embora acreditando piamente em tudo que o **kant** diz e aceitando que o mais importante é a “verdadeira reforma do modo de pensar”, então como agir? depois da *reforma*? e como fazer essa **reforma** sem uma **revolução**? uma **revolução** só não terminará em tragédia se o turbilhão das suas ondas seja orientado para o calmo leito do rio da *evolução*. É essa orientação da **revolução** que *realizará* a “reforma do pensamento”.

Mas acreditem que mais importante que a *forma* da **revolução** é o *conteúdo* da **revolução**. Uma revolução só será uma tragédia se não tiver **conteúdo**, se não for portador de uma **ideia** nova e não trazer no seu turbilhão uma **ordem** nova. Mas se for esse o caso, então não será uma **revolução**, mas uma simples **rebelião**. Sem este nobre resultado, qualquer revolução, por mais justos que sejam os seus pressupostos, é estéril e na verdade não será uma *revolução*, apenas uma *soblevação* ou *revolta* inconsequente como o “**Mai de 68**” em França, por exemplo, ou uma data de reviravoltas e golpes que ciclicamente varem os países africanos.

E por mais que a nossa revolta seja grande, por mais que seja justa, por mais que seja o sentimento comum de milhares, por mais que a minha revolta seja igual a vossa, a revolta de qualquer patriota, ela por si só nada resolve. A revolta interior por si só não leva a lado nenhum; e só se transforma numa revolução quando ela é direccionada de modo claro; de forma que não se faça nunca a “revolução por revolução”. A **revolta** tem que ser conduzida ou para a **revolução** ou para o leito pacífico da **evolução**. E mesmo a **revolução** só dará frutos na altura da **evolução**, no tempo da **floração**. A **revolução** é o semear, a **evolução** é o colher dos frutos. Mas **até** ao lavar dos cestos é vindima.

*A explosão não vai acontecer hoje.
Ainda é muito cedo... ou tarde demais.*

Franz Fanon

A **revolução** nunca deve ser uma **soblevação** momentânea, originada por algum descontentamento pontual da população ou das forças armadas. Coisas como o não pagamento de salários ou a subida de preço dos bens de primeira necessidade, as vezes ajudam a despoletar uma **revolução** latente (dormente), mas nunca determinarão a sua direcção nem o caudal das mudanças futuras. Mesmo aceitando a definição clássica de “revolução universal”, como um *"movimento de revolta contra um poder estabelecido, e que visa promover mudanças profundas nas instituições políticas, económicas, culturais e morais"*. A parte verdadeiramente importante de uma **revolução** só vem depois do dia D, e é a parte de *"promover mudanças profundas nas instituições políticas, económicas, culturais e morais"*.

Mas procurando antecedentes históricos, falando uma outra revolução, menos gloriosa que a de 1789, e ainda muito polémica - Revolução de Outubro – ousa perguntar: onde estaria a humanidade agora se ela não se tivesse dado? Basta pensar que sem o despótico regime que saiu dessa revolução, ainda hoje haveria o colonialismo em África e em muitas outras partes do mundo. O resultado da Segunda Guerra Mundial seria outro talvez, e as potências coloniais talvez não achariam necessário começar a descolonizar (e nos não seríamos libertos com o apoio militar e as armas da Rússia).

Mas como orientar a **Revolução Africana** para que não venha a ser um fracasso? Mas sim portadora da verdadeira liberdade que as **Lutas de Libertação** nunca nos deram? As **Lutas** foram feitas por **movimentos** para “libertar” o povo, as **revoluções** serão feitas pelo povo, para libertar a si mesmo. Então não mais haverá “uns” e “outros”; os que “foram libertados” e os que “libertaram (os-que-foram-libertados)”. o tempo da falsa gratidão acabará, e o povo será livre dos “libertadores” por fim.

Não há receitas universais para realizar a **verdadeira revolução**, por isso mesmo se diz que as revoluções não se exportam, mas o primeiro pressuposto é acreditar na justiça e oportunidade dela e estar disposto a ir até as últimas consequências. A metodologia é variada e multifacetada, com cultura, com a música, com escritos, com consciencialização, com palavras; palavras serias, palavras que entram nos nossos corações e lá ficam para todo o sempre. Pois é pela *palavra* que se convence um povo a fazer uma revolução e não pela *escrita*. mas o mais importante afirmo na minha introdução a estes “SETE INSTANTES” as revoluções que realmente mudam algo devem ser baseadas numa “ideia forte”, numa “ideia nova” pois “sem uma *ideia nova* que galvanize um povo, nada se pode fazer com esse povo.”

De todas as formas, os povos acordaram e o mundo e a África nunca mais voltarão a ser o mesmo. E só temos dois caminhos: ou deixarmos ser ultrapassados pela sua dinâmica ou sermos nós a liderar o seu caudal. Muitos políticos africanos ainda não entendem este momento, mas um dia a entenderão irremediavelmente, a sua própria custa. Mas penso que o povo o entenderá primeiro infelizmente.

Enfim, de disparate em disparate, de igual calibre também chegaremos a nossa revolução na **África Negra**. Cabral no seu trabalho “**As lições positivas e negativas da revolução africana**” já dizia: *sendo a Luta pela Independência nacional a nossa preocupação principal, não podemos esquecer que a Independência é apenas um dos meios necessários para a construção do progresso dos nossos povos. Através da Luta de Libertação devemos encarar o problema do futuro dos nossos povos, a sua evolução económica, social e cultural na via do progresso. Esta evolução e o futuro devem ser examinados no contexto Africano porque a Guiné e Cabo verde são partes integrantes de África e nós somos povos africanos.*

E mesmo aceitando que enquanto os nossos povos ainda vivem em realidades tribais, atrasadas e perniciosas, aqueles já se libertaram dessas amarras (se bem que neste momento que publico há muitas movimentações sócias, políticas em vários países do continente). Mas só isso que explica a imergência das revoltas? Como é que os governantes desses países (sempre eleitos com 90% de votos ou mais), nunca pressentiram os anseios mais profundos desses povos?

O POVO EM FORMA DE CRIADO DE HOTEL OU O CAMINHO DO SIMPLES CIDADÃO

"As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram os que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos."

Malcolm X

Então quando será a hora da **segunda libertação**? A hora da **primeira revolução**? Não sabemos, mas sabemos que “*não podemos aguardar que os tempos se modifiquem e nós nos modifiquemos junto, por uma revolução que chegue e nos leve em sua marcha*”, como nos diz **B. Bruteau**. Acredito que em breve possivelmente toda África Negra acompanhará este terramoto que agora atravessa os países árabes; do que dela resultará finalmente, ninguém saberá, mas espero que o **tribalismo** - como movimento político, como reaccionarismo social, como a última barreira entre o povo africano e a liberdade, modernidade e progresso - seja varrido da face da terra.

E espero que seja isso o resultado da verdadeira **Revolução Africana**. Se isso não acontecer, daqui a cem anos, nós africanos, “os condenados da terra” estaremos ainda no mesmo estágio de subdesenvolvimento crónico; condenados a ser os tais “fornecedores de matéria-prima” e de força laboral, de há três séculos passados.

Graças a Deus todo-poderoso (**Alah Akbar**), os países árabes revoltaram-se; com cinquenta anos de atraso, é certo, mas por fim. Não direi que “mais vale tarde do que nunca”, pois o facto de ter sido feito tarde e em más horas que milhares de jovens perderam e estão a perder as vidas em dezenas de países árabes.

Hoje nestes dias da ira e alegria nos países árabes - onde o povo vive melhor que nos países da África negra - onde os jovens morrem pela sua liberdade e vivem para a sua dignidade tenho ainda mais vergonha das nossas gerações da África negra que durante cinquenta anos, de 1960 a 2010 deixaram que ditadores medonhos regessem o seu destino. Por isso, para definir “**kil ku ta queman**”, aqui uso as palavras de **Luther King** que para qualificar as gerações pôs independências:

“Teremos que nos arrepender nesta geração, não tanto das más acções da gente perversa, senão do pasmoso silêncio da gente boa.”

Silêncio e conivência; silêncio em vários níveis perante tudo de mal que se fazia, apenas pensando nos seus interesses pessoais. Aqueles que se levantaram contra a destruição, eram tão poucos, que se poderiam contar pelos dedos de uma mão. E mesmo sabendo que era difícil, mesmo sabendo que abastardaram o povo ao ponto deste não se querer defender, mesmo concordando com **Amílcar Cabral** de que “*não podemos fazer a felicidade de um povo contra a sua vontade...*”

Devo realçar, e fazer minhas, as palavras que proferiu, o ainda deputado, **Afonso Costa** em 1914. Pois ele, como que como que completando a frase que **Amílcar Cabral** viria a dizer, quase sessenta anos depois, expressava, de forma radical, o seguinte: “*...mas temos (...) obrigação de defender o povo mesmo contra a vontade do próprio povo*”.

Afonso Costa, deputado, ministro e depois Primeiro-ministro do Governo Português, depois do derrube da Monarquia, podia não ter um agudo senso de justiça, ou ser um arguto pensador, mas entendia com rara acutilância, que por mais que o povo estivesse impreparado, os nossos actos só *valem* se são feitos em seu benefício, seja a curto ou a longo prazo. Entendam bem: não em seu *nome*, mas em seu *benefício*.

As revoluções (e revoltas) que estamos a assistir um pouco por todo o lado, com maior incidência no mundo árabe (por agora), começaram quando um simples cidadão tunisino, vendedor ambulante, resolveu imolar-se pelo fogo, a 17 de Dezembro último. Este acto foi um desesperado protesto isolado, a catarse, de um homem digno e corajoso, que ao perceber que o seu governo lhe negava o elementar direito a subsistência, resolveu perpetrar. Morreu, infelizmente, sem assistir a queda desse governo (uma coisa excluía a outra - são assim as revoluções -, tinha que morrer para mudar o seu país. mas não a melhor morte que esta: morrer para o bem do povo), mas pode-se dizer com justiça, que este corajoso **Mohamed Bouazizi**, de apenas 26 anos, simples cidadão, um “Zé-ninguém”, à sua maneira, um “servidor de sopas de feijão”, quase mudou o mundo sozinho. Pois a sua decisão foi tão forte que fez o presidente fugir do país e despoletar a revolução Egípcia. Com esse seu gesto desesperado mas simbólico, imbuído de uma mortífera dignidade, começou a revolução no mundo árabe. Mudou o seu país e mudará o mundo para além das arábias. Esse menino não sabia que ao imolar-se ia despoletar a maior revolução mundial dos últimos cento e sessenta anos, mas sabia que preferia morrer de pé do que viver de joelhos. Sabia que entre a dignidade e a baixeza só há uma resposta. O “Povo” é feito de simples cidadãos como este **Mohamed Bouazizi**, você e eu.

Acredito que a vida simples de um cidadão comum as vezes tem muito mais para dizer sobre uma época histórica que toda a propaganda de um regime político, seja lá ela qual for. E como **Cabral**, ousou sonhar, e nós também devemos ousar, pois uma coisa é um homem ser derrotado pela história é outra coisa quando é derrotado pela incapacidade de sonhar e lutar. Mas se os companheiros de **Cabral** não realizaram o seu sonho, nós que não fomos seus companheiros e contemporâneos, apenas discípulos, podemos realiza-lo? Nós que somos, apenas compatriotas dele, que somos apenas simples cidadãos, apenas filhos desta terra, que nem montanhas tem..., apenas povo? Confesso que esta pergunta é retórica, mas “vem” do fundo da alma, da certeza que nenhum Partido Político isolado pode

efectivar tamanha visão. Além de que os partidos actuais na verdade nunca tiveram esta visão e este desiderato. Infelizmente os seus objectivos, a sua “compreensão” do país que temos e do que podemos fazer com ele, e o seu próprio papel na realização do sonho, sempre foi muito limitado.

Se forem justos e progressistas, se amam o vosso povo, se querem que esta terra seja a terra do leite e mel, não tenham medo das revoluções em África, eles trabalham em nosso favor. Quando bem realizadas e conduzidas com justiça e generosidade, elas trarão a paz, modernidade, justiça e desenvolvimento; no aparente caos e destruição, surgirá um mundo novo, justo e solidário.

Há um livro, do famoso escritor Russo, Premio Nobel de Literatura, **Alexander Soljenítsin**, em que é denunciado de maneira implacável, a brutalidade do regime e dos campos de concentração estalinistas chamado “**Um Dia Na Vida de Ivan Denisovitch**”. Este livro, que conta a história terrível de um cidadão russo que foi preso, injustamente, pela criminosa maquina da Policia Soviética. A história de vida deste homem, veio a ser mais importante - mais do que milhares de tomos de dissertações, artigos, denúncias e condenações do mundo inteiro – para a destruição desses campos e do regime de Stalin; e contribuiu de forma extraordinária para acordar o povo Russo (que foi o povo que mais sofreu com o comunismo) e para lançar no lixo da história esse pérfido regime de má memória.

Parte do mundialmente famoso “discurso secreto de **Nikita Khrushchov**” que acabou com o Estalinismo e a sua pérfida herança foi baseado neste livro, que segundo dizem este leu, e chorou, ao conhecer o sofrimento imenso a que este povo estava submetido pelo seu próprio Governo. A vida de um cidadão comum aqui também, possibilitou uma mudança histórica na política mundial, mas acima de tudo poupou a vida de milhares e milhares que ainda morreriam nos campos de concentração comunistas se não tivesse vivido para testemunhar a sua desgraça.

Seja pacífico, seja cortês, obedeça às leis, respeite a todos; mas se alguém colocar as mãos em você, mande-o para o cemitério.

Malcolm X

Tenho falta de tempo, tenho falta de espaço, que me impedem de dizer *agora* tudo o que se encontra na alma. Mas aquilo que *comecei* num *terminarei* noutro; e tudo uma questão de *tempo* e de *espaço*. Estas duas primeiras *categorias* filosóficas que apreendemos. O **tempo** e **espaço** determinam e condicionam toda a nossa vida. Mas é a “oportunidade” que, mesmo sem ser uma *categoria* filosófica, determina e condiciona o nosso futuro como seres humanos.

Mas antes de continuar, vou voltar para a África, para vos falar de um país caro ao meu coração, que sempre que desde os meus tempos de estudante na Rússia, quando desço no seu aeroporto sinto que cheguei a casa; que cheguei a África. Um país de poetas e escritores; historiadores e africanistas; de pescadores e lavradores e filósofos, de cantores e dançarinos. Um país de intelectuais e patriotas como não há outro em África inteira. Falo do **Senegal** que foi o primeiro país que conheci, depois do nosso, andava eu a entrar na juventude, cheio de sonhos e de certezas pífiyas, mas que não me impediram de admirar esse povo, a sua música, cultura e patriotismo.

Voltei lá dezenas de vezes depois dessa primeira vez. E uma vez, há muitos anos, quando já era o primeiro Director de Serviços do Ambiente da Guiné, fui a uma visita oficial em Dacar, com o então Ministro do Ambiente do nosso País. Era no tempo do Ministro **Abdoulaye Bathily** (“*un homme sure*”). Morávamos no hotel **Teranga**, que fica situado mesmo no centro de Dacar, na **Place de Independence**. Eu depois das obrigações protocolares oficiais, gostava de deambular pela **Willam Ponty** (Georges Pompidou), subindo até a Feira de **Sandaga**, a essa hora já silenciosa, liberta do bulfício diário; e assim andando, descia e subia a **Lamine Guey** e olhando as fachadas dos prédios, imaginado como um dia desenvolveria o meu País (se viesse a ter poder para isso algum dia). Andava habitualmente até junto aos jardins da Presidência, para depois voltar e ir sentar na Praça da

Independência. Ali, sozinho ficava sentado horas a ruminar na nossa pátria, e em como muda-lo um dia. Pois me doía bastante não termos uma capital de certa forma cosmopolita, desenvolvida, moderna como essa que tinha defronte aos meus olhos. E quando acordava dos meus devaneios já era quase onze horas da noite e tinha que correr até ao restaurante do hotel antes que ela fechasse para poder comer alguma coisa. Invariavelmente chegava cinco minutos antes do fecho, e geralmente era o único cliente. e invariavelmente encontrava um velho criado que zangava-se comigo (embora por respeito aos hóspedes não podia falar ou demonstrar o seu desagrado) , pois tinha que obrigatoriamente ficar até que eu terminasse a refeição. Portanto mais uns quarenta e cinco minutos, para me servir, quando podia sair mais cedo, se eu não atrasasse, pois o restaurante fechava as 23 horas.

Um dia, polidamente, fiz-lhe ver que tinha o direito de entrar no restaurante a qualquer momento desde que ele estivesse aberto, independentemente de conveniências do cozinheiro ou o empregado de mesa. Mas mesmo assim, geralmente sentindo-me culpado, fazia questão de o tratar com muito respeito (alem de que tinha a idade para ser meu pai); e assim acabei conquistando a sua simpatia; e como eu era geralmente o único cliente a essa hora, nessa grande e escura sala, ficava ao meu lado e sempre que percebia interesse da minha parte, falava comigo de muitas coisas interessantes e até engraçadas. Estava quase a reformar-se e tendo passado parte da sua vida nesse trabalho conhecia “casos” deveras interessantes. Contava-me que conheceu presidentes e primeiros-ministros africanos que antigamente iam ali cheios de “notas”, amigos, servidores, mulheres e poder; que eram atrevidos e grosseiros com empregados como ele, mas que passados anos, quando tinham perdido o poder (geralmente por golpes de estado), lá voltaram e sentavam-se num canto sozinhos a querer passar despercebidos. e ele notava que já não eram arrogantes, pelo contrario, já percebiam que “toda a gente é igual a toda a gente”.

Nas nossas conversas, veio a contar-me que era de **Casamance** (não me lembro agora se era **wolof**, ou **serere** ou outra tribo qualquer, embora isso não interessa para nada, mas como nasceu em **Ziguinchor**, era interessante saber se não era **manjaco** ou **felupe**), onde nasceu, mas donde saiu muito cedo, procurando um futuro. Como tenho uma irmã **senegalesa** (que o meu pai teve com uma mulher originária de familiares de **Casamance**), que nascida na **Guiné**, foi com dois anos ou menos, viver em **Ziguinchor**, eu já conhecia essa bela terra desde os meus tempos de Liceu. Conte-lhe a história da minha família e a relação que tinha com essa minha irmã que só conheci quando ela, já mulher feita, resolveu vir a Bissau conhecer o nosso Pai. Naquela altura essa minha irmã, já mãe de cinco filhos senegaleses (sobrinhos meus que não vejo desde a nossa guerra de 1998) portanto; e já vivia em **Dacar**, com o marido, que também é natural de **Casamance** (também não sei de que etnia é o marido, mas por ser de apelido **Gomis** (Gomes), penso que é **manjaco**, embora isso não interessava nada para mim; mas a ele, por qualquer razão, interessou bastante; e assim teve uma curiosidade inusitada pelas minhas origens e pela história da minha irmã; escola que tinha frequentado (um internato qualquer chamado “Sacre Coeur”, creio?) a tentar ver se conhecia familiares (avós ou mãe) dela; assim durante essa escassa semana, quase todas as noites, tínhamos algumas conversas - gratificantes para mim, pois tinha ânsia de conhecer muita coisa não oficial sobre o sentir das gentes dessa região que há uma centena de anos antes era parte do meu país – sobre tudo e mais alguma coisa com relação aos nossos países. Educado e simples, claro que não estava de acordo com a minha “pretensão” acerca de Casamance ser parte integrante da minha pátria, percebeu rapidamente, que independentemente disso, eu gostava muito de Casamance e das suas gentes; que eu tinha um certo apego a aquela terra (e que desde os meus quinze anos, quando lá fui pela primeira vez, conhecer) nunca mais esqueci. Como **Casamance** era a sua pátria, e amava a sua terra, ficou então meu “amigo”. Tenho pena de nunca mais o voltar a ver; reformou-se, creio, nesse mesmo ano, pois ainda o procurei por duas vezes, quando estive de novo em Dacar e nunca o consegui encontrar, embora soube notícias dele. O que conto a seguir, só escrevo porque ele já é falecido.

Ainda hoje me lembro dele, como uma pessoa cortês, ordeira e grave; gravidade que os cabelos brancos sublinhavam mais. Por isso, um dia surpreendeu-me totalmente, quando sem eu esperar, me disse que um dia o povo senegalês iria fazer uma revolução tão sangrenta que “cortaria a garganta a **Abdu Djiouf** (então Presidente) e a todos os políticos corruptos; a todos os libaneses que dominam o Senegal e tiram o pão de cada dia aos seus filhos; e aos seus patrões franceses.” *Jurou-me* que eu

estaria vivo para assistir a esse dia que ele já não veria com os seus velhos olhos. Fiquei surpreendidíssimo com a violência das suas palavras; vindos de uma pessoa tão dócil, eram tão fortes que não acreditei que fossem proferidas por ele. Esse velho de cabelos brancos que comigo falava da beleza da sua terra, da sua cultura, da sua sofrida vida, dos sonhos não realizados e dos seus filhos espalhados pelo mundo. Falou-me do desprezo dos dirigentes do seu país para com o povo, da roubalheira que os libaneses faziam descaradamente ao seu país, de como estes e os franceses roubavam tudo que o povo senegalês tinha direito e produzia.

Hesitante, fiz-lhe ver que eles, em comparação conosco, tinham um país estável (sem golpes de estado como o resto da África), “democrático”, com algum desenvolvimento, uma classe política culta, deputados licenciados e doutorados nas melhores universidades de França (naquela altura, a nossa Assembleia Nacional, era uma coisa para esquecer) etc., mas mesmo assim era irredutível na sua raiva e ódio a toda a classe política do seu país, que ele entendia seres todos uns vendidos. Ele ansiava por uma revolução, mas não uma revolução de mudança, de certa forma “normal” e “aceitável” segundo certos pressupostos; ele ansiava, pelo contrário, por uma revolução radical, sangrenta e total.

Ouvindo-o percebia que se pudesse, não deixaria pedra sobre pedra. Todas as minhas observações e argumentos não impressionaram minimamente essa cabeça coberta de cabelos brancos, quanto a justiça do que dizia, quanto ao direito do povo senegalês de proteger o que é dele por direito, dos franceses, libaneses, mauritanianos e outros predadores, por aí fora; coisa que eu concordava com ele, mas havia um sentimento que perpassava das suas palavras, um sentimento de vingança e não só de justiça. Fazer a justiça, repor a justiça, já não bastava, tinha que haver vindicta, o povo tinha que ser vingado por anos de humilhação...

Não é o maior pacifista do mundo, o discípulo da *não-violência*, **Mahatma Ghandi** que nos ensina que “*Ninguém está obrigado a cooperar em sua própria perda ou em sua própria escravatura, a Desobediência Civil é um direito imprescritível de todo cidadão.*”?

Por isso que argumentos podia contrapor aos dele? Explicados dessa forma calma, clara e convincente? Se eu ouvindo-o falar, sabia que se substitui-se a palavra **Senegal** pelo nome da minha pátria, tudo o que ele dizia faria sentido? E se pensasse mais um pouco e substituísse **Senegal** por **Gâmbia, Burkina, Mali, Togo...** e por aí fora, ele não estaria longe da verdade?

E faço a mesma pergunta que fiz com relação aos países árabes, tendo como alvo o Senegal e os seus governantes, durante anos também eleitos com maiorias estáveis: nunca pressentiram os anseios mais profundos do seu povo?

E para que pensar em cada um desses países apenas? Vou substituir **Senegal** por **África Negra** (existe esta entidade nos vossos corações?) e pensar... e pensar... e entender que **Cabral** tinha razão quando disse que devemos aprender com os livros, com a Luta, mas acima de tudo com o povo. Talvez nele o povo tenha atingido a plenitude e falasse então através da sua boca? E se este venerando senhor, de cabelos brancos prateados, não era o povo, então quem é o povo?

Mas acredito que o Povo, como a natureza humana, pode atingir a perfeição e plenitude, tanto num velho africano, como esse criado de hotel - que me fala com calor e convicção nessa noite fresca, quase fria, nessa deserta *Praça de Independência* de **Dacar** -, como em outro enrugado velho de 60 anos chamado **Kant**; ou num jovem de 24 anos chamado **Alexandre**, que um dia decidiu conquistar o mundo inteiro, da Europa aos confins da Ásia.

É assim a natureza humana (povo em forma de homem), feita do inverosímil, dos *impossible is nothing* desta vida: **Kant** “pensou” durante sessenta anos, e só depois esteve preparado e escreveu a “**Critica a Razão Pura**” e a sua filosofia mudou um mundo para todo o sempre. **Alexandre** “o Grande”, aos vinte anos compreendeu que conquistar o mundo não é uma questão analítica; algo concebível dentro de *categorias* como “é possível” ou “é impossível”. Percebeu isso era uma questão de “força de vontade” e nada mais; o “resto” viria por acréscimo. Felizmente ele tinha uma “força de vontade” maior que o próprio mundo que queria conquistar. Quando **Gengis Khan** resolveu ser o mais temível guerreiro que o mundo conheceu e conhecerá, tinha sessenta anos já feitos.

É neste entendimento que digo que **Cabral** e seus companheiros, não eram mais do que a emanção do espírito do povo, que através deles, numa determinada altura, atingiu a excelência. Mas se sairmos do campo espiritual para o material devemos dizer que essa **Luta** que foi o nosso bem maior e a nossa tragédia maior num só acto. Pois como os herdeiros de uma grande fortuna ou um grande império geralmente delapidam tudo o que foi feito antes, assim os herdeiros de Cabral delapidaram tudo o que foi conseguido antes. Para a nossa desgraça não se entendeu a **Luta** (e o seu resultado) como um **dever**, mas como um **direito**. Foi esse deturpado *entendimento* que originou todos os equívocos posteriores, todos os crimes de lesa-pátria que continuam até os dias de hoje.

O erro, o *pecado original*, foi esse. Pois num **Movimento Político**, o *dever* só se confunde com o *direito* quando queremos ir para além do *dever* e transforma-lo numa conspiração para *tomar* o poder e *viver* desse poder. No nosso caso particular, no tempo de paz, houve um corte radical com o passado.

E disto precisamos falar antes de concluir este nosso **Quinto Instante**. Já disse que **Cabral** “teve azar, e a desgraça, de os seus próprios companheiros desbaratarem toda a sua grande obra e o seu legado numa orgia de desgovernação, que veio desembocar numa luta fratricida entre eles (sem nenhum respeito pelo povo) pelos despojos que sobraram de uma nação totalmente destruída.” Mas esta constatação, por mais verdadeira que seja é pouca para descrever tudo e construir todas soluções almejadas (pois já disse que este é o tempo de construtores). Agora é necessário construir o futuro.

CAMINHO DE LUTA *VERSUS* CAMINHO NACIONAL

Fincando os restos mortais na terra, mãe de todos, na certeza de que aquilo que colocamos no chão não é mais agora um homem, mas uma semente

Osie Davis, no funeral de **Malcolm X**, Harlem 1963

Pensar esse futuro é dizer e sublinhar que o novo “**Caminho Guineense**” não deve ser uma ruptura com o antigo “**Caminho de Luta**”, *nem com os seus valores morais, éticos e filosóficos*” pois eles eram o nosso **Caminho Nacional** de *verdade*, num certo tempo, num certo entendimento nosso, de um mundo só nosso -diferente dos vizinhos - de um futuro também só nosso. Pois só uma mundivisão secular baseada na realidade histórica, pode suste o presente e projectar o futuro.

Já disse várias vezes, de uma forma ou de outra, que não pretendo, nunca, condenar, abjurar ou negar os **fundamentos sagrados** da **Luta de Libertação Nacional**. Eles são e devem permanecer **sagrados** para todas as gerações: as que por elas pereceram, as que nela acreditaram e as actuais também, como a *base* imprescindível para um recomeço. Um recomeço limpo, justo e puro. E só assim esses *fundamentos* evoluem e se transformam - nesta nova realidade com que somos confrontados - no **Novo Caminho Nacional**.

Como já disse varias vezes, e não canso de repeti-lo - mesmo por uma mera questão de honestidade intelectual -, muitos honestos e impolutos filhos deste povo, que *foram* a **Luta**, durante o mesmo, deram tudo o que podiam e não podiam. E com essa entrega total, com esse sacrifício, tornaram-se homens e mulheres melhores; infinitamente melhores na compreensão da sua dignidade de Guineenses e de seres humanos. As **Lutas de Libertação**, dos povos africanos (as modernas e as antigas), para quem os “entendeu” e “assimilou” como tal, não diferiam muito destes pressupostos. Mas entendo que mesmo assim, muitos não *assimilaram* o sentido espiritual profundo da **Luta de Libertação**.

Uma das realizações mais caras de **Cabral**, a **Luta Armada** - parte intrínseca da maior, que era a **de Libertação** -, realizada pelas nossas Forças Armadas cumpriu dois objectivos em vez do inicialmente

previsto: cumprindo a missão que Cabral lhes confiou, o de libertar o território físico-geográfico, acabaram realizando outro mais importante: libertar o território espiritual.

Durante o fragor dos combates, da novidade de poder combater e vencer o homem branco, pelo caminho, libertavam as mentes, que por fim começaram a pensar, para além das suas tribos, para além das suas retrógradas crenças no sobrenatural, nos feiticeiros, nos **djambacus**, nas **cobianas**, e no poder dos *chifres* e dos *chefes* tribais. Por isso a **Luta Armada** era apenas uma parte da **Luta Libertação Nacional**, mais profunda e mais abrangente, porquanto cultural e espiritual. Porquanto de unidade nacional; porquanto erigindo alicerces - nas mentes dos combatentes (o primeiro núcleo) para depois os espalhar pela mente do povo (segundo núcleo) – para a *novidade* (**nubdade**) que a **Luta** trazia para dentro das **tabancas**, para dentro da cabeça dos seus habitantes: **só há um Povo e uma só Pátria. Não mais tribos.**

A isto que eu chamo “criar o povo”. Tribos não são povo. Embora todos os povos, nos seus primórdios, partiram de uma realidade tribal. Todos os povos actuais por mais coesos que parecem, foram formados a partir da união de vários núcleos tribais, mesmo que há milhares de anos. O povo não é um núcleo hematológico, formado (automaticamente) pela junção sanguínea de diferentes tribos, mas em primeiro lugar pela compreensão e aceitação sem reservas de uma **bandeira** e um **futuro** comum; portanto uma comunidade de indivíduos ideologicamente preparados para a aceitação de um destino único e dispostos a partilhar para todo o sempre o sonho de ter uma pátria, uma nação e um povo, unidos para além da existência terrena, aconteça o que acontecer. Era disto que falava quando falava uma “**KulturNation**” por oposição a “**StaatsNation**”.

II

As **Lutas de Libertação** dos povos africanos, eram portanto, na verdade, mais do que apenas isso; eram *lutas* pela **dignidade** e **reconhecimento** do homem africano como “igual” aos outros povos, como ser humano capaz de tomar conta do seu destino. E as suas heranças espirituais são por conseguinte maior que as heranças materiais que vieram a ser decepcionantes. As **Lutas de Libertação**, dos povos africanos (as modernas e as antigas), para quem os “entendeu” e “assimilou” como tal, não diferiam muito destes pressupostos.

A mundivisão de **Amílcar Cabral** foi forjada nesses valores que depois serviram de base (com outras contribuições, é certo) para a elaboração dos **Princípios da Luta** (do Partido) e a definição dos **objectivos** da mesma. É portanto nesses valores perenes que **Amílcar Cabral** vai beber para criar a sua própria **weltanschauung**. Essa concepção do mundo, que viria a ser a base da ideologia do PAIGC traduzível no **Caminho de Luta**. Através do **antigo** Caminho de Luta é que devíamos encontrar o nosso **novo** Caminho Guineense.

E esse é o **caminho** de continuidade, com os valores existentes na nossa mundivisão, antes mesmo da **Luta de Libertação**. Pois a Luta de Libertação só foi possível porque tinha antecedentes históricos e heróicos que o determinaram e condicionaram e por fim o tornaram possível. Por isso entendo que a herança *correcta* da **Luta de Libertação** deve ser preservada, independentemente dos “graves desvios” posteriores. Por isso não caio em nenhuma contradição quando afirmo que o “**Caminho de Luta**” - diferente do “**Caminho-Seguido-Por-Aqueles-Que-Vieram-Da-Luta**” - deve ser *recuperado, repensado e reafirmado* nos seus imortais fundamentos filosóficos e doutrinários, e *aplicado* agora de forma *correcta*, responsável, patriótica e nacionalista.

Devíamos ter sido como **Cabral**, esse filho do nosso povo - que não conhecia limites -, que cada dia da sua vida foi um dia de realizações (enquanto que muitos vivem uma vida inteira sem nenhuma realização), trabalhando para o nosso povo, trabalhava contra si próprio, preparando a sua perdição. Mas como podia fazer o contrário? Ou se tem dignidade ou não se tem. Pois como já disse também antes, sem ser ouvido, que os governos que realizam hoje o que o povo entende que devia ter sido feito

ontem, está totalmente divorciado do povo. Pois quem esta a tapar buracos não pode estar a viajar, ao mesmo tempo, por essa mesma estrada.

Por isso antes de continuar é necessário acentuar aqui certas coisas sob a pena de se o não fizer não ser entendido cabalmente: devo dizer que entendo, como muitos outros, que ele que é - na sua vida e obra -, arquétipo de tudo que é belo e excelso na nossa memória colectiva, merece ser lembrado e realçado, em qualquer homenagem e não só. Mas também entendo que a coerência revolucionária exige que esta *lembrança* tenha um propósito: o de galvanizar as pessoas (o povo) para a realização dos sonhos do “lembrado” e não apenas para a concordância *concordante* em relação a sua *grandeza*.

Isto assim dito parece um simples lugar-comum, mas ultrapassa o seu significado formal para se situar num entendimento maior: pois era essa *compreensão*, esse “algo mais” que falava na minha **introdução**. Compreensão de que eram parte de uma coisa grandiosa que a todos unia e a todos exigia um dever sagrado. É desse “*algo transcendente que vai, para além do ordinário acto de libertação física de um território sob dominação estrangeira*” que frisei na **introdução**. É este entendimento que nos diz, *preto no branco*, que a *libertação* do homem Guineense, na verdade, não foi *resultado* da **Luta de Libertação**; a **Luta de Libertação**, *em si*, já era a própria **libertação**, *em si*.

E isto tudo foi possível graças um homem que a Providencia enviou-nos a tempo e horas para mudar o nosso insignificante destino e sermos por fim o exemplo pelo que os povos de África ansiavam. O nosso povo foi a “carne para canhão” dos povos de África inteira; os nossos tijolos no edifício humano, são aqueles mais altos, pois ajudamos com o nosso sangue que o negro no mundo, o Africano em África, deixa-se de ser um pouco menos aquele “preto” que era olhado apenas como uma criança grande pelos brancos, que **Senghor** definiu tão bem com o seu poema sobre o negro “banania”: Pois uma coisa é dizer “que somos iguais a vocês”, outra coisa provar. E nos provamos isso não apenas pela Guiné, mas pela África inteira. Por isso o nosso sangue derramado, merecia melhor herança e mais respeito e não a vergonha actual. Isso é uma das razões da minha profunda revolta.

III

"O futuro pertence àqueles que se preparam hoje para ele."

Malcolm X

É neste pressuposto que anteriormente escrevi que hoje necessitamos de uma Revolução “*que só poderá ser feita por dentro, A partir de um Estado forte. Um Estado verdadeiramente revolucionário (...) no sentido de que este Estado será o criador da Nação e num movimento dialéctico criar o Povo.*” É esta compreensão que tenho do papel verdadeiramente revolucionário da Luta de Libertação, que permitiu passar da **teoria** a **prática**, e provar que esta possibilidade latente que sempre existiu, é *real e possível* de ser realizado. Honório Barreto já o pressentia nas suas imortais palavras “*O bem do meu País é o único alvo a que se dirigem todos os meus esforços e todas as minhas vistas*”

Sim nós, os simples cidadãos, podemos realizar o sonho de Cabral. Na verdade esse sonho só pode ser realizado pelo simples cidadão, pois a soma dos simples cidadãos é que *faz* o povo no seu conjunto, por isso falei anteriormente de um movimento de cidadãos, na verdade de um **Movimento Nacional de Renovação**.

A vitória de **Cabral** seria a prova cabal de que não interessa o tamanho do povo, nem o tamanho do território, o que interessa é o tamanho da **visão**, da **vontade**, e da **decisão**. Por isso **Cabral** não nos pertence, **Cabral** pertence, também, a todos aqueles que olharam para nós, como povo, com olhos de ver. E pela primeira vez o mundo nos conheceu e ouviu falar de nós, e sustendo a respiração perguntou com espanto: *quem são esses Guineenses?*

Por isso, não sendo um radical, procuro pontes, consensos e continuidades. E nessa incessante procura sou obrigado a ir buscar ao **passado**, os alicerces para construir o **presente**. Pois qualquer *ideia nova* germina de *algo anterior* que por algum motivo não pôde ser *realizado* a seu tempo. Nesta base, a verdadeira **revolução** será uma mudança paradigmática e radical de mentalidades que se traduz no surgimento de algo novo e superior.

Assim, conjuntamente com o Povo, a nossa “*possibilidade de realizar o impossível*”, só deixara de ser uma *possibilidade*, para se tornar *realidade*, quando se abrir finalmente o **caminho** preconizado. Um **Caminho Nacional** com largura suficiente, para que passem todos os Guineenses sem distinção de raça, tribo, cor, proveniência ou riqueza material.

E como o “caminho faz-se caminhando”, o **Novo Caminho** trará a normalidade, o sossego e o progresso. Que por sua vez fará voltar muita gente que estão fora do país mas que precisamos para a **Construção Nacional**. E em poucos anos estaremos no nível dos nossos vizinhos, para depois os ultrapassar rapidamente. E Deus nos recompensará traduzindo isso em dignidade, respeito, organização e bem-estar do povo. Para consequentemente podermos destruir as sementes do nosso sofrimento, as raízes do nosso envenenamento e a corrupção moral do nosso povo.

Mas quero acreditar que o nosso direito de sonhar de viver nunca será cerceado; pode acontecer num determinado período, pode acontecer naquelas alturas em que os piores estão em cima dos melhores, pode acontecer naqueles momentos em que o povo está prostrado, mas será sempre temporário (mesmo que a temporalidade se traduza em anos) mas *nunca será* permitido de forma *definitiva*. Isso nunca “será permitido”, pela simples razão de que os homens revoltar-se-ão sempre que a sua dignidade é posta em causa. Isso só acontecerá quando o povo pedir demissão, e ir para a reforma; quando o povo deixar de ser povo, para ser uma manada de miseráveis. E aí sim, acreditarei que “cada povo tem o Governo que merece”.

O povo as vezes é uma força silenciosa e pacata, de cabelos brancos cor de prata, trajado de bata branca, servindo sopas de feijão no **Teranga**, mas com uma força interior e vontade de matar e ser morto tão grande, que nas horas da insurreição, perde o objectivo ansiado, e torna-se ela própria o objectivo em si; e a *realização* desse objectivo, essa força difusa que existindo em seres humanos individuais, só se *realiza* fora deles, em conjunto com centenas e centenas de outros seus iguais.

Mas essa realização chamada **revolução** deve ser um movimento dialéctico de negação do passado, rumo ao futuro, sem deixar de aproveitar tudo de bom que o passado nos deu. É portanto uma luta de contrários entre o velho e o novo. É a tal mudança - prática, real, visível a olhos nus - quantitativa em qualitativa. É a mudança nas nossas instituições, nas nossas mentes, no nosso relacionamento com o nosso país.

Lisboa, 5 de Junho de 2011

SETE INSTANTES DE UMA PRIMAVERA O REJEITADO LEGADO DE AMÍLCAR CABRAL POR UM POVO QUE REJEITOU-SE A SI MESMO

Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto.

O FURTO DO RELÓGIO DE AMÍLCAR CABRAL (OU INTRODUÇÃO EM TRÊS RAZÕES E UM PRESSUPOSTO)

“...mas no meu país não há montanhas, apenas o povo”.

Amílcar Cabral
E.U.A., 1972

Ainda jovem estudante do Liceu Nacional **Kwame N'krumah**, contaram-me que uma vez, durante o desenrolar da **Luta de Libertação Nacional, Amílcar Cabral** - no exercício das suas funções de Líder do Movimento -, foi visitar a **Escola Piloto** do Partido. No decorrer da visita, viu alguns alunos a jogarem ténis de mesa (*ping pong*); depois de observar a mestria dos meninos durante algum tempo, resolveu **lembra tempo**; e como todo “bom Guineense”, também um pouco **bazofa**, disse: - **n`pude és** (este jogo eu domino); e acto seguido, pegou numa raquete, e tirou o seu relógio do pulso e poisou-o num lugar ao lado. Arregaçou as mangas da camisa e “serviu uma bolada” ao menino que estava no outro lado da mesa; e assim, brincando e fintando, jogou quase uma partida. Não sei se ganhou ou perdeu, mas o facto é que depois do jogo, e de enxugar o suor da testa, ao ir pegar o seu relógio, verificou com espanto que este tinha desaparecido.

Disseram-me que foi algo inaudito e alarmante para todos os presentes: alunos e professores não sabiam o que fazer. Uma vergonha; tinham roubado o relógio do próprio **Amílcar Cabral**; algo impensável e extremamente grave; e ninguém sabia explicar o mistério. Todos procuravam com afinco, no chão, nos canteiros... Até que um professor, experiente, olhando atentamente para os presentes, com cara de poucos amigos, por fim disse: **n`sibi és i quim (cu tomal)**. Dito isso dirigiu-se resolutamente para um dos alunos e ordenou-lhe que devolve-se o relógio imediatamente. O menino ainda hesitou, tentando esboçar um protesto, mas ao se ver assim confrontado (e descoberto), obedeceu prontamente. E um **Amílcar** sem jeito, um pouco embaraçado, pôde ver as horas por fim e ficar a saber (por fim, também?) que o trabalho que estava a ser feito podia ser bom, mas...

É neste “mas de **Cabral**” que o meu pensamento entronca no “dilema de **Cabral**”, que veio a revelar-se o mais complicado dilema das nossas vidas como povo e como simples cidadãos particulares. Por isso é também um dos objectos deste meu trabalho; mas por agora apenas direi que nunca esqueci esta singular história, por três razões:

A **PRIMEIRA**, porque ela fazia (finalmente) de **Amílcar Cabral** alguém igual a nós - e não um ser mitológico e distante, como estávamos habituados pensar em crianças - que era jovem, dinâmico, divertido, que também gostava de ténis de mesa (na altura gostávamos de nos reunir-mos todos os fim da tarde para jogar *ping pong* na **U.D.I.B.**); em suma, dono de um espírito livre e dinâmico, extrovertido, um pouco jactancioso até (**n`pude és**) à boa maneira dos Guineenses.

Tudo somado, características idênticas às que encontrava em muitos compatriotas que conhecia e até estimava. Aqui nada indica o “Herói do Povo”, o “Fundador da Nacionalidade”, o “Guia Imortal”. A Grandeza Histórica não era “invocada” pela primeira vez; em seu lugar apenas um “senhor baixinho” que usava óculos e *sumbea*. Por isso, de todas as “imagens” de **Cabral** que *retive* do que ouvia e lia na minha infância, esta foi a mais simpática, inocente e *querida*, se assim posso dizer.

Assim, este *momento* -, feito de um **Amílcar Cabral**, de mangas arregaçadas, correndo atrás de uma bola de *ping pong*, “levando baile” de um garoto - embora introspectivo e idealizado, deu-me a verdadeira noção de “grandeza” como *categoria* filosófica e histórica; na sua *negação*, no seu *contrário*. Pois na vida, muitas vezes é precisamente “o seu contrario” que nos dá o real valor, a dimensão exacta, de algo. E assim, é um **Cabral** “pequeno”, divertido, despreocupado, destituído de “grandeza formal” que me dá, tal sua *némesis*, a verdadeira perspectiva de um **Cabral** “grande”.

E devo dizer, que este especial *momento* veio a contribuir bastante para a sistematização da minha particular visão, acerca dele. Pois desde o dia que vi o seu esquife, descendo a avenida que leva o seu nome, em **Bissau**, nunca mais vislumbrei a “grandeza”; devo dizer que, aliás, essa foi a primeira vez que vi a “grandeza” com olhos de ver.

Pois a “grandeza” não se compadece com o *normal*, com o corriqueiro das nossas desinteressantes vidas. A “grandeza” não deve ser sempre “heróica”? Ou não é isso que sempre destrinçou o *herói* do *simples mortal*?

A *Grandeza*: preciso desta categoria histórica, filosófica, moral e patriótica, para situar **Cabral** e a última epopeia do nosso povo, no seu devido lugar e grau; não apenas em termos *morais* dadas pela *justeza* insofismável da sua causa, mas em termos de **grandeza**. Só assim podemos preparar convenientemente o povo para a próxima epopeia, que esta para vir, para a consumação final do seu destino, fazendo-o acreditar na sua enorme e imperecível capacidade de o fazer.

Pois embora pareça estranho a muitos, hoje não se trata tanto de grandes realizações económicas, mas de preservar o povo. Trata-se em suma de proteger o povo para depois poder realizar. Preservar este povo que se dilui cada dia, como areia de praia pelos nossos dedos, desaparecendo na fímbria do mar; desaparecendo pelos países do mundo, engolidos por culturas estranhas, deixando apenas um ténue rasto de algo maravilhosa que um dia existiu. Esse rasto que encontraremos em terras distantes, na cara dos seus filhos, nos olhos dos seus netos, mas nunca nos seus corações. Esse algo que sempre existiu, esse algo insubstituível na terra, que só existe no povo no seu conjunto, que é necessário devolver. Pois em verdade vos digo, não se salva um povo pela *economia*, mas pela *cultura*.

Por isso escrevo hoje, pois da literatura também se faz a cultura de um povo, a história de um povo, o sentimento de pertença de um povo. E desta forma dar ao povo um profundo credo em si mesmo, uma sensação de participação política superior, mais profunda, do que uma simples ida às urnas. No fundo trata-se de dar um objectivo claro e perceptível ao povo. Só com este sentimento é possível fazer o impossível, realizar o impossível através do povo, de forma que não espere realizações vindas de cima, mas as que partem de baixo, que surgem dentro de si próprio. Pois são essas que provam que ele existe e é uma identidade clara e palpável. Pois Governo algum, em tempo nenhum, por mais competente que seja, jamais poderá realizar a “parte” do povo na construção nacional. Pois o poder estabelecido não é o Presidente ou o Primeiro-ministro, é que eles representam e o que lhes deixa ou não governar.

A SEGUNDA RAZÃO que me fez não esquecer esse prosaico episódio da vida de **Amílcar Cabral**, foi porque na verdade só soube dessa história porque um dia nos jardins do Liceu **Kwame N'krumah**, alterquei com o tal “menino do relógio” (por causa de opiniões contrárias sobre um assunto delicado da vida estudantil). Na altura, sendo eu, ainda aluno do 1º Ano do Curso Complementar, ele já era um homem feito e um dos professores do Liceu. Por uma questão de educação (e de bom senso), não o devia ter feito, pois um aluno em princípio não deve disputar com um professor, mesmo que não fosse o seu (mas o caso era grave e não cabe aqui). O interessante é que depois de esse professor se ter ido embora (era um indivíduo inteligente, com ideias muito próprias), uma testemunha da nossa discussão, disse-me: *sabes quem é ele? Claro que sei*, respondi; - *não, não sabes*, retorquiu, **ca bu odjal sim... I oçanti dé! Alguim cu ossa furta relógio de Cabral... pensa só... (não o subestimes; é ousado; basta ser quem teve a coragem de roubar o relógio do próprio Cabral... imagina...)**.

Na altura, *nem ousei* imaginar, fiquei apenas a vê-lo a atravessar a pequena faixa que separa o passeio do jardim das escadarias do Liceu, por onde subiu, desaparecendo na grande porta... mas algo muito profundo ficou desse dia. São a esses dias que retorno neste dia para a partir dos acontecimentos passados, entender e explicar o presente à sua luz. E faço-o da única maneira que sou capaz: indo ao baú de recordações da minha infância, da minha juventude e de “**nha garandessa**”, buscar aqueles **instantes não sistematizados** que todos temos, sepultados naquele cemitério de recordações mortas, feita de ódio imenso que cada Guineense carrega toda a vida, dentro dele. E assim, procurando através da *Ideia* e do *verbo*, dar finalmente uma **forma** digna a este **conteúdo** indigno, que é o nosso incipiente e claudicante Estado-Nação feito de tantos erros e omissões que se repetem e eternizam no tempo a espera do dia do julgamento.

Naquela altura vivíamos num mundo surreal, num universo de faz de conta; um mundo feito de certezas sem nexos, de teorias desconexas da realidade, de entendimentos espúrios, de incapacidades gritantes (um mundo ultrapassado pela história que ainda hoje teima em permanecer). Um mundo feito de todo um povo obrigado a remar contra a corrente da história, com o vento à feição ou não. E sempre que podiam, os elementos lúcidos desse povo, sejam do Partido ou do Povo, saltavam borda a fora. Mas aos timoneiros e aos marinheiros desse navio chamado Guiné, isso pouco importava; se o motor estragava, se as velas rasgassem, se não houvesse mecânicos nem costureiras, para os arranjar, haveria sempre remadores - que não discutiam, ou porque acreditavam no conto ou por não conhecerem o caminho de regresso nem da fuga, no nosso imenso *Mar Atlântico* da nossa perdição -, que continuariam a remar eternamente.

Hoje o “Caminho para a Índia” foi descoberta, e mesmo esses obtusos remadores já o conhecem, e também abandonam o barco todos os dias, sempre que podem; e por isso são acusados de traição e de falta de amor a pátria - como naquela altura outros também foram acusados pelos verdadeiros traidores e destruidores da pátria que sempre nos governaram -, por aqueles mesmos marinheiros ou “filhos” desses. Este sentimento que preparou o caminho a leis discriminatórias em que Guineenses tiravam nacionalidade a outros Guineenses, até chegar finalmente ao aziago dia em que o Guineense se tornou num expatriado no seu próprio país. Mas por agora, como vocês, só posso dizer que “**cada kussa ku si cumsada... ma i ta tem si fim. Son si Deus ca misti ki ca ta caba**”. Embora é necessário dizê-lo também plenamente como o poeta: **Ma si no ca pui tudo na um mon i ca ta caba...**

Durante a nossa “viagem nacional” rumo ao abismo, estes “timoneiros” e “marinheiros” nos contavam a história “oficial”, feita de discursos comoventes, de elogios ao heroísmo; uma história muitas vezes “combinada” num nível tal que já nem eles sabiam da “combinação”; nem onde a verdade acabava e onde começava a mentira, uma história feita de *feitos* transcendentais e de silêncios cúmplices, que nunca deixavam transparecer o que envergonhava. E assim sem *conhecer* a História, sempre fomos *contra* História; como povo obrigaram-nos a odiar a História. Obrigaram-nos a odiar a nós mesmos, as nossas origens, a nossa herança, a nossa cultura. E ao matarem o nosso orgulho mataram o povo que vive em cada um de nós, matando pelo caminho a parte do povo que vive em todos nós.

Por isso escrevo, mesmo pregando no deserto ainda, acreditando como **Malcolm X** que “*as únicas pessoas que realmente mudaram a história foram os que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos*”. Mas entendo que a “mudança de pensamento” na direcção de valorização do ser humano, nunca deve ser um fim em si, mas apenas um caminho para a valorização de homens como um todo, como um “conjunto de homens” unidos por um destino comum, que muitos teimam em não ver. E esta mudança *qualitativa* provocada pela *quantitativa* anterior, só valerá se proporcionar uma tomada de consciência nacional, que por sua vez vai originar uma mudança fundamental no conjunto dos homens, e deste modo deixarem de pensar como *homens*, para passarem a pensar como *povo*.

E devemos por isso na cabeça de cada Guineense, como uma certeza, que um dia será cumprida, pois sem isso o nosso destino não se realizará e nunca seremos uma nação, um povo e uma pátria de verdades. E se os meios ainda faltam, não tenham medo, pelo menos por enquanto devemos dar ao povo uma crença e esperança tal, que se for preciso morrer - para a materialização desse sagrado

desiderato - estarem prontos e mais que dispostos; só assim é possível realizar o futuro hoje, aqui, nesta terra. E só quando isso se iniciar, teremos de novo o vislumbre de *Grandeza*.

Por isso a minha luta passa por aqui também, pois independentemente de questões de índole histórico profano - ligados a simbologias nacionais e ao passado comum, feito de actos heróicos, que qualquer povo precisa como de pão para boca para construir a sua identidade nacional - necessito nesta batalha retórica, verbalizar noções que povoam a minha existência desde a primeira hora que estive de facto em *contacto* com este povo, embora, pelo caminho, destruindo a fé de alguns, em verdades *mentirosas* que há muito interiorizaram como verdades *verdadeiras*.

Assim este texto não será consensual, pois sou obrigado a falar de coisas, que preferia não falar; e quiçá magoar *quem* não queria magoar. Pois podemos magoar mesmo aqueles que não conhecemos, e *quem* nunca veremos algum dia nas nossas curtas vidas. Pois falar de **Amílcar Cabral** é falar dos Guineenses. E falar de Guineenses é falar de coragem e covardia, de mártires e traidores, de homens honrados e de bandalhos.

Agora devo elucidar a ÚLTIMA RAZÃO que tem a ver com um entendimento - na altura, ainda na adolescência, apenas percebido de forma difusa - de que houve “algo mais” na **Luta de Libertação**, mais *profundo* do que os participantes vivos ou mortos alguma vez “puderam” entender na sua plenitude. Aquele *algo* imperceptível que os “ultrapassava” - como indivíduos singulares - e só pode existir no colectivo do povo. Aquele *algo transcendente* que vai, para além do ordinário acto de libertação física de um território sob dominação estrangeira.

Aquele algo que vai *criar* de raiz o povo que temos hoje. Aquele algo que - para o bem e para o mal -, junta todos os elementos, grandes e pequenos, negativos e positivos, do *ser* e *nascer* de um povo, para dar um “valor maior” a esse acto único e irrepitível, independentemente dos participantes singulares, de como e de que maneira participaram nela. Por isso se respeitarmos esse acto - o nosso primeiro acto como povo único -, o nosso primeiro dever, como dirigentes do povo, é o dever de não abastardar o povo; e segundo dever é de cuidar do seu porvir, como tal.

Mas este entendimento, por mais magnificente e grato, não me impedia de discernir já nesse tempo que houve *Uma Luta e Dois pensamentos. Diferentes expectativas. Distintos objectivos. Categorias* que vieram condicionar tragicamente a nossa vida futura como Nação independente. Categorias que fazem parte e condicionaram esse *algo*, que fez com que “aqueles que vieram da luta” se sublimarem até não serem mais homens *normais*. Vindos investidos de uma falsa autoridade moral que fazia com que cada uma das suas palavras ou actos tivesse um poder superior; por isso, no fundo, menos de cinco centenas de indivíduos condicionaram todo um povo e a meia centena, que por fim desembarcou em Cabo-verde, dominou esse povo inteiro.

O episódio do relógio é pueril, mas sintomático, pois ilustra algo difuso mas concreto que a minha mente juvenil segurava por uma das *abas*, mas não sabia sistematizar. Pois aquele isolado acto de facto requeria mais que ousadia; pois naquela idade, naquela instituição e naquele tempo, aquele acto não era apenas uma questão de coragem; era algo que um menino, inocente, só realiza por imitação, por ver outros a fazer algo similar e a serem bem sucedidos.../? E por isso era, digamos, um sinal (prova?) de que noutros domínios, noutras *frentes*, também passavam-se coisas menos, digamos, exemplares... Será dessa altura, o roubo do motor de barco da marinha do PAIGC, pelo executor de **Amílcar**, o tristemente célebre **Inocêncio Cani**?

A **Escola Piloto** - “*um dos elementos essenciais do nosso ensino (...)*” segundo **Cabral** - era o estabelecimento por excelência para inserção na nossa futura elite (que nunca chegou a ser), do saber, patriotismo, abnegação e de novas ideias, a partir das quais germinaria a nova nação, justa e livre. E se lá, podiam acontecer certos actos, então *algo já não ia bem no reino da Dinamarca*. Nas minhas aturadas - mas ainda não sistematizadas - análises juvenis, já percebia que houve um certo “desvio ideológico” (como se dizia então) já nos primórdios da Luta. *Desvio* esse que **Cabral** conhecia e tentou combater, mas sem sucesso.

Mas de uma forma ou de outra, *é daqui que sai* – coisa difícil de entender (e de provar ainda mais) por quem não procura um encadeamento dialéctico das coisas - um dos *fiões condutores*, ainda ténues, mas já inquebráveis, que levarão a própria morte de **Amílcar Cabral** tempos depois...

Por isso começo este texto pelo fim, naquele *momento* em que o nosso país parou no tempo, de forma a *penetrar* no passado até esse “dia da infâmia”, pois o espírito e a *alma* da nação, tal como a vejo, está como que petrificado no tempo, desde aquele longínquo dia da sua morte. Morte que determinou e continua a determinar a nossa história recente, sem contemplanções, como uma anátema.

É neste PRESSUPOSTO que estes “**Sete Instantes**” que irão ler, são uma tentativa consciente, de *através* de **Cabral** chegar aos **Guineenses**. Por isso o objecto do meu texto não terá nada a ver com *engrandecer* a obra ou tecer elogios a **Cabral**, mas uma tentativa séria de questionar alguns mitos e verdades feitas que povoam o nosso imaginário colectivo, a demasiado tempo, sobre ele e sobre nós próprios. Para desta maneira tentar discernir neste amontoado de destruição - deste país mais pobre do mundo -, que é hoje a Guiné, o fio condutor que leva ao seu verdadeiro legado. Assim chegar a outra questão, a de saber se a sua visão lhe sobreviveu; pois a *visão*, diferente da *obra*, quando ela é forte e justa, pode perdurar infinitamente no coração das gerações vindouras, mesmo que não se tenha traduzido em realizações gratas, por culpa de outros que vieram depois.

Nesta base, falar de **Amílcar Cabral** quarenta anos depois do seu assassinato deve servir para algo mais do que relembrá-lo “com saudade”. Apenas enaltecer o homem e os feitos, por mais gloriosos que sejam, não serve para muito e pode pelo contrario prejudicar o nosso discernimento. Como também acredito profundamente que os heróis mortos não devem ser mitificados e postos num pedestal. Pois o primeiro passo para “anula-los” e à sua herança, para “que não incomodem”, é endeusa-los. Foi isso infelizmente que aconteceu com os nossos heróis nacionais e com **Cabral**.

Mas também não pretendo escamotear tudo de grandioso que fez na sua curta passagem por esta vida. Pois *felizmente* não me envergonhou; não digo “não nos envergonhou” pois *infelizmente* neste particular só posso falar por mim e por alguns iguais a mim. E falarei enquanto for vivo e tiver o direito de escrever sobre o meu povo; enquanto não me conspirarem esse *direito*, e acima de tudo o *dever* de dizer uma palavra sobre a terra que me viu nascer. Esta terra que no tempo dele *não tinha montanhas, apenas povo*, que no meu tempo *não tem povo, mas apenas tribos dispersas* lutando por um lugar ao sol. E que no tempo dos meus netos, (face as mudanças que se avizinham céleres), *não terá nem montanhas, nem povo, nem tribos* e será apenas parte de outras nações; como já somos de resto, económica e culturalmente, embora continuamos a pensar erradamente que ainda somos independentes.

Mas eu não quero “ter razão” naquilo que digo, pois quando preanunciamos uma catástrofe, se ela sobrevier por fim, teremos razão, mas passaríamos melhor sem “ter” essa razão. Assim foi em 1998 e assim será um dia outra vez se não olharmos para onde sopram os ventos da história. Há menos de um ano escrevia que a nossa revolução seria em conjunto com a revolução maior, que é a revolução continental Africana; e ainda não tinha secado a tinta da minha caneta os meus olhos virão as convulsões no norte de África e as movimentações no centro e sul; para quando a África Ocidental?

Existem os que sem saberem, estão empenhados em propiciar o deflagrar de uma revolução, embora inocentemente pensem que estão lutando contra ela. Por isso enquanto esperamos o cataclismo, o olho do furacão, devemos preparar a sua chegada, pois como bem dizia o “Tribuno do Povo”, **Honoré Mirebeau** “*quando nos empenhamos em dirigir uma revolução, a dificuldade não é fazê-la marchar, mas contê-la.*” As revoluções não podem ser racionalizadas. Se racionalizarmos “actos históricos” futuros, com conceitos como *prós* e *contras* nunca as realizaremos.

Mas mais importante que isso é necessário frisar que todas as revoluções que se sucederem neste mundo, desde - a mãe de todas elas - a Francesa de **1789**, só vingaram por serem portadores de uma

ideia nova. Por isso eu não quero ser “portador da razão”, mas portador de uma “ideia nova”, pois sem uma *ideia nova* que galvanize um povo, nada se pode fazer com esse povo.

E isso é mais verdadeiro no “fazer História”, pois no que concerne a vida do povo, não basta estarmos do lado da História; temos que acompanhar o andamento da História, em suma devemos estar em compasso, determinar e também *fazer* História. Por isso acreditar na força das ideias sim, mas mais do que isso, é necessário encontrar os homens capazes de as fazer passar, para que as massas o realizem. Por isso acredito piamente que a **política** de *ontem* é a **história** de *hoje*, assim como também acredito que a **política** de *hoje* é a **história** de *amanhã*. E a **história** de *amanhã* só não será a **vergonha** de *amanhã*, se a **política** de *hoje* não for a **vergonha** de *hoje*.

Na morte de **Kwame N`krumah** - num dos seus raros “momentos de misticismo” - **Cabral** disse, com razão, que “*Nós africanos, acreditamos firmemente que os mortos continuam vivos ao nosso lado. As nossas sociedades são constituídas por vivos e mortos.*” E comungando dessa sua crença, *apresento-vos* este **Amílcar Cabral**, morto e enterrado, mas cada vez mais vivo cada ano que passa. Pois ele é um morto que caminha; as vezes, sozinho, as vezes, com os vivos, fazendo parte inseparável da nossa sociedade e do nossa mundividência como seres humanos dignos; como um dia fará parte da sociedade dos nossos filhos e netos, caminhando com eles, quando nós, os vivos de hoje, não mais caminharmos, e formos apenas os já esquecidos mortos de *amanhã*.

PRIMEIRO INSTANTE UMA VIDA INACABADA

A morte sempre nos acompanha e nós não somos nada sobre a terra, se não somos, desde logo, cativos de uma causa, a dos povos, da justiça e da liberdade."

Franz Fanon

O **primeiro instante** destas reflexões, foi protagonizado por dois velhos de oitenta e tal anos, que falam com voz trémula de experiência, de vidas passadas, de duros combates, de realizações; falam com voz embargada de emoção, de vidas vividas com dignidade e entrega. Ambos, mais ou menos da mesma idade, cada um com o seu percurso política e revolucionário, falam-nos do homenageado, do **Amílcar Lopes Cabral** de seu nome, que já desapareceu do mundo dos vivos há quase quarenta anos.

Estamos no anfiteatro da **Fundação Mário Soares** na cidade de **Lisboa**, na sessão de preito pela passagem de mais um ano sobre o dia em que assassinaram **Amílcar Cabral**. O primeiro que fala, é o nosso anfitrião e Presidente desta **Fundação**, o venerando **Mário Soares**, antigo Presidente Português; no seu discurso de abertura da sessão, fala da importância deste cavaleiro africano há muito desaparecido que sendo vivo teria agora a sua idade. Nascidos os dois no mesmo distante ano de 1924 **Mário Soares** é mais novo três meses, pois **Amílcar Cabral** é de Setembro e ele de Dezembro.

O outro senhor aparenta mais ou menos a mesma idade, com porte e maneiras respeitáveis, antigo militante do PAIGC, viveu em Argélia e na antiga **URSS**. (Rússia actual), locais em que privou com **Cabral**. É ele que a minha mente escolhe para ser o primeiro a protagonizar este primeiro **instante**.

Pois este admirável senhor, embora tenha falado só no fim, depois de todos, embora quase cego, brindou-nos com um testemunho emocionante, embora propositadamente contido; um testemunho que só pode vir de alguém que há muito perdeu todas as ilusões e acordou de todos os sonhos; de um ser conformado com as injustiças da vida, da qual não espera mais nada. Numa voz rouca pelas intempéries da vida, monocórdica na sua falta de pressa, relatou conversas tida entre os dois e narrou

momentos que comungaram. Contou alguns *acontecidos* com **Amílcar Cabral** que presenciou. E tudo isto calmamente, com simplicidade de alguém que fala do “frio que fez ontem ou do calor que fará amanhã”; percebi que era alguém que falava mais para dentro de si próprio, do que para nós. De olhos fechados, apoiado no espaldar de uma cadeira, com ambas as mãos, parecia um ser de um outro tempo, representante de uma raça de homens extinta pelo tempo, pela incúria e pela desilusão... uma raça de homens de verdade que tanta falta fazem hoje.

GERAÇÕES DA INDIGNIDADE

Esta homenagem feita a **Amílcar Cabral**, por outro combatente de liberdade, dilacerou o meu coração de pena, e incendiou-o de orgulho. O que esse velho contava tocava no fundo do meu ser (nos nossos?) pois ali estava alguém que entregou a sua juventude à causa do nosso povo, para hoje, pelos vistos, não ser nada (nem lugar teve na mesa de honra). Ou como diz o poeta, um “dos que nada levou”. Com uma voz triste, despida de emoções, apenas amparado de fatalidade, as lembranças de toda uma vida, não vivida em vão - ninguém vive em vão ao lado de **Amílcar** - mas inacabada... uma daquelas vidas que pela sua plenitude, merecem no último dia, no momento do último sopro, que este venha embrulhado nas imortais palavras de **Pablo Neruda**: *confesso que vivi*.

E ali estávamos nós, Quadros, com as nossas cabeças quadradas, que empurrados pelas desgraças da nossa pátria e dos nossos governantes, viemos parar a este país; partes desse universo infinito de quadros que o nosso país teve e (ainda) tem, sentados nessa sala, extáticos, balançando as cabeças concordantemente; ouvindo coisas sobre o nosso **Cabral**, num País estranho, numa cidade estranha, numa rua estranha, numa Fundação estranha ... sem se aperceberem do estranho da sua estranha situação.

Aqueles quadros que eu observava com curiosidade, eram uma ínfima parte de milhares de quadros formados durante a vida e depois da morte de Cabral que nunca aplicaram e nem aplicarão no seu país 10% do que apreenderam nas escolas do mundo.

Comparados com estas maravilhosas gerações do antigamente -, que não quiseram viver por viver, que não quiseram viver de *consequências*, mas de *realizações* -, as nossas gerações actuais só vivem de *consequências*, do “que aconteceu” e “não aconteceu”. E não do que *fizeram* ou deveriam *fazer*. São a geração que nunca fará a história, que viverá eternamente de feitos de outros, esquecendo que chegou o tempo de não mais vivermos de *consequências*, mas de *realizações*.

- Velho, a tua geração fez o que tinha a fazer, as nossas não fizeram o que tinha a fazer em tempo nenhum, em nenhuma altura. Por isso não tem palavra na sua terra, por isso não podem influenciar o seu próprio destino. São a geração que para ter, precisa pedir favores a aqueles que são piores que eles...

Ali estávamos nós, Guineenses comuns, antigos quadros, novos quadros, recém-formados, estudantes, trabalhadores, outros, e mais outros, todos sem nenhum pinga de revolta, com sangue de baratas, dóceis como cordeiros (mas prontos para dançar **ngumbé** se nos chamarem), ouvindo histórias acerca de um seu compatriota que há muito tinha morrido, antes de nascerem, depois de nascerem... mas que os engrandeceu a todos... porque era um herói tão grande, que era de dois países... tão grande que era também de África inteira... tão grande que... Outras juventudes de outros países não tiveram tamanho herói para imitarem e inspirarem-se (Deus não lhes deu essa sorte) e nós tivemos... tivemos e não demos valor...

Como **Cabral**, infelizmente, também tínhamos motivos para *Lutar*. Pois nem o seu sacrifício foi em vão, nem o seu sacrifício serviu para libertar o povo na verdade. Tínhamos motivos de sobra para desafiar os regimes que vieram e pô-los em causa. Pois o que devemos fazer quando algo vai contra a nossa consciência e revolta o nosso ser? Tínhamos motivos morais, éticos, além da responsabilidade acrescida para com o povo para tentar derrubar os regimes perversos e sanguinários que existiram no

nosso país. Tínhamos os mesmos motivos que Cabral para desencadear uma revolução..., uma nova Luta pela alma do povo.

Mas as nossas gerações não tiveram dignidade, e sem dignidade não há glória. Estas gerações de pedintes, as nossas gerações, não tiveram dignidade, nem ontem nem hoje. Pois só *rouba* quem é deixado roubar, só *destabiliza* quem é deixado destabilizar; só *descontrola* quem é deixado descontrolar; só *mata* quem é deixado matar. Se as nossas gerações, e com ela todo o povo, tivesse saído para a rua não se teria prendido ninguém, esbofetado ninguém, matado ninguém. E não teria havido a guerra de 1998 e a nossa história seria muito diferente hoje. Na verdade a única protecção que o povo tem é o próprio povo.

Porque é que a pátria não foi engrandecida? Porque permitimos que as pessoas sem competência e saber nos governassem? Não nos ensinaram a amar o nosso País? Não tiveram pena do seu povo? Não tiveram vergonha de andar na rua? De dançar **kussundé** e de **badja gumbé**, de beber vinho de palma, cerveja **pampa**, enlouquecerem com **n`sumsum** e vinho de caju, naqueles dias (todos os dias) que a pátria resvalava-se para o abismo, inexoravelmente, sem retorno?

Os quadros lavaram as mãos perante a iniquidade e a indignidade. A parte mais lúcida do povo, a mais bem preparada, não cumpriu a sua missão. Por isso o bom nunca mandou no mau, o sensato no insensato, o competente no incompetente, o moderado no radical, o justo no injusto, como em países normais; foi sempre o contrário. Por isso o nosso país é o contrário dos países normais. Eis a nossa desgraça. Desgraça destas gerações pôs **Luta de Libertação**, pôs **14 de Novembro**, pôs **Guerra de 1998**... as gerações pôs... **nada**. As gerações do nada. As gerações do “**nada vezes nada fora**”.

As gerações que não compreenderam esse outro grande contemporâneo de **Cabral**, o glorioso fundador da **Negritude**, **Franz Fanon** que nos diz com toda a naturalidade: *A morte sempre nos acompanha e nós não somos nada sobre a terra, se não somos, desde logo, cativos de uma causa, a dos povos, da justiça e da liberdade.*"

O NOSSO DESTINO COMO POVO. O NOSSO DEVER COMO A ELITE DO POVO

Se a **Luta de Libertação Nacional** não foi apenas para obter a Independência Política - que era necessária para se poder construir a felicidade do povo, que era muito mais importante -, mas para realizar a Nação, então ainda estamos no mesmo sítio onde **Cabral** começou a cinquenta anos atrás. E com agravante que não estamos a preservar o povo e nem a caminhar em direcção certa, com passos necessários e prementes. Este pensamento nos remete para o campo da especulação histórica: o que diria ele se pudesse ressuscitar, dos anos da “governança” sanguinária, despótica, ditatorial do **PAIGC**? Que foi em termos de desenvolvimento nacional, em termos de crimes cometidos, muito pior que o colonialismo? E se estes que governavam eram piores que os outros que partiram, o que fazer então? Aconselharia os jovens a fazerem uma nova luta para se libertarem dessa gente? Pois os **fundamentos sagrados da Luta de Libertação Nacional**, esses serão sempre actuais.

Aquela geração que foi com **Cabral** para a Luta, no seu tempo, cumpriram... tiveram dignidade, dada pela Luta, dada pela gesta de Cabral, e um pedaço da manta da glória cobrirá os seus corpos também... Por isso falarei de uma vida inacabada, mas não para referir e lamentar apenas a desse velho homem que chora; a vida desse, ainda que inacabada, teve dignidade. Falarei, não para referir apenas a tristíssima, curta e inacabada vida de **Amílcar Cabral**... Uma vida vivida sem cumprir o seu destino... mas uma daquelas vidas em que a dignidade era simplesmente natural. Falarei também das nossas inacabadas vidas. Sim, das vidas de todos nós que ali estávamos sentados a ouvir... a ouvir... as vidas de todos os outros que não estavam ali, espalhados pelo mundo inteiro, mas também a ouvir... A ouvir o som dos seus corações, a ouvir o som do nosso descontentamento, como nação e como povo; a ouvir... até quando?

Habitados a pedir favores e indulgências, esqueceram de ser homens dignos, e já só vivem de favores, mesmo hipotecando o futuro dos seus filhos. Esqueceram que o destino de uma nação é

sempre responsabilidade de todos os seus filhos, mesmo aqueles que nunca detiveram o poder, mesmo aqueles que foram excluídos por motivos, como proveniência de nascimento, cor da pele, pertença tribal ou por delito de opinião.

Habituaados a ajoelhar perante o poder, esqueceram que são a parte principal de um povo digno, que pacientemente esta a espera... ali, naquele lugar... que te viu nascer. Um povo infeliz, mas que o é por culpa nossa também... Ali graves e impotentes, balançando o corpo, balançando as cabeças tristemente... *a ouvir e a pensar como poderia ter sido o nosso destino, aquele para qual Deus nos predestinou... o nosso destino como povo.*

Habituaados a nada fazerem, sem nunca entenderem a respeitabilidade e responsabilidade que o seu estatuto lhes dá perante o povo, apenas preocupados com a parte ostentatória de ter um **diploma**, que na maioria das vezes não serve e nunca servirá para nada. Pois se o *povo lavrador* tem o **arado**, mas também a terra para o usar; o *povo pescador* tem a **rede**, e também o mar para o utilizar; ele tem o **diploma**, mas nenhum sítio para o usar. *Nenhum* país para o utilizar; pois um diploma só vale quando o país tem um desenvolvimento, mínimo que seja, para o poder utilizar; um sítio para o empregar, uma universidade, um laboratório, uma fábrica, um hospital, uma empresa.

Perdidos em discussões estereis e disparatadas, nunca conseguiram desempenhar um papel digno e útil no nosso país. Nunca se habituarem a ideia que são na verdade a parte mais esclarecida do povo, e por isso com mais responsabilidades que ninguém. Porque mesmo que não possamos “fazer a felicidade de um povo contra a sua vontade”, a parte mais esclarecida do povo, a sua elite, tem obrigação moral de defender o povo mesmo contra a vontade do próprio povo (se numa determinada altura este não esta compenetrado dos perigos que o cercam). Por isso ela é uma elite e para isso se preparou mais que a maioria da população.

Sem entenderem isso o vosso lugar por direito será sempre ocupado por aquele (que eles dizem com desprezo) que *nada sabe*, mas que *sabe* o que ele não *sabe*, pois “*sabe ocupar*”. Pois ele não *ocupa* com o direito de ser “o mais competente”, mas com o direito de na “ausência” deste (“o mais competente”), preenche o vácuo criado. Não pelo *dever*, mas pelo *direito* que a desorganização social e política permite. Pois a Política é como a natureza, tem horror ao vácuo. E como na natureza o ar ocupa imediatamente todo espaço vazio, os espaços vazios da nossa Política Nacional, são preenchidos por aqueles que não servirão melhor a nação, mas apenas porque este *espaço* está vazio e precisa ser preenchido.

E ali estávamos, dentro daqueles corpos que daqui a pouco se erguerão para partir, para no ramerrão do dia-a-dia, nas preocupações quotidianas esquecer **Cabral** de novo, esquecer que são parte importante de um projecto parado no tempo; de uma **Luta** nova ainda não iniciada. E assim, depois deste dia, antes mesmo de essas cadeiras esfriarem do calor dos nossos corpos, esquecerão o que ouviram, que na verdade a única coisa verdadeiramente sagrada na face da Terra é o Povo e a Pátria. E assim nunca serão condutores do povo na verdade e nunca construirão aquelas fábricas, aqueles laboratórios, aquelas universidades, que tanto necessitam para realizar a sua formação, que apenas ficará no papel.

Este triste pensamento chegou-me através dos meus olhos que vagueando pela sala plena, só podiam atentar em cada um deles, meninas e rapazes, homens e mulheres, quadros maduros e recém-licenciados, em estudantes apenas... para sentir o trágico da nossa existência como seres individuais e como povo.

Por isso o meu dever, o meu papel do Quadro, é apenas um só: dentro da medida das minhas parcas forças, tentar conduzir este povo até o ponto onde desejaria que estivesse, mas se as forças me faltarem, se não poder conduzi-lo, ele continuará, de todas as formas a ser o meu povo. E nele terei orgulho, pois nele me revejo, e é nele que devo ir buscar a energia vital para continuar. Pois sei que só somos verdadeiramente humanos a partir da decisão de amar o povo mais do que a nós mesmos; digo isto realisticamente, sem falsas emoções, apenas compreendendo sem nenhuma dúvida, profunda e

humildemente, que o povo representa todas as coisas que são importantes na verdade: tudo o que sou culturalmente, intelectualmente, as minhas relações humanas, a minha vida, a minha tradição, a minha língua, a minha família, a totalidade da minha inteligência, tudo isso devo em primeiro lugar ao meu povo. Dele provem os meus ancestrais e a ele retornarei, como seu filho. E só *somos* porque ele *é*. E só *seremos* enquanto ele *for*. É apenas esta compreensão que deve nortear todo o nosso credo e discernimento. E este credo nunca será uma infelicidade para ninguém que tenha alguma dignidade e vergonha na cara, além de que é a única forma, certamente, de toda a nação ser responsável pela sua própria história.

Não somos a *intelligentsia*, não somos a intelectualidade, não somos Quadros, não somos a melhor parte da sociedade, a nata do povo, sem entender que os destinos da nação são o nosso primeiro dever e preocupação. É essa compreensão que faz de nós a *elite* e não a nossa formação académica, por mais completa e abrangente, que possuímos. Podemos *doutorar-nos* e “*redoutorar-nos*” mas nunca deixaremos de ser **formados sin forma** se não compreendermos esta verdade imortal.

Nunca devemos esquecer, para o bem do nosso povo, que um Quadro *é sempre é mais do que isso*. Um médico não *é apenas um medico*, ele não termina como ser humano onde termina a sua especialidade. A especialidade *é apenas algo que a se acrescenta ao seu valor intrínseco*, a sua sabedoria, que *é maior e mais abrangente*. Primeiro *é membro de uma elite e só depois é um licenciado ou um especialista*.

Ao especialista que entende que só pode servir o seu povo na sua especialidade, responderei que um membro de uma elite, que não *é licenciado ou não tem altos estudos* as vezes *esta mais preparado para realizar o bem comum do que o licenciado*; pois terá horizontes mais vastos e não estará fixado na sua especialidade, um quadro não se esgota na sua especialidade, pelo contrário *isso é apenas uma ínfima parte das suas capacidades gerais de intervenção*. Um inicio apenas de tudo o que pode realizar para o bem da comunidade do povo.

Para um país como o nosso, um *Quadro* não deveria ser uma unidade fechada que *termina em si próprio* ou nas suas realizações; um Quadro *é a certeza do povo no futuro da nação, no amanhã que se advinha*; pois um país que forma Quadros, *é um país que sonha com o futuro*. Os Quadros, diferentes de outros bens que um estado possui, nunca são permanentes; são altamente perecíveis, pois estagnam se não forem usados ou incorrectamente usados. E só valem e se *realizam* como tal se tiverem a possibilidade de transmitir o saber acumulado. Um Quadro *é a promessa de outros Quadros*; um Quadro *é dois Quadros*. Um Quadro *é vinte Quadros* que ele forma, num país que deveria ser o nosso. Num país que deveria valoriza-los como o *sal da terra*.

Mas se o que *deveria* não o *é*, então um Quadro *é nenhum Quadro*; pois um Quadro que não *realiza* não *é Quadro*. E como quase nunca *são usados*, habitualmente estagnam; e na sua estagnação acabam sendo piores que aqueles que não se *formaram*. Pois vivem num mundo onde nem são peixe nem são carne; onde são apenas aquela parte maldita do povo que foi arrancada das suas raízes e enxertada num novo mundo que se revelou uma quimera. E como aquelas plantas do deserto que apenas vão fenecendo eternamente a espera da chuva que não vem, não morem mas não vivem, não florescem... e aqueles que não puderam esperar pelo tempo da chuva, foram desaparecendo... assim outros morreram por falta de condições mínimas de vida, por falta de hospitais, por faltam de médicos, por falta de assistência, por falta de governantes capazes, por falta de comida, por falta da dignidade a que o ser humano tem direito.

ONDE ESTA A NOSSA GENTE?

Quando terminei o Curso Complementar dos Liceus fui dar aulas na antiga Escola de Direito de Bissau, aos alunos do Curso Nocturno. Eram na sua maior parte funcionários públicos, bancários, trabalhadores diversos que só podiam estudar a noite; também havia membros das Forças armadas que queriam terminar o Curso Complementar do Liceu para poderem no futuro beneficiar de uma bolsa de estudos para irem continuar os seus estudos no estrangeiro. Tinha alunos da Base aérea, do Quartel de

Amura e do Q.G. de santa Luzia. Depois passei mesmo a leccionar no novíssimo Liceu das Forças Armadas (vulgo Liceu das FARP) no Quartel de Santa Luzia. Muitos deles vieram a se formar em engenharia, licenciarem-se em direito e outras especialidades. De alguns ainda sou amigo. Mas nesse tempo já havia o crónico problema da falta de energia eléctrica; e embora adultos (a maioria eram muito mais velhos que eu) esses meus alunos, não deixavam de ser “estudantes” na “alegria de não ter aulas” quando a electricidade faltava.

O grito “**luz bai**” cortava a noite diversas vezes em plena aula, e era a debandada geral. Todos os alunos e professores saíam das salas, para ficar esperando a volta da energia, que na maior parte das vezes “não voltava”. Uns fumando, outros namorando, alguns apenas pensando na vida nova que a Independência trouxera. Eu e os meus alunos fazíamos o mesmo; quer dizer, eu não ia namorar ou fumar, mas pensava “na vida nova”. Até que um dia, farto dessa irresponsabilidade do Governo, decidi que nunca mais a falta de luz iria me incomodar: nem a mim, nem aos meus alunos. E quando a luz faltava em plena aula, eu proibia a saída de qualquer aluno e continuava a leccionar no escuro até ao fim do tempo regulamentar. E fiquei a ser “famoso” por isso; e os alunos dos outros professores que estavam nas varandas dos pavilhões enchiam as minhas seis janelas, de ambos os lados para me ouvirem. Como falo alto, a minha voz era ouvida no recinto inteiro para o gáudio de toda a escola que faziam questão de demonstrar, aos gritos, em certas passagens da minha oratória que os encantava. Fazia isso porque sabia que literalmente que não tinha tempo a perder. Sabia que havia toda uma geração que tendo estado na Luta de Libertação, não teve oportunidade de estudar e estavam havidos do “saber”, querendo aprender, querendo recuperar o tempo perdido; e eu não tinha o direito de não ensinar, por falta de electricidade, que irresponsavelmente o Governo que devia ser o primeiro interessado, não fornecia.

Embora os outros professores achavam (e com razão talvez) que a culpa não era deles e portanto não tinham que seguir o meu exemplo. Na verdade as minhas aulas eram teóricas, e não precisava muito de electricidade, ao contrário dos professores de matemática, química ou ciências naturais, mas eu não dava aulas apenas para ter uma bolsa de estudos no futuro, como muitos; no meu caso, entendia que estava a fazer história. Entendia que estava num processo emancipador do povo, na linha do **Paulo Freire** e outros educadores que na América latina nesse tempo também trabalhavam para o progresso da humanidade. E embalado nesse sonho, desculpando os nossos incompetentes dirigentes aceitei o inaceitável como todos vós. E assim era um dos poucos professores que era “amigo” dos meus alunos, nas suas horas difíceis, nas suas alegrias; no seu trabalho e no seu lazer. Não havia um fim-de-semana que não era convidado para alguma cerimónia tradicional, um baptizado, um casamento, um **fanado**, Ramadão, **toca tchur** ou apenas um *pick nick* na praia do **Suru**. E hoje - como educador que, bem ou mal, também fui de várias gerações (dei aulas desde os meus quinze anos) -, eu pergunto com todo o direito que ninguém me deu, mas conquistei dia a dia nesse tempo:

Onde estão os nossos juristas de **Coimbra** e **Lisboa**? Os nossos antropólogos e sociólogos de **Paris**? Os nossos agrónomos e pescadores da **América**? Os nossos pilotos, geodesistas, linguistas, do **Brasil da China**? As nossas educadoras infantis e enfermeiras de **Armavir**? Os nossos médicos da **Rússia** e **Ucrânia**, de **Krasnadar** e **Moscovo**? Os nossos jornalistas, locutores, carpinteiros, marinheiros, torneiros, arquitectos, engenheiros de todas as áreas? De **Cuba**, **Rússia**, **Argélia**, **Jugoslávia** e do **Mundo Inteiro** Onde estão os nossos diplomatas, as nossas hospedeiras, as dançarinas da “Nossa Pátria Amada”, os músicos de “**Cobiana Djass**”, os técnicos de “**Como Caiar**”, os lavradores de “**Contuboeil**” e os pescadores do “**Projecto de pesca Artesanal**” de Bubaque e de outros mares da nossa terra? Onde estão os nossos diplomatas autodidactas que apreenderam o ofício da diplomacia sozinhos, desde os tempos de **Cabral**, dia a dia, passo a passo, aprendendo esta subtil arte, não nos corredores da faculdade, mas “na amara”, realizando e conquistando cada dia? Onde estão os nossos valorosos professores que nada ganhando formaram gerações e gerações de seres humanos que de nada serviram? Onde estão os nossos “Nhu Bernalis?” e professores “Hipólitos”? Onde esta o nosso cientista nuclear, o nosso biólogo emérito, onde esta a “nossa estrela negra”?

Onde estão os nossos tanquistas, para rodopiarem os tanques de guerra, mais uma vez a frente da **Sé Catedral de Bissau**, no aniversário da Independência, enquanto por cima das nossas atemorizadas

cabeças de crianças, troavam os motores dos jactos da nossa força aérea, pilotados por nossos pilotos militares? Onde estão os nossos garbosos pilotos de **MIGs** (como aqueles meus antigos alunos da base aérea), Os nossos artilheiros da academia de **Frunze**, os técnicos de transmissão, mecânicos de aviões, parteiras de crianças... Onde estão aqueles cavalos (dois pretos e dois brancos) de **Bafata**, montados pelos garbosos ginetes que dão o compasso no desfile? Onde esta o nosso campeão que ganha com cores de outras bandeiras? Onde esta o nosso povo que perde debaixo das cores da sua bandeira?

Cabral permitiu com que fossemos o povo *per capita* com mais quadros na África Ocidental; esses quadros que formaram-se no mundo inteiro, seriam suficientes para alavancar **qualquer** projecto de desenvolvimento em **qualquer** país do mundo, em **qualquer** momento da história, mesmo que os governantes fossem os mais incompetentes do mundo, conquanto que permitissem o livre desenvolvimento da economia; mesmo que os governantes nada fizessem e apenas deixassem o povo viver e criar. Esses quadros fariam milagres se orientados e direccionados para tarefas concretas, debaixo de uma liderança esclarecida e nacionalista, mas por uma imensa incúria, incompetência e maldade, a semente não deu frutos.

No tempo de **Cabral** já havia centenas de quadros entre os de formação superior, técnicos, simples auxiliares, estudantes no estrangeiro e no país. Onze anos depois da sua morte, no ano em que fui estudar para a Rússia (1984) - só nesse ano - fomos mais de 200 estudantes, e lá já havia mais de seiscentos a estudar; e depois, a cada ano, foram mais centenas, independentemente daqueles que iam para Portugal, Cuba, Brasil, China, Jugoslávia, França, Estados Unidos, Alemanha, China, Argélia, Marrocos etc., etc., a lista é infindável. Hoje pergunto: onde estão todos esses quadros? Ou mais grave ainda, onde estivemos em todos esses anos de destruição e descalabro?

Outros partiram com esperança de voltar com alguma coisa que na sua pátria nunca teriam e nunca mais puderam voltar a pisar essa terra que os viu nascer. Outros desiludidos com a vida e incapazes de entrar em esquemas corruptos pouco a pouco abandonando-se a letargia, a bebida, ao suicídio não declarado, ao fatalismo, e como a sua pátria foram morrendo, depois de uma vida inacabada e sem nenhum significado. Assim espalharam-se pelo mundo e foram pais e mães de Guineenses que talvez nunca saberão que o são. E se o saberem, será apenas *pró-forma*, embebidos na cultura americana, russa, portuguesa, brasileira, angolana, senegalesa... e como seus pais nada serão para o seu país.

Nunca mais vou perguntar pelos nossos Quadros, pois eles não responderão; o seu silêncio me diz que é um exercício inútil, da qual nunca terei uma resposta que satisfaça o meu espírito. Então, resta-me o que? Pela minha parte vou pegar naquelas nossas *recordações comuns* “de um lugar onde o sol brilha forte, e a chuva não cai, mas irrompe ... chamada pátria” e construir este texto -, não palavra a palavra, mas, dor a dor, lágrima a lágrima -, até que a junção desses *instantes* do passado, com os instantes de hoje, da nossa pátria e da nossa mundivisão, me dêem as respostas que tanto procuro.

E se porventura os não obter, estes *instantes* ficarão como os instantes de um Quadro Guineense, que os possui em comum com milhares de outros. Serão os nossos **instantes** de uma vida que não vivemos, de uma vida que tão depressa passou, para nos deixar com as mãos vazias e um olhar petrificado, sem saber como viemos aqui parar, neste deserto de almas.

Se as respostas não obter, estes **instantes** ficarão como uma tentativa de dar a minha modesta contribuição, tentando separar o *trigo* do *joio* e desta forma galvanizar os meus iguais para um recomeço limpo. De outra forma daqui há quarenta anos – quando nós também, como **Cabral** hoje, já não estarmos aqui - serão outros Guineenses, iguais a nós, sentados nesses mesmos lugares, a assentir tristemente com as suas cabeças, os oitenta anos da morte de **Cabral**. Também como nós, sem nenhum orgulho, na nossa pátria, sem nenhum orgulho de termos seguido o seu exemplo e realizado o seu legado.

E como nós estaríamos ali concordando e como nós procurando na memória recordações antigas - de escola, do ciclo preparatório, do liceu, da faculdade -, ligadas a Cabral, que tínhamos interiorizado na infância e juventude, enquanto estudantes, enquanto trabalhadores na nossa terra. E como nós teríamos

as mesmas recordações; as recordações de um lugar onde o sol brilha forte, e a chuva não cai, mas irrompe, como se fosse a última vez. Um lugar onde *poderíamos* poder caminhar de cara erguida; onde *poderíamos* realizar; onde *poderíamos* ter sido felizes. Um lugar distante, chamada pátria, as vezes com carrinho, as vezes com raiva. Mas sempre presente em todas as horas.

AQUELE QUE DETERMINA A HISTÓRIA

Antes de terminar este **Primeiro** dos **Sete Instantes** que irá ler, é necessário dizer que este texto foi motivado por dois *momentos*, separados no tempo por um interlúdio de cinco meses. Um dos *momentos* foi ao receber ontem (dia 18/01/2011) o amável convite de um Semanário de Bissau (**jornal Última Hora**) para escrever uma reflexão sobre **Amílcar Cabral** por ocasião de mais um aniversário da sua morte. Este *momento* despoletou *outro*, velho de cinco meses, por ter sido também ele “feito” de um convite similar, tanto pelo propósito como pela personagem. Esse outro amável convite, foi-me dirigido na precoce primavera do ano passado, por uma Associação Guineense em Portugal (A. G. P. D.). Mas neste ultimo caso, não como “escritor”, mas como “orador”, num tributo - pela ocasião do seu nascimento - a esse grande Guineense, a ter lugar na **Fundação Mário Soares** em Lisboa.

Tal aspiração não foi concretizada, por razões que agora e aqui não interessam, mas não pela minha indisponibilidade. Mesmo assim fui assistir, com certo cepticismo, esse evento que temia vir a ser apenas mais um, entre tantos outros colóquios, conferências ou seminários que habitualmente realizam-se, um pouco por toda a parte, em associações e instituições públicas ou privadas, em diferentes países, em homenagem a **Amílcar Cabral** no dia da sua morte.

Não errei por muito: como esperava, como tantas outras homenagens “iguais”, no passado e no presente, essa foi também, uma espécie de seminário “não participativo”, rico em representação e pobre na metodologia, substância teórica ou conceitos inovadores. Nenhuma pedra no charco da imobilidade política, cultural e económica Guineense; nada que aponte um caminho, que nos faça sentir o quanto valeu a pena todo o sacrifício consentido por esse homem e seus companheiros.

São eventos que geralmente só servem para um “desfilar” de encómios, elogios e lugares-comuns sobre **Cabral**, que não acrescentaram quase nada de novo ao que “toda gente” já sabe sobre esse homem e suas realizações. São de homenagens que servem apenas para dizer coisas bonitas, que o afastam cada vez mais do comum dos mortais: e assim, numa aura quase sobrenatural acabam remetendo-o para “um lugar” onde “não incomode”; pois a melhor maneira de fazer esquecer alguém ou neutraliza-lo, é endeusar essa pessoa (mesmo que com boa intenção).

Mas para que eventos como este não sejam os primeiros passos para o seu esquecimento, devemos a revelia deles repensar este nosso compatriota: Separar o “antes” e “depois”, o *homem* e a *lenda*. Discernir o que o “empurrava para frente”. Pois não basta saber “**porquê?**”, é também necessário saber “**como?**” e “**porque desta maneira e não de outra?**” Para no fim constatar, que dentro da nossa simbologia nacional e a nossa mundivisão como ser humano Guineense, existe o **Amílcar** que viveu entre nós até o dia 20 de Janeiro de 1973, quando morreu; e o **Cabral** que nasceu nesse dia e que até agora vive entre nós.

Urge ressuscitar aquele que morreu para que em conjunto com este que está vivo, analisa-lo para além da sua dimensão humana, mas ao mesmo tempo tentar (na medida do possível) discernir - “por baixo” do amontoado das homenagens, simpósios, conferencias, palavras, textos e ideias feitas -, a têmpera de que ele era realmente feito. Pois como não existe o *acto* sem o seu pensar anterior, temos que por fim incidir uma luz única sobre os dois: o **Amílcar** e o **Cabral**, o **morto** e o **vivo**. Esses dois que hoje trocaram de posição, sendo o *morto* cada vez mais vivo e o *vivo* cada vez mais esquecido.

Só lembramos do *morto*, daquele herói imortal do nosso povo e da África; daquele que é o imortal Fundador da nossa Nacionalidade; daquele que fundou e comandou a Luta de libertação. Aquele que derrotou um império, não apenas militarmente, mas mais importante ainda, moralmente, filosoficamente, historicamente. E derrotando-o, libertou-nos, e a outros povos também pelo caminho.

Não nos lembramos daquele outro, daquele jovem recém-formado que foi iniciar uma guerra contra um Império espalhado por três continentes, de mãos nuas, só com a sua **inteligência** e o **acreditar profundo**; que nem tinha uma viatura para se deslocar, e tinha que calcorrear todos os dias, a pé, o poeirento caminho desde o subúrbio onde morava, para ir até ao centro da cidade de **Conacri** fazer o seu trabalho em prol do nosso povo. Aquele que não tinha onde cair morto, tão frágil como qualquer um de nós, nascido num fim do mundo que era a Guiné dos anos vinte, e a sua vila natal de **Bafata**, e mesmo assim ousou enfrentar com as mãos nuas toda uma concepção do mundo.

Esquecemos deste que um dia, emocionado - com uma criança nos braços? - disse a frase mais bela de toda a **Luta de Libertação Nacional**: *As crianças são as flores da nossa Luta e a razão principal do nosso combate.*

Quando lembramos do *vivo*, não lembramos deste que sonhando com o futuro da nossa terra, asseverava que depois da independência iríamos “*fazer uma geografia humana nova*”. Sim, enquanto esperamos por essa *geografia nova* precisámos saber *realmente* quais eram os seus *sonhos, motivações e ambições*; ir para além do óbvio e penetrar na essência das coisas e saber por fim, quem é este **Amílcar Cabral**, que anos e anos a fio não deixa o nosso espírito comum repousar. Pois sou obrigado a constatar que por algum determinismo histórico, ainda não totalmente explicado, depois do que aconteceu nesse dia, que hoje recordamos solenemente nesta sala, tudo o que houve connosco como povo e com o nosso infeliz país - neste últimos quarenta anos -, não foi mais do que consequências desse fatídico dia. *Consequências* e nada mais do que “consequências”. E quando não são simplesmente “consequências”, são *consequências* de “consequências”.

E para sermos como as gerações do antigamente, recusando viver de *consequências* mas de *realizações*, temos que começar por arrancar essa decisão de dentro de nós próprios e vencer a nossa letargia nacional e exigirmos o que é nosso por direito, mesmo que seja apenas o direito “de fazer”, o direito de “participar”, o direito de também “ser”. Só assim faremos realmente parte na nossa História. Só assim seremos um povo com “História” e não com “Consequências”. Pois matanças, golpe de estado, guerra civil, execuções, golpes e contragolpes, destruição e mais destruição não são e nunca serão a nossa História; são apenas “consequências de consequências”, estertores de um passado criminoso e odioso que se arrasta no tempo; num tempo longo demais, sem nenhuma previsão de um futuro melhor, sem nenhuma esperança real num mundo melhor, pelo menos por enquanto.

E nunca se esqueçam que quem determina a história não é aquele que faz da **política** um meio de subsistência, mas aquele que faz da **política** o último baluarte dos patriotas, o último reduto dos nacionalistas. Aquele para quem a **política** é apenas um *meio* para a *realização* do povo.

AINDA NÃO ACABAMOS COM CABRAL

Nestes pressupostos, sobre **Amílcar Lopes Cabral**, é necessário e premente dizer o que ainda não foi dito ou dito de maneira errónea. Os livros como “QUEM MANDOU MATAR AMÍLCAR CABRAL” de **J. Pedro Castanheira**, “OS TRÊS TIROS DA PIDE” de **Oleg Ignatiev**, ou o “O FAZEDOR DE UTOPIAS” de **António Tomás** (todos escritos por estrangeiros, o que permite certo distanciamento e independência necessária à uma análise descomprometida) e por fim, UMA LUTA UM PARTIDO, DOIS PAÍSES de **Aristides Pereira** (escrito pelo sucessor dele, com todos os inconvenientes que tal facto acarreta, para uma análise objectiva e acima de tudo credível), importantes que são, não deixam de ser começos, para outros ambiciosos voos, que espero que os nossos jovens historiadores Guineenses também venham realizar. Pois a nossa história deve ser feita por nós, sim, mas também escrita por nós.

Além destes que citei, existem dezenas de textos sobre **Amílcar Cabral** escritos por naturais de vários países; e creio que existem muito mais do que aqueles que conheço, por isso não posso citar todos, mas cito uma frase do embaixador **Oscar Oramas** - que numa carta a **Aristides Pereira** -, falando de **Amílcar Cabral** escreveu: “*Creio que, como dirigente político, viu muito longe, tão longe porque*

tratou de construir as estruturas do futuro Estado (...). Penso que, neste aspecto, os historiadores, os amantes das ciências sociais deverão aprofundar bastante todas as análises.

Frase com que estou plenamente de acordo, tanto na caracterização de **Cabral** como *político*, como no enunciado do dever dos *historiadores* e “amantes das ciências sociais”, mas tenho que interrogar-me sobre até que ponto ele “*tratou de construir as estruturas do futuro Estado*”? Pois se devemos “*aprofundar bastante todas as análises*”, primeiro temos que *faze-las* (e não apenas *enuncia-las*) e só depois *aprofunda-las*. Este é apenas um exemplo de quanto falta ainda para conhecer Cabral e o seu pensamento.

A *análise* de um ser humano, poderoso e multifacetado como **Amílcar Cabral**, tem que ser feita das análises dos seus escritos, das suas realizações, dos seres que o rodearam e acompanharam durante a vida, das circunstâncias que o determinaram e condicionaram, e por fim da análise de como ele por sua vez influenciou, determinou e condicionou a realidade, as circunstâncias e os homens. E todas essas análises devem ser efectuadas á luz do “seu tempo”, à partir da sua época, para assim poder “projecta-lo” para o nosso tempo, que tanto precisa de outros *Cabrais* vivos.

E deste modo, tentar centrar um debate, por ora inquinado, sobre ele e sua obra. E dessa forma (não há outra) acabar de vez com o aproveitamento indigno e permanente, do seu legado por gente sem escrúpulos. Tanto por parte destes que se perfilam como seus herdeiros - sem dignificar em nada essa herança - como daqueles que se “dizem” seus opositores - para beneficiar da aura que rodeia o seu nome - e assim se afirmarem num determinado espaço (podre e sujo), feito de gente da sua igualha.

Por isso é premente começar; e seguindo o “conselho”, do embaixador **Oramas** – aos “historiadores” e “amantes das ciências sociais”, categorias a que infelizmente não pertencço -, pretendo *aprofundar bastante todas as análises*. Separar a personagem histórica do simples homem Guineense, igual a cada um de nós. O homem simples, frágil, propenso aos compromissos, que as vezes dilaceravam o seu ser e o levaram a cometer erros fatais, que não pôde acautelar: o último dos quais lhe custou a vida.

Por isso não direi que com **Cabral** ainda “não acabamos”, mas direi que com **Cabral** ainda “não começamos”. Pois o *trabalho* sobre o seu trabalho, o *pensar* sobre o seu pensamento, ainda estão por se realizar. A sua *história*, e a história da *sua história* ainda estão para se escrever. Sim, inegavelmente, com **Cabral** ainda *não acabamos* pois ainda nem começamos.

E assim, mesmo não tendo sido orador na homenagem a **Cabral**, na **Fundação Mário Soares**, esse encontro deu frutos; pois cada ser humano apropria-se da cultura com as armas que tem, com as capacidades inatas e as apreendidas durante a vida. O que não é perfeito pode ser aperfeiçoado; por isso, que no meio dos considerandos, lugares-comuns e trivialidades do costume, consegui reter **sete instantes**, que analisados, desenvolvidos, recriados me “ajudaram a enquadrar” a minha perspectiva singular do fenómeno **Amílcar Lopes Cabral**.

SEGUNDO INSTANTE O TRIUNFO DA VONTADE OU O MAIOR DOS GUINEENSES

*Aparentemente, toda ideia comum
recebe uma chance de se encarnar em um
homem e atingir por seu intermédio o que se
costumava chamar de grandeza histórica.*

Hannah Arendt

Neste instante **Mário Soares** (que não fala por falar) fala da importância extrema que este Guineense teve para o processo democrático português e para a História dos outros antigos territórios portugueses. Conhecendo e reconhecendo esse contributo, empenhou-se pessoalmente na tentativa de salvar o “espólio de Amílcar Cabral” vindo da Luta, durante a guerra Civil de 1998; viria a ter um papel importante na “salvação” desse acervo; que agora se encontra nessa mesma FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES, onde estávamos agora reunidos nesse triste dia para homenagear este nosso compatriota

Tudo o que este senhor dizia tinha significado e importância extrema - independentemente dos conhecimentos que possuía do nosso processo revolucionário -, porque ele mesmo foi um combatente, um lutador pela liberdade, que foi exilado em **São Tomé**, que foi preso político em Portugal e em África, que foi presidente de dezenas de organizações internacionais, que foi (ou é amigo) ou conheceu, durante a sua longa vida, todo a gente que *vale* (e *valeu*) alguma coisa neste mundo; desde Reis a Presidentes, de cientistas de renome, *Prémios Nobéis*; de milionários e deserdados da vida; que conheceu o mundo inteiro, que viveu uma vida plena e rica, que teve bastas honrarias e foi tudo o que um homem pode ser nesta vida... e muito mais... mas mesmo assim, diz com pena, que gostaria de ter conhecido esse nosso compatriota, conhecer tamanho vulto, tamanha personalidade... e lastima não ter tido a ventura de encontrar **Cabral**, uma vez que seja, nesta vida. Diz por fim, numa voz sincera, que lamenta profundamente terem-no assassinado.

UMA COLÓNIA PARA ODIAR, NENHUMA PÁTRIA PARA AMAR

Mas se oiço com atenção, este ilustre senhor, elucidando, contando... falando no importante papel de **Amílcar** na história dos nossos povos **Guineense** e **Português**; dizendo no fundo que **Cabral** era *grande; enorme*, com uma sombra que ainda paira sobre todos nós, africanos e europeus... e volvidos tantos anos depois da sua morte a sua **grandeza** não diminuiu, antes pelo contrario...

- Mas isto quer dizer o quê? Esta “grandeza” serve algum propósito, a não ser um orgulho jactancioso e inconsequente da nossa parte? Aonde nós, os Guineenses, situamo-nos em relação e defronte esta “grandeza”? Ou ficamos apenas pela sua contemplativa contemplação?

Esta pergunta, em forma de um pensamento, surgiu dentro do mim, desgarrada, sem ser criada, e foi atravessando o meu ser, pouco a pouco - juntando fragmentos de um filme vivo e vivido, feito de recordações de infância, de livros lidos e de livros ouvidos – até se transformar numa palpável percepção, de que com o tempo, o mito substituirá o homem real: esse que nasceu entre nos, viveu entre nós e caminhou connosco um dia. Esse que com o passar do tempo será a penas mito. Por isso urge *repensar* este homem, que agigantou-se tanto que quase não é mais palpável.

E como não sou homem para ficar “*apenas pela sua contemplativa constatação*”, começo por perguntar: **o que motivava esse homem para além do amor ao Povo?** Pois tenho que acreditar que havia “amor ao povo” - como base para qualquer acção dessa envergadura -, mesmo que apenas para poder raciocinar de forma clara. Porque devotar todos os pensamentos, actos e a própria vida a causa de um povo, sem ama-lo profundamente, para além de todo o entendimento, não tem lógica nenhuma.

Primeiro, porque ainda não havia uma **Pátria** “para amar”, apenas uma **Colónia** “para odiar”, habitada por um povo “por dignificar”. Os condicionantes então eram outros; pois se nós hoje temos uma pátria que amamos (que foi ele que nos legou), nem isso ele tinha quando começou; nem montanhas tinha para amar... apenas povo.

E isto me leva a uma segunda constatação: um carácter assim, só pode ser forjado quando o que esta em causa é o povo; quando este esta manietado e precisa ser libertado; quando este esta em perigo e precisa ser preservado. Porque não existe nada neste mundo, a não ser a pátria e o povo, que pode despoletar tamanha decisão no coração de um homem. Isso foi e será sempre assim, desde o tempo dos

Gregos e Romanos, aos nossos dias. Por isso em todas as épocas, os homens morreram pela pátria e o povo sem nenhuma hesitação.

E como **Amílcar** e seus companheiros tombados, também não tiveram nenhuma hesitação - que Deus os tenha na sua glória (e nós nos nossos corações) – chegamos ao conceito de “grandeza” ou ao discernimento da “grandeza”.

ENTRE O ÓDIO E GRANDEZA

As minhas modestas análises me levam a constatar que por variadíssimas razões, **Amílcar Cabral** foi a figura mais extraordinária que viu a luz do sol na nossa pátria, desde a século XV aos nossos dias. Foi o **maior** dos Guineenses e só por isso suscita, ao falarmos dele, a questão da *grandeza histórica*. Mas a *grandeza* é uma coisa difícil de carregar, mesmo depois da morte; pois quando a temos de verdade, ninguém preciso dizê-lo, pois estamos sempre presentes. Diz-se que há mais de 30 anos que não há nenhum segundo no planeta Terra que a música do **Bob Marley** não esteja sendo tocada em algum lugar (ou em centenas de lugares ao mesmo tempo). Penso que não há um dia que **Cabral** não seja lembrado por alguém em todos os cinco continentes deste planeta, há quase 40 anos; isto é uma forma de grandeza.

No tempo colonial (no tempo da Luta) os portugueses diziam na rádio nacional (e no mundo inteiro) que o **PAIGC** era uma organização terrorista e que **Amílcar Cabral** era o terrorista nº 1. Naquela altura muitos pacíficos Guineenses - que não conheciam os fundamentos sagrados da **Luta** - em **Bissau** e noutros centros urbanos, sentiam profunda e sincera aversão por **Cabral**; pois parecia-lhes que todo o trabalho honesto de pessoas normais - como agricultores, *ponteros*, professores, funcionários públicos, comerciantes etc. - que ganhavam duramente as suas vidas, estava a ser destruído por este e seus companheiros. Patriota ou terrorista, para eles, **Cabral** era o destabilizador do seu modo de vida.

E como não gostavam nada que as suas vidas e o futuro dos seus filhos fossem destruídos por quem quer que seja, odiavam o causador principal dessa desgraça. Quando os primeiras baixas entre os soldados portugueses e Guineenses começaram a ter lugar, uma parte dessa gente revoltou-se intimamente contra **Amílcar Cabral** e a sua “teimosia” em fazer a guerra quando toda a gente só queria a paz, para viver, trabalhar e educar os seus filhos.

A mãe de **Amílcar Cabral**, **Iva Pinhel Évora**, que era conhecida (amiga?) da minha avó materna **Henriqueta Lopes Vaz Pereira** (deus as tenha), uma vez disse a esta, o seguinte: *será verdade tudo que dizem na rádio sobre o meu filho? Que ele é terrorista e responsável por tantas mortes? Não posso crer que Amílcar, que eu criei, com tanto carinho e cansaço, seja capaz de fazer alguma maldade as pessoas.*

Quando os bombardeamentos indiscriminados (ou inábeis) começaram a ceifar a vida de civis inocentes a “revolta íntima” passou à aversão e ao ódio; pois era difícil de entender, nessa altura, esses “massacres” - esta gente, embora involuntariamente, deram com o sacrifício das suas vidas, o seu contributo a nossa liberdade, embora delas ninguém fale e nenhum manual de história lembre deles. Recuso-me a considera-los apenas “vítimas colaterais” – de civis inocentes em nome de um radioso amanhã.

Eu mesmo, criança curiosa, com nove anos, uma vez “fugi” de casa (em **Farim**) para ir a ao bairro, perto do aeroporto (**Nema?**), ver corpos decepados de pessoas (depositados lado a lado na varanda de uma cubata) que tinham sido mortos pelos indiscriminados bombardeamentos do **PAIGC**, na noite anterior; e assistir com ódio e com lágrima nos olhos o choro angustiado e impotente dos familiares desses inocentes e pacíficos filhos do povo, que tinham sido mortos durante o sono pelos bombardeamentos indistintos da guerrilha. Menino ainda, mas mesmo assim, “não entendia” como se podia matar inocentes, mesmo em nome de um ideal mais elevado. E na minha mente de criança **Cabral** já era o culpado?

E aprendi a viver com o terror desses bombardeamentos noite após noite, quando eu e meu irmão mais velho, a estudar éramos violentamente interrompidos pelo ribombar de mísseis e tínhamos que fugir para um abrigo improvisado na nossa despensa, onde a minha mãe (com as minhas irmãs menores) rezava a todos os anjos do céu, pedindo que poupassem os seus filhos para que não morressem, inocentes nessa guerra que ela não conseguia entender; ainda me lembro das caritas cheios de sono e de espanto das minhas irmãzinhas na altura com sete, quatro e dois anos; as vezes só pela manhã nos davam tréguas para dormirmos uns instantes antes de rapidamente preparar-nos para ir a escola. Como então não crescer a odiar **Cabral**?

Amílcar Cabral - clarividente como era -, no seu tempo, entendia tudo isto, pois desde o início da Luta que foi assim: Foi tenazmente combatido pelos portugueses, cabo-verdianos, guineenses, senegaleses e naturais de **Conacri**. Sabia que era odiado em muitos círculos que ainda não percebiam os fundamentos da sua Luta. Mas “sabia” também que depois da **Independência**, quando o nosso povo fosse finalmente livre, quando a “construção da felicidade” começasse, quando fôssemos o tal país que ele sonhou - “*onde haverá uma vida de felicidade, uma vida onde cada homem respeitará todos os homens, onde a disciplina não será imposta, onde não faltará o trabalho a ninguém, onde os salários serão justos, onde cada um terá o direito a tudo o que o homem construiu, criou, para a felicidade dos homens...*” – então tudo seria *explicado*; e tudo seria *entendido*; e tudo seria *perdoado* por fim. Os mortos descansariam em paz; e por fim os vivos entenderiam que a *grandeza* não poderia existir sem derramamento de sangue. E que esse sangue derramado tanto do lado do povo, como do lado dos combatentes, não foi em vão.

ARMADILHA HISTÓRICA

Infelizmente para **Cabral**, nada disso aconteceu. Depois da Independência, o nosso povo só conheceu desilusões e mais desilusões; governada por gente extremamente mal preparada, do *sonho* dele, nada, absolutamente nada, foi posto em prática. Pelo contrário, a vida de todos piorou. Das elites, dos camponeses, e dos poucos operários e trabalhadores assalariados. E ainda por cima, como o mentor da Independência, a maior parte da condenação (moral, e não só) - por parte de muitíssimas pessoas - caiu injustamente sobre dele e a sua memória.

Chegou-se a criar uma falsa ilusão, de que até as culpas da má governação do **PAIGC** eram de **Cabral** também; ou podiam ser-lhe assacados pelo menos. Além de outros mitos não menos nefastos que nenhuma relação verídica, têm a ver com a realidade dos acontecimentos. Havia uma percepção, disseminada nos primeiros anos da Independência, de que “essas gentes que vieram do mato” não *sabia nada*, mas como eram de certa forma “heróis” que tinham sacrificado a sua juventude para a libertação do povo, tinham um “desconto”. Mas em relação a **Cabral**, em particular, esta “compreensão” nunca existiu; pois se os primeiros eram inocentes - ignorantes, mas inocentes (ou como o nosso povo diz **nocentasco i pa purda**) -, de **Cabral** não se podia dizer o mesmo: esse não era (e nem nunca foi) inocente; esse não tinha desculpa; esse *sabia o que fazia quando começou a Luta*; e se não preparou esta gente, que “pós a mandar em nós”, que agora (infelizmente) têm o nosso destino torpemente nas suas mãos, então era ele culpado de tudo. **Cabral**, esse, não teve *desconto*.

Assim apanhado nesta armadilha histórica, neste fogo cruzado - entre as normais expectativas do “povo libertado” e a incapacidade gritante de as concretizar, pelos “libertadores” -, **Cabral** não tinha onde se esconder. Era preso por ter cão e por não ter. Por ter *libertado*, mas não *previsto* o futuro e não ter deixado “instruções claras” de “como fazer”; por não ter deixado um *manual de instruções*, para “essa gente” - que ele *criou, educou, ensinou* e deu *ideologia* - governar, como deve ser.

Cabral teve - juntamente com o nosso povo - o azar, e a desgraça, de os seus próprios companheiros desbaratarem toda a sua grande obra e o seu legado numa orgia de des governação, que veio desembocar numa luta fratricida entre eles - sem nenhum respeito pelo povo - pelos despojos que sobraram de uma nação totalmente destruída.

Destarte desde o dia da **Independência Nacional**, nunca ninguém deixou de fazer tudo que ele condenava, e ao mesmo tempo que dizia que “como ele não havia ninguém”. Esta é a praga de **Cabral** da qual ninguém o pôde ainda libertar; “serve para tudo” e não “serve para nada”. Ele é ainda omnipresente em tudo que se faz na nossa terra, na bajulação, na imitação, na roubalheira, nas matanças, nos ajustes de contas, golpes de estado e rebeliões armadas. Sempre que acham necessário, uns louvam-no até a exaustão; outros fazem o contrário denegrindo o máximo que podem. Alguns dizem algo e o seu contrario, e quando não têm argumentos, inventam. Até os mais bandidos entre nós, falam dele como se fossem seus discípulos, em todos os seus actos. Mas esse fenómeno decorre de que, mesmo os bandidos admiram-no (e até são, de certa forma, sinceros quando dizem banalidades sobre ele ter sido “um grande homem”).

A sua memória serve para aplacar tudo e justificar tudo; uma memória usada de modo inconsequente, separada de factos reais; separada do *dever* para com a pátria (coisa que não interessa a ninguém); uma memória, que cada dia mais desaparece na bruma do esquecimento e desinteresse.

O interessante nisto tudo é que Cabral (talvez conhecendo a tempera dos seus camaradas de Luta e a idiossincrasia de alguns Guineenses) já advinha esta situação no futuro, e dizia que “**Se nós, amanhã, traírmos os interesses dos nossos povos, não será porque não o soubéssemos, será porque quisemos trair e não teremos então qualquer desculpa**”. Mas eles “tiveram” desculpas; eles “arranjaram” centenas de desculpas depois, para os seus actos; só **Cabral** não teve desculpa. Eles não entenderam que a **Luta de libertação** era apenas uma ponte para passarmos de **Colónia a País independente**; mas a própria **Independência Política** não era, também, mais do que uma ponte, que por sua vez nos levaria a cidade de Deus: a Nação.

E a **luta de Libertação** não podia servir de modelo para governação e nem para a edificação da Nação. Mas como infelizmente só conheciam a realidade da Luta e pouco mais, usaram os métodos da Luta na resolução dos problemas da governação: a repressão; ajuste de contas; fuzilamentos; centralização do poder; improvisação constante. Tudo isto tendo como base e suporte ideológico - não a realização do programa de Cabral e valorização dos princípios sagrados da **Luta de libertação** -, a sobrevalorização do Partido (e de seus militantes) para além de toda a realidade; endeusamento de Cabral e companheiros caídos, numa liturgia de valores inconfirmáveis.

Todos os golpes e contragolpes, assassinatos e ajustes de conta, foram feitos para repor a *verdadeira* “**linha de Cabral**”. Todo o sofrimento imenso a que foi submetido este povo - foi-nos dito - era em nome do *ideal* de **Cabral**. Tudo era feito portanto na senda da realização do sonho de **Cabral**. Então como não odiar **Amílcar Cabral**?

Se elementos do seu próprio Partido, me dizem vil e mentirosamente que **Cabral** não queria o nosso bem (de Guineenses) mas o nosso mal, como - sendo patriota - não me revoltarei contra ele e tudo que ele representa? Então como não odiar **Amílcar Cabral**? Todo o mal que nos sobreveio depois da **Independência**, tudo de mal que foi feito nesta terra - disseram-nos enganadoramente - foi, seguindo a “**linha de Cabral**”.

Se, se criam artificialmente ódio entre elementos do mesmo povo, motivados pela pertença tribal e pela cor da pele e me dizem que isso era em consonância com a doutrina de **Cabral**, como posso não **execrar** este homem e tudo que ele representa? Pois se colonialismo era mau, a ditadura do PAIGC era pior. Pois o colonialismo significa estrangeiros a subjugarem o nosso povo. A ditadura deles significava os próprios filhos do povo a subjugarem o povo.

Se me prendem ou prendem meus pais, se me matam ou matam meus filhos, se destroem o trabalho de gerações de uma penada e me dizem que essa seria a “vontade” de **Cabral**, a ideologia de Cabral, o que me impedira de **abominar** este homem com toda a força do meu coração? Se há mais de doze anos, temos um “problema militar” (e também “um problema politico” diga-se em abono da verdade) e me dizem que o culpado é **Cabral**, porque foi ele que “deu armas” as pessoas erradas e sem preparação, como não vou odiar este homem de uma vez por todas?

Se depois da **Luta de Libertação Nacional**, em tão pouco tempo de libertação, foram cometidos mais crimes (não só crimes de sangue contra o ser humano, mas também económicos e sociais) do que durante todo o período colonial; se o **Massacre de Pindjiguiti** não é nada, quando comparado com outros massacres (tanto em numero como em variedade) que os nossos (leia-se PAIGC) fizeram depois de nos libertarem, então é legítimo perguntar: Lutou-se para que? Morreu-se porquê? Sacrificou-se em nome de quê? Será que os companheiros de **Cabral**, depois de conquistada a **Independência**, não tiveram a capacidade de compreender esta simples questão?

O maior inimigo ideológico das ideias de **Cabral** - contemporâneo do seu pai, **Juvenal Cabral**, que era admirador deste -, o fundador e mentor ideológico do Estado Novo, **António Oliveira Salazar**, disse uma vez que “*só devemos chorar os mortos se os vivos os não merecerem*”. Referia-se aos mortos portugueses da guerra do **Ultramar**, que nós chamamos de **Libertação Nacional**. Mortos de uma guerra que **Cabral** desencadeou, e que com o seu génio, forjando a unidade ideológica e de acção com outros Movimentos de Libertação, potenciou de tal forma que, com o avolumar dos mortos e feridos, a elite portuguesa pedia a **Salazar** que a pusesse fim, mesmo a custo de perder as colónias. E nessa contradição histórica - entre o povo e o governo -, **Salazar** (entre a espada e parede) assim respondeu. Mas o seu significado assenta-nos como uma luva. Pois a nossa tragédia é maior: nos devemos chorar e chorar muito os nossos mortos, pois não os merecemos. Nunca merecemos o sacrifício consentido. Esta é a nossa tragédia. A tragédia de **Cabral**, este pobre Guineense, que quis alcançar o Céu.

E assim, infelizmente, no julgamento da História ele aparecerá também - nu e descalço, como réu - ao lado deles, em vez de ser apenas mais uma testemunha de acusação. Espero que a História o absolva por fim, pelo bem que fez e por tudo o que quis fazer e não deixaram.

DESPREZADOR DA REALIDADE

E muito quis fazer; e muito mais poderia fazer, mas não deixaram. Não se esqueçam que não era só uma questão de libertar o **Guineense** e o **Cabo-verdiano** (coisa mínima!); pois se o problema fosse somente libertar o povo da Guiné e Cabo-verde, esse já tinha sido realizado, de certa forma, mesmo antes da sua morte. Isso ficou demonstrado com a sua morte: com ele vivo ou morto íamos ser independentes politicamente, de uma maneira ou de outra, pois o trabalho “de base” já tinha sido feito.

Mas o problema era maior, embora associado. Na altura em que ele começou, entendia que unilateralmente não libertaria as duas colónias que tomou “a seu cargo”. Quer dizer, nem no estrito âmbito teórico, isso era exequível; pois isso era tarefa impossível para qualquer “ser humano”. Era claríssimo que com aquele **Estado Novo** Português de **Salazar**, simpatizante do nazismo, isso forçosamente só seria conseguido com a libertação do **Angolano** e do **Moçambicano** e por extensão libertando o próprio **Povo Português** pelo caminho, ou vice-versa.

E **Cabral** foi o primeiro a entender isso de uma forma pragmática; tinha noção exacta disso, mas pensam que isso o assustou? Não, apenas o incentivou mais, por isso, participou activamente na fundação do **M.P.L.A.**, pois assim a Luta seria mais complicada para o colonialista. Como já disse ele se apercebeu da enormidade da sua tarefa, embora compreendia a sua extrema fragilidade como ser humano. Não só no domínio físico, mas mesmo no complexo domínio ideológico e filosófico. Tinha que construir de raiz, toda uma nova compreensão do mundo, todo um sistema ideológico para contrapor os ideólogos do **Estado Novo** e as suas “verdades seculares” que só viriam a cair no Continente inteiro quando **Mandela** assumiu a presidência da **África do Sul**, trinta e tal anos depois de ele começar.

Estas “verdades” dogmáticas definiam as colónias portuguesas em África como a última trincheira de luta contra o comunismo internacional. E para legitimar a pertença destes territórios, vieram a chamá-los de províncias em igualdade jurídica com as do Portugal continental. E este entendimento ideológico da “barreira”, de “última fronteira” que o Ocidente Cristão necessitava proteger custe que

custasse (“até ao ultimo soldado”) contra as hordas do comunismo herege que já se tinham apoderado de partes significativas de África e do mundo, tinha apoios não negligenciáveis no mundo inteiro. Desde a África do Sul racista, passando por Alemanha Federal, Japão, Estados Unidos e outros tantos países ocidentais e asiáticos.

Cabral entendia isto de uma maneira clara, portanto sabia portanto que a sua tarefa era algo de titânico; mas mesmo assim (ou obrigado pelas circunstancias esmagadoras), contra todo o bom senso, julgou que podia fazer ainda mais do que isso. Por isso ousou pensar o impensável: não se tratava não mais, de apenas libertar Angola, Moçambique, Guiné, Cabo-verde e S. Tomé. Elevou a fasquia ainda mais, afirmando: “*Mas nós podemos lutar em todas as colónias portuguesas e até ganhar a nossa Independência, mas se o racismo continuar na África do Sul, não podemos acreditar numa independência a sério em África.*”. Portanto tinha que se libertar também a Africa do Sul. Sonhava acordado? Não, apenas teve a capacidade e força de vontade de pensar o *impensável*; imaginar o *inimaginável*, e realiza-lo.

Pensava em termos continentais e mundiais. Isto é tão verdade que **Marcelo Caetano**, antigo Primeiro-ministro Português, conta que, ao ser confrontado com a aceitação por **Cabral** de um encontro com o **Spínola** para discutir a “questão Guineense” não ficou nada satisfeito. O problema era que o General **Spínola**, temendo perder a guerra na Guiné, queria resolver o conflito Guineense diplomaticamente; Daí os seus encontros com o presidente Senegalês **Leopold Senghor**, em **Cap Skirring**; mas **Spínola** era um militar de carreira sem visão da geopolítica mundial, e não tinha capacidade para discutir com **Cabral** que nesse aspecto era um espírito superior. Ele analisava a Guine isoladamente das outras colónias (**Senghor** também), coisa que **Cabral** com a sua visão, já tinha demonstrado ser impossível. **Marcelo Caetano**, jurista emérito, professor de Direito, e homem de uma educação mais requintada entendia isto tudo, e sabia ainda que se **Spínola** fosse discutir com **Cabral** este o “comeria vivo” pois as capacidades do líder guerrilheiro eram por demais conhecidas em todos os quadrantes (e pela policia politica portuguesa ainda mais) do mundo. Por isso proibiu terminantemente ao **Spínola** de se encontrar com este. Sobre isto, nas suas memórias escritas no seu exílio Brasileiro diz o seguinte: *observei ao General que por muito grande que fosse o seu prestígio na Guiné – e eu sabia que era enorme – ao sentar-se à mesa de negociações com Amílcar Cabral ele não teria a frente um banal chefe guerrilheiro, e sim o homem que representava todo o movimento antiportuguês, apoiado pelas Nações Unidas, pela Organização da Unidade Africana, pela imprensa do mundo inteiro. (...)*

Estas palavras de **Marcelo Caetano** servem para esclarecer o enorme prestígio que **Cabral** gozava em diferentes círculos. Mas não cito este antigo estadista especialmente para demonstrar isso. Pretendo demonstrar que **Marcelo Caetano** também já alcançava nessa altura o que **Cabral** tinha compreendido antes. Pois a aceitação da sua parte em encontrar-se com o **Spínola**, depois dos encontros deste com o **Senghor**, devia ter sido baseado em cálculos claros: isso era uma maneira inteligente de fazer Portugal reconhecer o PAIGC (sem querer) como uma força legítima; como um representante do Povo Guineense e não um “bando de terroristas” como afirmavam nos fóruns internacionais. Por isso o **Caetano** recusou a **Spínola** essa possibilidade de negociação directa com **Cabral**, dizendo em continuação: “*assim (com o encontro) ia-se reconhecer o partido que ele chefiava como sendo uma força beligerante e reconhecia-se mais, que essa força possuía importante domínio territorial, uma vez que aceitávamos negociar com ela um armistício (cessar fogo) como preliminar de um acordo.*”

Ainda havia considerações de ordem táctica, políticas e puramente militares que este estadista conseguia discernir, mas que o General **Spínola** parecia não ter capacidade intelectual para ver. Pois **Cabral**, nessa altura, um “chefe de guerra” consumado, mas ao mesmo tempo um pensador refinado, aliava essas duas facetas a consecução de um objectivo premeditado. E não sendo apenas um militar como o **Spínola**, percebia muito bem certas nuances e interiorizava a máxima de **Clausewitz** de que a “guerra é a continuação da política por outros meios”.

Mas infelizmente não conseguiu jogar essa inteligente cartada, porque atrás do **Spínola** encontrava-se um homem, ainda hoje subestimado, mas que era superior a este, tanto no intelecto como na cultura política, que via mais longe e em virtude de disso recusou um cessar-fogo com argumentos seguintes: “ (...) *“durante o armistício, nós, o exército regular, ficaríamos com as mãos presas, enquanto o movimento insurreccional conservaria a sua liberdade de manobra subversiva encorajado pelo êxito.”*”

Já disse que quanto a **Cabral** entendia clarivamente que a libertação “total” do nosso povo nunca seria unilateral, e isso é característico no seu pronunciamento programático: “(...) *Mas se nós na Guiné em Cabo Verde, lutarmos muito, e os povos de Angola e Moçambique não lutarem nada, se porventura os tugas puderem tirar as tropas de Angola e Moçambique e manda-los para a nossa terra, não sei quando conquistaremos a nossa independência (...) estamos a ver, portanto, que a realidade da nossa Luta faz parte da realidade da Luta das colónias portuguesas, que nós queiramos ou não (...) tivemos grande influência na criação da **FRELIMO** porque era preciso lutar em Moçambique e depressa.”*”

Agora chegamos a parte mais importante desta visão realista do então Primeiro-ministro português. Para ele a equação era clara, pois para quem como **Marcelo Caetano** que sentia-se ameaçado pelos ventos que começavam a soprar de todos os quadrantes contra Portugal, por influência directa de **Cabral** (o seu encontro com o **Papa**, a seu relacionamento (amizade?) com **Olof Palme**, só para dar dois exemplos) mesmo no seio de tradicionais aliados de Portugal, o combate não podia passar por conversações com ele. Por isso na continuação do seu pensamento sobre a proposta do general **Spínola** que acima transcrevi, diz: “*Finalmente, ao cessar-fogo seguia-se logicamente a negociação do acordo definitivo abrindo um precedente quanto ao resto do Ultramar português a cuja força não se poderia fugir. Ora, se Portugal tivesse apenas para resolver o problema da Guiné, o método talvez fosse utilizável. E mesmo assim não sabia se seria, uma vez que os dirigentes do PAIGC eram cabo-verdianos e, incluindo a independência do seu arquipélago nos objectivos do movimento, não poderiam deixar de reivindicá-la nas negociações facultadas quanto à Guiné. Ora em Cabo-verde havia absoluta paz e a sua entrega a Amílcar Cabral, com as graves dificuldades provenientes da secura do clima e da pobreza da população, só poderia significar a passagem para o domínio do mundo socialista de uma posição chave no Oceano Atlântico. Essa seria sempre um obstáculo intransponível nas negociações com o PAIGC. Admitamos, porem, que as negociações eram método praticável quanto a Guiné. Não se podia esquecer que tínhamos a Angola, e tínhamos Moçambique, com centenas de milhares de brancos e milhões de pretos afectos que não podíamos sacrificar levemente. A dificuldade do problema da Guiné estava nisto: em fazer parte de um problema global mais amplo, que tinha de ser considerado e conduzido como um todo, mantendo a coerência dos princípios jurídicos e da política que se adoptasse.”*”

Tudo o que disse acima, quando analisado de modo leviano e sem profundidade, apenas espanta a nossa inteligência e repele a nossa percepção sobre **Cabral**. Todos gostamos de *super homens*, mas nunca queremos ser confrontados com eles, nem mesmo apenas intelectualmente; nem mesmo na quietude das nossas salas de estar. E **Cabral**, não sendo um super-homem, mas apenas um pobre Guineense **cu ca cunsi si lugar**, causa-me mais admiração que o próprio **Clark Kent**. A isto devo acrescentar algo, que a primeira vista parece um lugar-comum, mas que serve para definir a genialidade de **Cabral**, de uma forma que creio nem ele se apercebeu em vida, pois como é sabido, não é dado ao ser humano *conhecer-se* a si mesmo na totalidade.

Mas para entenderem do que falo têm que primeiro ler o que digo agora: Durante toda a vida, nós os homens, fazemos - mesmo que de modo inconsciente - um esforço titânico, na tentativa de conciliar os nossos *sonhos* pessoais com a crua *realidade* que nos cerca e põe permanentemente obstáculos no nosso caminho. e pouco a pouco, pressionados pelas contingências da existência, pelas dificuldades do dia-a-dia, com o passar do tempo, vamos abandonando certos sonhos, que antevemos já impossíveis de realizar nesta curta vida. A assim, dolorosamente, compenetramos que já não daremos volta ao mundo e nem seremos campeões de maratona. Conforme o tempo vai passando, sabemos que já não seremos pilotos de jactos, como também entendemos que já não casaremos com aquele amor da nossa

vida; que já não construiremos aquela casa de sonho e que nunca visitaremos as Pirâmides de **Gizé** ou Capela **Sistina**; que os nossos olhos provavelmente nunca contemplarão a “*Pieta*” de **Miguel Ângelo** e nem as nossas pernas caminharão pela Grande Muralha da **China**... e a mão de **Nelson Mandela** não apertaremos...

E sabendo isso, *sabemos* que temos que viver segundo as nossas reais possibilidades nesta vida e almejar o “possível” e não o “sonhado”. Por isso a realidade é dolorosa e o sonho maravilhoso; mas como temos que viver com a *realidade* e não com *sonho*, acabamos resignando e adaptando o nosso destino e realizações a sensatez do nosso espírito. A essa sensatez, chamamos a “lei da vida”, pois sempre acompanhou os homens, desde o alvor dos tempos, seja o pobre lavrador dos confins de **Quinara** ao brilhante Professor Doutor da Universidade Católica de **Lisboa**.

Mas este é o *pensamento*, a *sensatez*, e o *aceitar* do comum do mortal. Ao **gênio**, a equação é totalmente outra. Para ele a *questão* não é adaptar os seus *sonhos* à *realidade*, mas pelo contrário, adaptar a *realidade* aos seus *sonhos*. Ou por outro, *moldar*, *dobrar* e *romper* a “realidade” por fim, se preciso for, até que ela se encaixe nos seus “sonhos”, de uma maneira ou outra. Se preciso for, violentamente, com toda a força do ser, num triunfo de vontade só dado a seres escolhidos. Sem esquecer claro que a *vontade* só vence a *realidade* quando não se tem medo da morte. É esse o combustível da vontade: a coragem de morrer pelo que acreditamos.

Cabral provou este pensamento à exaustão, adaptando a realidade Guineense aos seus sonhos e realizando na prática “parte do sonho”. Só não conseguiu mais, porque não bastava ser “**brilhante, dotado de uma inteligência e visão superior**”, que ele possuía a saciedade; mas além disso era preciso “**possuir um grau de dureza extrema**” e não hesitar perante nada “**para atingir esses nobres fins**”. O que ele manifestamente não possuía.

Difícil de realizar, mas possível, desde que acreditemos profundamente que podemos fazê-lo e estarmos dispostos a fazê-lo. E quanto a parte categórica da sentença: “**brutalidade que não olha meios**” se ela tivesse sido exercida “**quando necessário**” centenas de inocentes Guineenses que perderam as suas vidas, na sequência da sua morte, seriam poupados a essa sorte. Pois a **brutalidade** só seria exercida sobre essa clique de meia dúzia de bandidos e traidores (que depois o assassinaram), e o passo do povo não seria tolhido, e nem o encadeamento Histórico seria interrompido. E hoje, os bandidos não estariam ainda entre nós.

Intuindo isso, **Cabral** desprezou a *realidade* que lhe dizia que nunca poderia realizar a gigantesca tarefa que se propunha. Toda a *realidade* lhe era adversa, toda a realidade lhe dizia (não dizia apenas - gritava nos seus ouvidos -, e ressoava dentro da sua cabeça) que nunca poderia juntar todas as tribos da **Guiné** e realizar a maior epopeia do nosso povo. Coisa que de resto não carecia de nenhuma demonstração, apenas a simples constatação que nenhum dos nossos chefes tribais (por mais valoroso que fosse), tinha conseguido isso, durante séculos.

E não seria ele, um intelectual, um engenheiro, pertencente a outra condição superior ao analfabeto povo da Guiné. Ele que é descendente de **cabo-verdiano** e não de **papel** ou **mandinga**; ele que é **cristão** e não **muçulmano** ou **animista**; ele que não acreditava em **chifres** e “**djambacus**” (e combateu-os durante a Luta. Por isso me dá pena ver ainda hoje em dia, nossos quadros, intelectuais, doutores, a andar atrás dessas práticas atrasadas que o resto da humanidade esclarecida já abandonou há séculos) naquela sociedade animista em que isso é de certa forma determinante para se poder viver.

Ele que ainda por cima, falava mal o nosso crioulo Guineense; ele que era de “cor castanha” (**burmedjo, ma i ka wak**) e não “**preto nock**” (como alguns detractores diziam na altura em **Dacar**, **Conacri**, e os colonialistas em **Bissau**, passando um certificado de racismo aos Guineenses, tentando desta forma mostrar falsamente que para os Guineenses (racistas como eram) a cor da pele era algo de muito importante, mais importante que a própria independência e a liberdade.

Para complicar tudo, ele que era casado com uma Portuguesa em vez de uma **mancanhe** ou **manjaca**. E para piorar ainda mais a sua situação, ele não sabia falar línguas das tribos da Guiné. Portanto, este homem contra o qual, até a própria natureza conspirava, dando-lhe um físico que não o ajudava em nada: sendo baixinho e míope; Tudo estava contra ele. Nunca a realidade foi tão cruelmente real.

Portanto, toda a realidade “dizia-lhe” que não era ele o “homem”, o “tal”, o “predestinado” para essa “missão impossível”, de ser o nosso **Simão Bolivar**; de ser o nosso **José Marti, Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara** numa só pessoa.

Estas circunstâncias poderiam dobrar qualquer ser humano, independentemente da sua coragem e força de vontade, mas não dobrou **Amílcar**. Não o fez hesitar um instante na sua decisão. Coisa sumamente difícil em termos políticos (que aqui tratamos) pois temos que fazer todo um povo sonhar os nossos sonhos, querer o nosso querer, acreditar no que acreditamos, marchar ao compasso da nossa vontade e almejar um futuro conforme a nossa visão.

Como explicar esta disposição inabalável? *Homens, dotados de uma visão superior?* Sim, mas também *dotados de uma vontade férrea e inquebrantável*, libertos do medo físico, do medo psicológico e não entevados na sua acção por superstições, liberto da mundivisão tribal, de classe, de educação e da religião. Libertos das amaras que a realidade nos impões, num desprezo pela realidade que despoleta uma decisão limite em nós e dá-nos a coragem de sonhar; permite-nos tentar realizar o impossível; permite-nos ser mais deuses que homens, daí a nossa vontade de tentar conquistar o in conquistavel.

VISIONÁRIO REALISTA E SONHADOR

Cabral foi o mais moderno homem político da sua época na Guiné, antes de começar a Luta. Em relação aos seus companheiros das outras colónias, era também o mais moderno, por isso ele teve o ascendente que teve nos três movimentos de Libertação das três colónias portuguesas. E por isso viria a ser também um dos mais importantes factores para a revolução portuguesa. E a “modernidade” não é um factor de somenos importância numa Luta política. Atentem nesta *categoria*, pois à frente falaremos dela quando falarmos do tribalismo.

Percebemos que era um mundo novo que estava a começar quando **Cabral** “chegou” por isso ele tinha amigos de todas as etnias e sabia que não era um estranho entre eles. Essa compreensão foi um dos motivos que o fez desafiar a realidade de um modo tão peremptório. Por isso pedia ao “homem grande” na **tabanca**, com toda a tranquilidade, que deixasse os rapazes irem a Luta; irem estudar no estrangeiro e serem engenheiros em vez de irem “**tadja catchu na bolanha**”. Irem destruir o exército colonial com os seus aviões e carros de combate, em vez de irem “**pirmi cadju**” na “**Nhabidjon**”, de irem libertar o povo... em vez de irem lavrar bolanhas... queria dar grandeza a este povo, fazer de nós guerreiros e não lavradores; libertadores e guerrilheiros de fama mundial, em vez de “**baqueadores de baca**” na **Pirada**. E isto advém da sua modernidade, pois devo dizer que a sua “modernidade” que o permitiu perceber que todos os homens na Guiné eram iguais, por mais que os colonos dissessem o contrario. E não teoricamente, mas na pratica. O **fula** e o **beafada**, o **balanta** e o **padjadinca**, **mandinga** e **nalu**, eram aos seus olhos iguais entre iguais, e com eles poderia derrubar um império se quisesse. Pois não interessa a raça, a cor da pele, a formação académica do ser humano. O que interessa é a ideologia: fazer o homem acreditar que ele tudo pode e ele fará isso mesmo. Com três mil jovens altamente preparados do exército poder-se-ia ir “buscar” **Casamance** e uni-la a mãe pátria? Bastaria apenas convence-los que isso é possível, necessário e premente, para eles realizarem esse antigo direito do nosso povo. Mas isto é apenas um exemplo no âmbito da teoria política, sobre o que poderia ser feito ainda antes da Independência.

Como quis significar acima, ser *realista* (de verdade), as vezes pressupõe, desprezar a própria realidade. Se **César** levasse em conta a realidade, ele que era epilético de nascença, não conquistaria todo o mundo conhecido na altura. Se **Alexandre**, o Grande, não desprezasse a realidade não conquistaria o maior império do mundo aos 27 anos de idade. Na verdade quem era *realista* eram estes

gigantes do génio humano (e não os seus contemporâneos que sempre os aconselharam a prudência), embora a primeira vista parecesse o contrário. Mas é preciso uma impressionante força de vontade para isso. Há que pensar o impensável e realiza-lo. E acreditar que o *impossível* sempre acontece. A **realidade** (aquela visível e evidente a todos) é inimiga do *sonho* e da *realização*. É inimiga do *acreditar profundo*, é inimiga do *vencer*. Porque só quando desprezamos a realidade, é que nos alçamos acima do comum dos mortais e conquistamos o Céu.

Mais adiante falarei da particular relação entre **Amílcar Cabral** e o antigo Presidente da República da Guiné (conhecida entre nós por Conacry) **Ahmed Sekou Touré**, mas por agora, devo dizer que é facto conhecido que **Sekou Touré** o considerava um obstáculo aos seus sonhos hegemónicos em relação a nossa pátria e ao **Casamansa**; e que conspirava contra ele sempre que podia: chegou inclusive a dizer a uma jornalista italiana que Cabral não prestava porque era mestiço (fazendo confusão entre mestiço e mulato). E dizia depreciativamente, tentando apouca-lo, que este era um *visionário* e *sonhador*. Mal sabia ele que sonhar não tem nada de mal, pelo contrário, aliais “não sonhar” é próprio de animais e não dos homens. ou como Cabral disse: “*Ai dos revolucionários que não sonham. A questão que se coloca é apenas saber como lutam para viabilizar o sonho*”.

Na verdade, sem sonhos não existe realização. Usando a nossa linguagem arquitectural, os sonhos são os planos arquitectónicos de uma realização que por analogia é a obra construída. Mas quem era sonhador no sentido de “lunático” era o **Sekou Touré** que “sonhava” (dormindo acordado) com a anexação da nossa pátria pele seu país como uma província. Na sua tresloucada ambição, queria sob o seu domínio não só a nossa pátria, como o **Casamansa**, **Sera Leoa**, uma parte de **Costa de Marfim**, sem esquecer do **Sudão** e por fim o **Senegal** inteiro. Tudo isso porque tinha um sonho de vir a anexar todos estes territórios numa “Grande Guiné”, dos tempos de **Almamy Samory Touré** de quem reivindicada parentesco por parte da de sua mãe. Haveria maior sonhador que este? Ao lado dele **Cabral** era um “realista” seco e enxuto, com os pés bem assentes na terra, que tinha aliais como um dos princípios doutrinários “partir da realidade da nossa terra”.

Modestamente, se me é permitido, digo hoje: “*ai de Guineenses, angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos e portugueses se Cabral se não sonhasse e se não desprezasse a realidade...*” ! Mas ele fez mais do que isso, não só a desprezou, como transformou as suas insuficiências pessoais, que ele não podia mudar, em oportunidades, numa desconsideração total e inabalável por essa maldita realidade que o cercava por todos os lados; mas tudo isso em consonância com a sua mentalidade, que anos depois a frase acima retrataria

Mas **Sekou Touré** tinha razão num ponto (mesmo os relógios parados dão hora certa duas vezes): Cabral era um **visionário**. Sim, daqueles que só aparecem de séculos a séculos numa nação. Tão visionário como todos os verdadeiros grandes homens; e como todos estes, também desprezava a realidade por convicção. Parece um contra-senso, ser realista e desprezar a realidade, mas há casos que não o é.

Este *visionário* só queria juntar dois territórios que entendia povoado por povos do mesmo sangue, cultura e língua, na base de uma constatação histórica e científica que ele explicava em termos populares da seguinte maneira: “*Claro que para nós o problema da unidade da Guiné e de Cabo Verde não se põe por uma questão de capricho nosso, não é porque Cabral é filho de cabo-verdiano, nascido em Bafatá, que tem grande amor pelo povo da Guiné, mas também grande amor pelo povo de Cabo Verde. Não é nada disso, embora seja verdade. Eu vi gente morrer de fome em Cabo Verde e vi gente morrer de açoites na Guiné (com bofetadas, pontapés, trabalho forçado). Compreendem? Essa que é a razão da minha revolta. Mas a razão fundamental da luta pela unidade da Guiné e de Cabo Verde é a própria natureza da Guiné e de Cabo Verde. São os próprios interesses da Guiné e Cabo Verde que nos levam a isso*”.

Num mundo globalizado o nosso povo não esta imune as influencias e cruzamentos. Quando me dizem que em Cabo verde (que quando foi descoberta era apenas ilhas desertas) as pessoas mais claras são de São Vicente e Santo Antão porque os **fulas** foram para lá levados para lá e os de São Tiago são

mais escuros porque os **manjacos** e **papeis** foram levados para esta ilha acredito piamente nisso. Pois há provas visíveis e históricas disso. Quando vejo os Cabo-verdianos a edificar a sua nação com o nosso sangue Guineense correndo nas suas veias e vejo que ainda tem gente do meu país dizendo idiotices até hoje, percebo que de facto não estamos atrasados só economicamente, mas também socialmente, para não dizer intelectualmente. Quando vejo atletas negros cubanos ganhando medalhas de ouro nas olimpíadas e sei que centenas e centenas de filhos do meu povo foram levados para cuba como escravos e sei perfeitamente que o muito do sangue que corre nas suas veias é sangue do nosso sangue.

Sobre este assunto Cabral escreveu seguinte: *Os tugas estão desesperados. Então são eles mesmo, por exemplo, que hoje nas suas revistas, como esta, que se chama «Ultramar», têm grandes artigos, estudando a questão da Guiné e Cabo Verde, e escrevem: «A Guiné e as Ilhas de Cabo Verde - a sua unidade histórica e populacional». E sabem quem fez este artigo? Carreira. Porque ele conhece de facto muitos problemas de história. E neste artigo ele reuniu todos os documentos que há nos arquivos dos tugas e estudou para onde é que os filhos da Guiné foram, quando foram enviados para Cabo Verde. Para S. Tiago? Balantas, mandingas, beafadas, etc. Para S. Vicente? Foram fulas, etc. Com relatórios, sobre a chegada destes, etc. No princípio eram contra, mas eles sabiam que nós somos a mesma gente, na Guiné e Cabo Verde.*

Não é que isto interessa muito hoje em dia - entendo que hoje faz muito mais sentido a unidade da Guiné com **Casamança**, pois dessa unidade é que viria a redenção da pátria - mas há muita gente que houve falar deste assunto, sem nunca entender de que é que se tratava na verdade - do que é que estava em jogo, e a necessidade disso - quando se falava da “unidade”; pelo menos no entender de **Cabral**, que é o que tratamos aqui.

Mas já falei deste assunto num dos meus textos anteriores demonstrando que no geral este assunto não tinha nenhuma importância para a maioria da população da Guiné, que nem pensava nela uma vez por ano que seja. Só serviu de bandeira a alguma certa gente para justificar uma ou outra atitude. Entendo inclusive que mesmo que Cabral tivesse sobrevivido a Luta, neste momento não haveria nenhuma unidade Guiné Cabo-verde, nos moldes inicialmente preconizados. Pois mais que uma questão económica (a meu ver benéfica), o seu desenvolvimento no âmbito da cultural e geopolítica é que **Cabral** preconizava e magistralmente da seguinte maneira: “(...) não existe um problema verdadeiro de lutar pela unidade da Guiné e Cabo Verde, porque, por natureza, por história, por geografia, por tendência económica, por tudo, até por sangue, a Guiné e Cabo Verde são um só. Só quem for ignorante é que não sabe isso. O tuga sabia isso muito bem. Carreira, com todos os seus abusos na Guiné, sabia - o bem. Mas eles fingem não saber para nos dividirem. A sua esperança era - se Cabo Verde pega na luta, mobilizar os Guineenses para combater os cabo-verdianos que não prestam e que estavam na Guiné como chefes de posto. Se os filhos da Guiné pegarem na luta, mobilizar os cabo-verdianos, tanto na Guiné como em Cabo Verde para combater duro contra os filhos da Guiné, para não deixarem levantar, para não deixarem ser livres”.

E todo esse antagonismo advinha da questão da “Unidade Guiné e Cabo-verde” que muita gente não sabe, mas este desejo (realista de ou não) de **Cabral**, foi mais recusada pelos naturais de Cabo-verde do que pelos Guineenses (falo do povo e não dos militantes do **PAIGC**). Portanto Muito antes da independência, nos inícios mobilização para a **Luta**, os cabo-verdianos já eram contra **Cabral** porque era inadmissível para eles a unidade com a Guiné. Muitos partiam do princípio que Cabo-verde sendo uma sociedade que já tinha ultrapassado a fase tribal de desenvolvimento sócio económico, unindo-se com a Guiné - que tirando “meia dúzia de civilizados” (como diziam) - ainda estava nessa fase de “primitiva” de desenvolvimento humano, seria um atraso enorme para os cabo-verdianos. Nas palavras de um “deve-se unir com quem sabe mais que nós e não com quem não sabe nada e é mais atrasada” .

Esta mentalidade tinha a ver com a própria definição e tratamento que os colonialistas davam aos povos da Guiné considerando-os gente que não tinha um nível de desenvolvimento que lhes permitisse ser cidadão. Ao contrário dos cabo-verdianos; esta é também a origem e o substrato ideológico da **Lei do Indigenato**, que antes de **Cabral**, nenhum outro Guineense combateu consequentemente. Pois para

muitos que se diziam verdadeiros “**fidjos de tchom**”, embora seja uma lei vergonhosa, protegia-os contra os indígenas, permitindo que continuassem a ser a “classe dirigente” depois dos tucas.

Mas essa tal “Unidade” não seria na prática diferente da unidade que hoje temos com Cabo-verde no seio da CEDEAO, ou a que estamos a construir dentro da UMOA (e da CEDEAO) com os Países vizinhos (e noutros fóruns unitários de África) para potenciar o desenvolvimento económico. Estes por sua vez inspirados nas “unidades” que se constroem um pouco por varias latitudes do mundo, como essa da Europa dos 25, com um parlamento e em breve uma moeda comum para todos e não só para os actuais dezasseis.

Simplesmente **Cabral** já via mais longe e nesse longínquo tempo já percebia que esse era o caminho. Mas o oportunismo da parte de Guineenses e cabo-verdianos sempre lhe tolheram o passo. Pois se hoje alguém disse-se aos Guineenses “vamos fazer uma parceria com cabo verde para ajudar o nosso desenvolvimento nacional”, ninguém diria que não e muito menos os milhares de Guineenses que lá vivem e trabalham e prosperam ajudando a economia caboverdiana.

Mas **Cabral** viveu noutro tempo, e muita gente não alcançava a sua visão; por isso conseguiu mais facilmente unir-se com os Angolanos e Moçambicanos para fazer uma frente comum contra o Colonialismo, do que uma união entre Guineenses e cabo-verdianos, mais lógico e mais pratico, para lutar contra o colonialismo.

Em suma, acredito que só um homem na sua plenitude, no auge da sua maturidade como ser humano, libertos de todas as considerações que não sejam o futuro do povo, libertos até de si próprios, (das fraquezas humanas como filhos e outras) - acreditando totalmente na sua missão, e tendo apenas como objectivo ultimo a libertação do povo e a sua preservação – é que pode realizar aquilo que se propôs.

Se bem que descurou a questão do Casamance que a meu ver era importantissimo; com a dinâmica da luta na Guine essa questão podia ser suscitada de um modo mais abrangente e alcançar fóruns internacionais de grande audiência. E nessa altura o estado senegalês ainda não estava consolidado e seria mais frágil do que actualmente. Mas disso falarei noutra altura de um modo particular

ORDEM E ORGANIZAÇÃO

Brasil, esse país multicultural, onde vivem todas as raças do mundo -, inclusive Guineenses que para lá foram levados há mais de 400 anos (ver **Casa Grande e Sanzala**) -, escreve na sua bandeira nacional os dizeres “**Ordem e Progresso**”, mas nós, com a simples *ordem e organização* interna, teríamos o “progresso”. Mas quem está interessado nisto? Viver na desorganização foi sempre mais fácil para espíritos débeis. Pois com um Estado organizado e ordeiro como se faz as falcatruas, os roubos, os embarques e desembarques de drogas, matanças e prisões arbitrárias? Há quem diga que “devemos deixar tudo como está”, numa criminosa rendição as forças mais retrógradas da nossa sociedade. É este o retrato actual de um “certo Guineense” que foi “criado” por anos de estupidez e atraso e recalçamento; ouvindo e sendo condicionado pelas “cabeças de vento”, de outros “certos Guineenses” que -, hoje despidos de todas as mentiras, nus perante Deus e os homens -, apenas tem para exhibir um vão e disparatado orgulho de ser “puro Guineense”, que desde o tempo de **Cabral**, nunca foi arvore que desse frutos.

Amílcar Cabral foi o único, do panteão de personalidades históricas referidas atrás (não falo aqui evidentemente de **Mondlane**), que não foi **Chefe de Estado** ou **Presidente de República**; e consequentemente também foi o único que não pôde “dar provas”, de como seria a *sua governação* se chegasse a dirigir o Estado.

Teria sido a excepção que confirma a regra, se tivesse podido governar? Teria tido a grandeza que tem hoje se tivesse assumido o poder? Mais importante, teria compreendido à sua grandeza e agido em conformidade? e onde estaria a Pátria agora? Estas são algumas questões que me impus a mim próprio e que tento dar respostas sérias nos meus escritos e neste em particular, porque os “problemas” de

África não foram propriamente as Lutas de Libertação, as rebeliões ou revoluções; As falhas foram sempre depois. O problema em todos esses países foi sempre “a questão governativa”. Foi sempre a velha questão de *la bonné gouvernance*...

À primeira questão, respondo que quero crer que sim. Aliás acredito que com ele como Presidente na Guiné teríamos uma gestão da coisa pública parecida com a actual de Cabo Verde, mas superior. Seria uma mistura de “ambição” desmedida, mas inconsequente, de **Luís Cabral** com um pragmatismo “a la carte” de **Leopold Senghor** (só para dar dois exemplos próximos e conhecidos dos Guineenses); tudo isso “embrulhado” numa mundivisão superior aos dois. Pois enquanto **Senghor** estava “amarado” a França, **Cabral** não estaria amarado a *nada*, pois desde os seus primórdios como líder político evitou inteligentemente se comprometer unicamente com uma determinada visão do mundo. As únicas barreiras que poderia ter, seriam o seu profundo senso de justiça e de decência. E nisso seria sempre amparado pelo seu acreditar profundo no povo.

Claro que não faltará alguém para dizer que “não tenho provas” disso; mas eu responderei que acredito nisso porque para nós Guineenses o *acreditar* foi sempre mil vezes mais valioso do que *provas*. Claro que neste mundo moderno, materialista, feito mais de dúvidas, medos, oportunismos, interesses obscuros e permanentes interrogações, isso não basta. Mas eu replico que da mesma maneira que acredito profundamente que podemos tirar o nosso país da miséria profunda, do subdesenvolvimento crónico, e do atraso centenário, em meia dúzia de anos, acredito que esse homem poderia ter feito a diferença. Além de uma questão elementar: se não acredito **neste** Guineense então no qual é que hei de poder acreditar?

E não digo isto porque sou um admirador extático de **Cabral**; longe disso, “conheço” muitos dos seus equívocos, hesitações ou de certa forma “falta de análises objectivas”, o último dos quais custou-lhe a vida. Digo o que digo baseado na forte convicção de isso *poderia* ter sido feito. Mas esta certeza me advém sobretudo por saber que, mesmo *sem Cabral* - tudo isso poderia ter sido feito tivesse havido ambição, tivesse havido a visão, tivesse havido homem. Pois tivemos *certas* condições objectivas e subjectivas para isso, que o **PAIGC** desbaratou torpemente -, mas com ele, com o povo do seu lado, seria uma realidade com certeza.

De certeza não seríamos o **Dubai** de hoje, mas seríamos mais que a **Gâmbia, o Senegal, Cabo Verde, República da Guine, Mauritânia**, e outros **Congos**, por aí. Não voltaríamos das missões de serviço de **Burkina Fasso**, ou do **Mali**, para não falar de **Cabo-verde** e **do Senegal**, com boca aberta de admiração, cabeça cheia de contradição, vergonha no coração e lágrimas nos olhos. E mais importante, teríamos um nível de organização mais elevado e acima de tudo *ordem*. *E não há nada que nos faça mais falta neste momento do que estas simples categorias: ordem e organização.*

Há instantes perguntava: “*se não acredito neste Guineense então no qual é que hei de poder acreditar?*”, desengane-se quem pensar que isso era retórica ou “força de expressão”. Mas isto tem a ver com o seu carácter individual que me foi dado “observar” tantos anos depois da sua morte. Embora é justo dizer que hoje, com a tranquilidade que a distancia no tempo nós da, e sabendo o que já sabemos, é “fácil” analisar e criticar. Por isso cada acto, pronunciamentos ou decisões dele, devem ser analisados à luz da época em que aconteceram, e em relação com os acontecimentos e personagens que os condicionaram ou determinaram.

LUGAR NA HISTÓRIA

Na nossa História comum da humanidade houve grandes homens, que conquistaram o mundo inteiro quase, mas não deixaram nada de perdurável como legado. Pois o que faz “grande” um homem não é apenas *o que fez* em vida, mas aquilo *que deixou* depois de partir (instituições que criou em vida) e que lhe sobreviveram. É claro que a sobrevivência de *instituições* ou *doutrinas* que criamos em vida não dependem obviamente de nós, depois de mortos, mas se realmente “valem alguma coisa”, perduram e

têm “uma vida” própria para além do seu criador. De outra forma não há como lhes dar valor. É tão simples como isso.

Mas têm uma importância incontestável para a posteridade as Instituições que *criou* em vida, leis que *legislou*, artes que *influenciou* e a cultura que *aprofundou*; em suma doutrinas e ideologias que fundou ou influenciou, para parafraseando Neste sentido, o legado de Cabral, tanto o teórico e como o real, é imenso e só não será perdurável se formos tão fracos e incompetentes que não o possamos honrar com realizações. Como acontece agora, de resto.

Há alguns consensos entre historiadores, que só depois de uma geração (no mínimo) se pode escrever com objectividade - mais do que com imparcialidade - sobre um acontecimento histórico. Por isso entendo que neste momento chegou a hora de escrever uma grande biografia de **Amílcar Cabral** (se fosse por um Guineense seria o ideal a meu ver; por isso correndo o risco de ser imodesto, direi que tivesse possibilidades reais, a escreveria com toda a certeza). Mas tudo a seu tempo, por enquanto trabalharemos com o que temos, e dizer que o *lugar* de **Amílcar Cabral** na história da **Guiné** e de **Cabo Verde** é relativamente pacífico. Aqui, bem entendido, falo de estudos sérios, realizados por intelectuais capazes e reconhecidamente competentes; de análises feitas e opiniões emitidos por Chefes de Estados, políticos internacionais de renome, membros de organizações internacionais, revolucionários contemporâneos, e personalidades particulares de reputação mundial.

Não falo portanto de dislates, afirmações disparatadas e opiniões pessoais (não baseadas em nenhum estudo sério) e calúnias, que nenhuma importância tem, no cômputo geral, para uma abordagem competente e séria do fenómeno **Cabral**. Por isso não dou absolutamente nenhuma importância a afirmações avulsas que surgem “de tempos a tempos” - pondo em causa o homem com argumentos no mínimo “pobres e suspeitos” na vã tentativa de autopromoção dos seus *fabricantes* -, por não merecerem que se perca tempo com eles; Mas não apenas por isso, também é por uma questão de bom senso, pois infelizmente, sei que não há rigorosamente nada que eu possa fazer, para “defender” **Cabral** disso; além de que obviamente ele “não precisa” para nada da minha defesa. Não há argumentos que possamos esgrimir que sejam superiores aos do próprio homem e sua obra. Ele defende-se por si, sobrevivendo e sendo perene no tempo e na memória das gerações vindouras. Nesse aspecto estou tranquilo. Ele agigantou-se tanto na memória dos homens, que os detractores não o fazem mossa, assim como apologistas (verdadeiros) são impotentes para o “resguardar” de alguma calúnia ou maldizer.

Engraçado que os detractores de Cabral não falam do seu papel no continente Africano e no mundo; não dizem que era incompetente, ladrão, corrupto ou algo assim; isso lhes ultrapassa, por isso falam da sua cor da pele - dizendo que era **mestiço, mulato**, que não era **preto nock** (um crime aos seus turvos olhos) – dos seus pais, de onde não nasceu, etc., coisas absolutamente disparatadas, e irrisórias para determinar a honra, o carácter e a “decisão” de um homem.

Tudo isto, sem deixar de lado a percepção que o “homem comum”, o vulgo “homem da rua”, tem dele e da sua obra, tanto na **Guiné** como em **Cabo-Verde**. Mas não só nesses dois países: perguntem na *Baixa do Chiado* em Lisboa, a qualquer português que passe quem foi **Amílcar Cabral** e o que acha dele, a sua resposta não variará muito da resposta que um Angolano que abordemos na *Mutamba* em Luanda. É geralmente sempre um misto de admiração e respeito pelo homem, pela obra e condenação subsequente dos assassinos (na verdade, embora me doa admiti-lo, o único sitio no mundo em que vi um certo sentimento de simpatia para com os assassinos de Cabral foi na Guiné e entre alguns Guineenses).

Mas se quanto a **Guiné** e **Cabo-verde** a questão é pacífica, o “lugar” **Amílcar Cabral** na história de África está longe de estar totalmente definido e clarificado, tanto em termos puramente **históricos**, como no sentido mais amplo da **grandeza histórica** de que já falei; e outras questões não menos importantes, como o facto de saber se ele era um **revolucionário** ou apenas um **combatente da liberdade** como tantos outros que a partir dos anos sessenta lutaram (de armas na mão ou não) contra o domínio colonial. E esta questão não é de somenos importância pois define entre outras coisas o seu

ideário e a questão de que se algum dia ele acreditou nas patranhas de “socialismo africano” e qual seria a orientação política da Guiné se ele tivesse sobrevivido a Luta.

Em África (e com relação a África) existiu sempre uma tendência de o “colocar” ao lado de **Patrice Lumumba** e **kwame Nkrumah** para com eles compor a “tríade” de *eternos heróis Africanos* que pela sua suposta (ou real) grandeza representam o continente negro, no que ele tem de mais belo: Um deles, também mártir de África, como Cabral; o outro, um dos primeiros pan-africanistas sérios (o criador do **positivismo africano**, segundo **Cabral**,) que encarava a união dos povos africanos como saída única para os problemas do nosso continente. Assim o aprendemos a conhece-lo, na nossa juventude, nessa sua faceta que já não tinha nada a ver com a Guiné. Lembro-me ainda do lindo poster em que estes três mosqueteiros africanos apareciam emoldurados pelo mapa de África, que como que confirmavam as suas não pertenças nacionais, mas continental; e como a visão desse poster nos fazia sonhar com o porvir maravilhoso do nosso continente e da nossa pátria. Sabíamos lá o que viria a acontecer com a Pátria...

Mas como poderíamos compara-lo (hoje), por exemplo, com **Nelson Mandela** ou mesmo com o Presidente **Obama** (sim, naquela vertente da dignificação do homem negro e africano)? Como confronta-lo com personalidades como **Leopoldo Sedar Senghor**, **Houphouët Boigny** ou o hoje esquecido intelectual Sir **Dauda Jauara** (nesta nossa costa Ocidental)? Com companheiros de percurso como **Eduardo Mondlane** (também assassinado), **Agostinho Neto** ou mais tardiamente com **Samora Moisés Machel**, ou a geração ainda mais nova - os primeiros frutos da sua mundivisão, o “homem novo”, que veio assumir o seu papel, na senda do seu legado - como o **José Eduardo dos Santos** em Angola?

Abro um parêntese aqui: *Os angolanos, mais do que todos, tiveram grande respeito por **Amílcar Cabral**, que ao longo da sua história esteve sempre ao lado deles: como engenheiro agrônomo, como especialista agrícola, a fazer estudos para grandes grupos económicos que queriam investir ali, ajudando a fundar o M.P.L.A. e a divulgar a luta heróica desse povo no mundo inteiro. E eles o retribuíram, dando o seu nome á ruas, bairros, escolas, brigadas em batalha, cooperativas de produção (toda agente que viveu nos inícios da Independência em Angola lembra dos **comités** revolucionários **Amílcar Cabral** dos bairros de Luanda), etc., e nunca permitiram que o nome dele fosse arrastado na lama como alguns nossos compatriotas fazem impenitentemente.* Fecho parêntese.

Mas por ser uma personalidade multifacetada, da qual se diz com razão que é um herói africano, e não apenas da Guiné e Caboverde ou dos PALOP, a nossa análise de **Cabral** deve ser expandida a personalidades tão marcantes como os presidente **Kenneth Kaunda** da **Zambia** e **Jomo Kenyatta**, “lança rutilante do **Kenya**”, ou ao mítico jovem martir **Thomas Sankara**, ou mesmo o controverso **Hastings Kamuzu Banda** que nasceu vinte oito anos antes de **Cabral**, mas só vem a falecer quase vinte anos depois deste, com 101 anos.

GRANDEZA HISTÓRICA

A **grandeza** é um conceito ou categoria historicamente importante no estudo biográfico de qualquer vulto importante. Mas a questão da *grandeza histórica* sempre suscita dúvidas de várias ordens; desde já, a começar pela necessidade de “um certo consenso” necessário - numa nação ou num continente – (entre historiadores e no povo em geral) sobre quem pode ter o epíteto de **grande** e quem não. Mas isto não é meramente uma questão de ordem historiográfica. Por isso quando digo *epíteto* não é no sentido de acrescentar a palavra “grande” ao nome de uma personagem, como por ex. **Alexandre**, o Grande ou milhares de anos depois, **Pedro** o Grande (imperador da Rússia), mas no sentido de podermos ou não considerar **Amílcar Cabral** uma personagem histórica de um determinado gabarito ou não, atendendo o seu lugar na história mundial e africana. Pois **Cabral** agigantou-se tanto na memória dos povos do mundo, que hoje ele já não é mais um herói **Guineenses** e **Cabo-verdiano** apenas, para passar a ser um herói **Africano** e pertencer aquela galeria estrita de homens que deixam um legado universal.

Antes de continuar, preciso abrir aqui, parênteses para dizer que o hábito de comparar vultos históricos a países peca por subjectividade, embora transmita mais do que qualquer outro exemplo a imagem de grandiosidade. Além de que é uma prática antiga da humanidade, tanto em versos, prosa ou mesmo escultura. Ainda em pequeno, vi foto de uma estátua do **imperador Romano Augusto**, em que o escultor, para mostrar a grandiosidade dele, representava o **Império Romano** (o maior do mundo na altura) como um pequenino bebe, pendurado na aba da sua toga. Imagem tão arrebatadora que nos sentíamos instantaneamente esmagados pela “grandeza” representativa de **Augusto**).

No caso de **Cabral** a comparação é tanto mais legítima pelo que aconteceu, depois da sua morte, com o seu País. Mas mesmo que a Guiné não fosse o que é hoje, mas pelo contrário (como espero que seja um dia) um país próspero, a comparação seria feita na mesma, e o prato da balança penderia sempre para o lado de **Cabral**. Pois o possui, não só em relação a dois países que o *elegeram* como herói nacional, mas em relação ao continente Africano pelo menos (se não podemos afirmar isso peremptoriamente quanto ao planeta). Somente por aquilo que fez para outros povos africanos, já seria um *imortal*. Por ter sido o coveiro do colonialismo numa grande parte da África, e até pela maneira que foi morto (por gente que nunca entendeu essa grandeza, atrasados e parados no tempo, vivendo de complexos de inferioridade baseados na cor da pele). Sim, teve esse azar, de ser morto por gente sem nenhuma grandeza, nem os mandantes, nem os executantes, nem os beneficiários. Portanto a questão da sua **grandeza histórica** é peculiar, *sui generis*, pois é independentemente do povo da Guiné - e é justo dizê-lo -, independentemente, do Povo de Cabo-Verde.

Grandeza Histórica, como categoria filosófica, tem uma *segunda* dimensão, não menos abrangente, que procede da “pessoa em si”, no sentido mais ordinário; pois independentemente dos feitos nobres e corajosos de um indivíduo em prol de uma causa nobre, a sua “pessoa humana”, tem que ser, não só, gerador de alargados “consensos”, mas também de suscitar “heroísmos” em terceiros. Claro que a sua capacidade intelectual, o grau de cultura, os seus escritos, ditos, frases, a atitude perante as derrotas e as vitórias (até a beleza exterior e interior, tenho que dizê-lo, tem a sua importância neste somatório) são a montra por excelência da grandeza; por isso não se pode pretender *grandeza* sendo assassino, racista, tribalista, ladrão, trampolineiro, invejoso, mesquinho e de vistas curtas. Mas só somos grandes na verdade quando tudo o que fazemos e pensamos tem como objectivo e engrandecimento do povo. Pois para que serve a grandeza se não é para servir o povo e fazê-lo ainda mais grande que nós?

Mas acima de tudo, por mais estranho que pareça, o “definidor” por excelência da grandeza é a *bondade*. A *bondade* interior, pois sem *bondade* nada vale a pena; mas não apenas a piedosa *bondade* cristã; não apenas porque fazer o bem é mil vezes mais difícil que fazer o mal; mas a *bondade* como capacidade para *imaginar* o bem para *realiza-lo* no seu sentido mais amplo, como por exemplo libertar um povo (a *bondade* de matar – na Luta de Libertação - se preciso for, para alcançar esse sagrado objectivo). A *bondade* de fazer coisas menos grandiosas, mas necessárias, como dar uma vida melhor as crianças, fazendo, maternidades, creches, jardins-de-infância e escolas, por exemplo. Em suma a *bondade* de mudar a nossa concepção do mundo, de nos fazer sonhar com o melhor para a nossa pátria, de nos fazer acreditar que tudo é possível. Acreditar por fim que o “impossível” *sempre* sucede. Tudo isto somado é que “dá grandeza” histórica a um homem.

TERCEIRO INSTANTE **UM SONHO QUE NÃO SE REALIZOU**

*As vezes construímos sonhos em cima de
grandes pessoas... O tempo passa... e
descobrimos que grandes mesmo eram os*

*sonhos e as pessoas pequenas demais para
torná-los reais!*

Bob Marley

E assim chegamos ao **terceiro instante** desta primavera, despoletado por uma voz forte e clara que vem de um senhor alto que esta na primeira fila; é um português, quase na casa dos cinquenta, Engenheiro Agrônomo, professor no **Instituto de Agronomia**, onde estudou e onde também estudou **Amílcar Cabral** há muitos e muitos anos. Interrompendo com ímpeto o curso dos meus pensamentos, vibrante e orgulhoso, diz que até agora **Amílcar** é respeitado nessa instituição; e não apenas como o “ex aluno” mais famoso de todos os que ali se formaram, desde a fundação dessa centenária Instituição. Diz também que a fotografia dele esta sempre presente, no átrio, num local destacado. Mas que o respeitam assim, não só pelo seu percurso posterior a sua licenciatura - o percurso de grande político africano -, mas também por aquilo que foi e fez enquanto esteve entre eles.

AMÍLCAR, O JOGADOR DE FUTEBOL

Claro que não conheceu **Amílcar Cabral**, mas “conhece” as excelentes notas que ele teve nessa Instituição, onde foi aluno brilhante (um dos mais brilhantes). E sabe que era um dos melhores jogadores (se não o melhor) que tiveram nesse Instituto até hoje. Que ele se não tivesse seguido o seu instinto e resolvido compartilhar o seu destino pessoal com o destino dos seu povo, além de engenheiro, poderia ter sido um grande jogador. Impressionante; isso me fez lembrar de um famoso jogador da selecção brasileira chamado **Sócrates** que era médico de profissão; sempre o que o via a jogar, apreciando as jogadas incríveis que fazia, pensava que isso de alguma forma (que não conseguia explicar) era influenciado também pelo facto de ele ser médico. Será que **Amílcar** algum dia pensou em ser um jogador profissional? No caso engenheiro jogador? Pois creio que, pelo carácter, nunca abandonaria os estudos. Esta discreta faceta de **Amílcar**, que eu já conhecia de outras leituras (e por ouvir dizer) era curiosa, mas não deixa de ser interessante saber se poderíamos ter tido outro **Eusébio** (Guineense) em vez de **Abel Djasy**, se **Amílcar** quisesse?

Não sei, e ninguém saberá provavelmente. Mas isto me faz pensar nas voltas que a vida dá e não dá, e como as vezes vamos parar a um lugar que nunca deveríamos estar. Mas uma coisa vos digo, **Abel Djasy** foi tão extraordinário naquilo que realizou, que não o trocaria nem pelo **Rei Pelé** e **Ronaldo Fenómeno** juntos.

Mas não deixa de ser curioso, que tudo que escutamos sobre **Amílcar Cabral** (como a sua faceta de bom poeta, excelente aluno, competente engenheiro, organizador admirável, político extraordinário), as vezes me faz pensar em coisas simples, tentando humaniza-lo e “faze-lo igual a nós”; ou pelo menos na nossa mente ver como esse ser humano era realmente: será que ele gostava de peixe frito com salada de tomate e alface? Se lhe déssemos “**tchaben**” ou “**caldu di mancara**”, qual escolheria? Já agora, jogava bem o *Ping Pong*? **Otelo saraiva de carvalho** disse que segundo ouviu contar um tio dele, colega de **Amílcar** no tempo da **Casa dos Estudantes do Império**, **Cabral** “*era um daqueles homens multifacetados; tinha um jeitão para jogar futebol, tocava viola, cantava e era um excelente aluno, era, o que podemos considerar, um homem completo.*”

Parecendo que não, estas pequenas coisas são importantíssimas para se entender o ser humano na sua plenitude. Pois o que determina a nossa personalidade e valores são momentos das nossas vidas que parecem a primeira vista, as mais prosaicas. Como exemplo pessoal, há mais de trinta anos, tive a sorte (ou azar) de passar três dias na ilha de **Rubane** no **arquipélago dos Bijagós**, onde fui parar com o meu amigo **Orlando Martins** (Djamba) ao tentarmos dar volta a ilha de **Bubaque** e perdermos o controlo (e os remos) da nossa pequena canoa. Lá, acabamos por ficar na cubata de um natural dessa ilha, enquanto esperávamos a canoa grande que fazia a ligação a ilha de **Bubaque** e a imaginar uma história verosímil para contar ao dono da canoa que tínhamos extraviado. Independentemente de tudo que era novo e maravilhoso para nós, rapazes da cidade, tolos estudantes sem conhecimentos sobre o

viver dessa gente (alem do que ouvíamos e analisávamos superficialmente) não esqueci até hoje os seus pratos feitos de diversos mariscos frescos. Havia uma comida feita de feijão, óleo de palma e açúcar que eu adorava de sobremaneira, que todos os **Bijagós**, da pequena **tabanca** já me gozavam quando ela ficava pronta. Havia se não me engano três principais **tabancas** nessa paradisíaca ilha que acabei conhecendo mais ou menos bem; mas quem sabe, não esqueci essa gente, essa ilha, e esses três dias da minha existência até hoje, também por causa dessa deliciosa comida. Mas se a comida é algo material, as pessoas que o cozinham com carinho e mo ofereceram com amor, são os que sem querer marcam a nossa existência para todo o sempre.

Tudo o que vivenciei, que originaram as minhas” crenças e sentimentos” consubstanciados numa revolta profunda acerca do que aconteceu no meu País nestes últimos quarenta anos, não produziram em mim apenas ódio, mas também um amor profundo ao mesmo, originados por certos episódios como este que narrei. Assim, entendo, que falar de alguns factos da minha vida, como forma de falar de acontecimentos políticos capitais da vida do nosso país, é uma maneira tão legítima, como qualquer outra, de fazer passar uma mensagem que se quer positiva e útil as novas gerações. Assim, nesse entendimento, falei-vos de factos acontecidos do tempo ainda da escola primária, do liceu e depois da minha licenciatura trabalhando no país. Mas sempre com algum pudor pois poderão ser erradamente interpretados como uma forma de afirmação pessoal que as minhas reflexões podiam não me dar.

Mas também entendo que não se pode falar do país e do povo “em abstracto”, com teorizações apenas, sem exemplos concretos; e uso os meus, amparado na certeza que os meus leitores também viveram histórias como as minhas; nossas historias particulares, que no seu conjunto, no fundo são a *verdadeira* história deste povo. Daquele povo simples, daquele cidadão comum que nunca fez mal (e nem bem, infelizmente) a este povo. Por isso muitas vezes durante a minha vida (mesmo em países distantes), “voltei” a essa ilha de **Rubane**, embora apenas na minha imaginação. Nunca esqueci essas lindas praias, ladeadas de verdes palmeiras, que os meus infantis olhos contemplaram uma vez na vida, e quero crer que as sensações com que impregnam a nossa alma, esta muito para alem dessa materialidade, pois mudam o nosso ser de forma indelével. E assim “voltando”, vim a encontrar esse povo simples de novo, anos e anos depois, na Rússia, através dos romances de **Fiodor Dostoevski**. Este **Dostoevski**, para mim o ser que depois de Deus, melhor conheceu a natureza humana, me fez olhar para dentro de mim, e desenvolver o amor pelos “**Humilhados e Ofendidos**” desta vida, que tinha nascido em mim nessas praias de **Rubane**; o respeito por “**Gente Pobre**” deste injusto mundo é desse tempo, pois tudo tem um inicio e um fim. Mas a certeza de que o “**Crime e Castigo**” andam de mãos dadas, é deste outro tempo, deste tempo que não é tempo. E quando lia estes três livros (dele, os meus preferidos) de Dostoevski, que se passam nas ilhas que formam a cidade de São Petersburgo, as ilhas do frio rio **Neva**, a única comparação que me vinha a cabeça eram com as minhas ilhas do arquipélago dos **Bijagós** (o nosso com 90 ilhas e o deles com 100), e a sua maneira também dessa “gente pobre”, a sua maneira também, “humilhados e ofendidos”, como estes que encontrava neste romance escrito cento e cinquenta anos antes.

Mas hoje os “**Humilhados e Ofendidos**” desta vida estão em todo o lado e somos todos nós. Mesmo aqueles que defendem um”status quo” que a eles parece seguro, a longo prazo serão perdedores. E não estou a falar apenas dos malandros, estou a falar de gente séria, de gente que como eu também querem o desenvolvimento deste país. Falo de Quadros que têm que deixar as mulheres e filhos fora do país, em Portugal, Senegal e outros países, pois este nosso não tem condições para eles estudarem ou viverem. Quadros que não podem ver os seus próprios filhos a crescer, porque o país não tem hospitais normais (até uma pequena vila do interior do Senegal como **Casamance** tem melhor sistema de saúde e hospitalar que a nossa capital), escolas ou faculdades para estes se tratarem quando necessário e estudarem normalmente. Sabem que toda a gente que pode viver fora, já abandonou o país e que todos os dias, até os nossos analfabetos do interior do país procuram um caminho para sair, como se uma praga há muitos anos tivesse invadido esta terra. Eles mesmos ainda não abandonaram apenas porque pensam que lá podem ganhar mais do que aqui fora. São pessoas que sabem que mesmo que ganhem muito dinheiro na Guiné, nunca poderão dar aos filhos uma educação esmerada e uma vida em paz no seu país. Dirigentes e Governantes que já não acreditam no seu próprio país (nem os seus filhos acreditam) e a única coisa que procuram desesperadamente é os “encaixar” numa qualquer *embaixada*

ou *organismointernacional* no exterior. E passam a vida a fazer “corredores” para isso, esquecendo que tudo poderia ser diferente, com outra atitude.

Mas inexplicavelmente, contra todo o bom senso, são essas mesmas pessoas que querem que tudo fique na mesma, apenas porque desempenham uma ou outra função no aparelho do Estado, concedido por obséquio de alguém, que enganadoramente acham, que gostaria que as coisas fiquem “tudo na mesma”; as vezes esse seu benfeitor, por sua vez, tem ideias avançadas mas não consegue realiza-las porque, por sua vez, pensa que esses seus subordinados preferem que tudo “fique na mesma” (e como esses é que são o seu suporte, não ousa ir contra eles); e nesse círculo vicioso, as coisas realmente acabam “ficando tudo na mesma”.

E assim quadros válidos acabam “apoando” a estagnação social, política e económica. Mas quanto tempo dura a vida humana? o resto não interessa? Se o país melhorasse não seria bom, infinitamente melhor, mesmo para esses? Há pessoas que já não são meus amigos, pois eu escrevo coisas que para eles é mau, pois querem que tudo “fique na mesma” e “suspeitam” que eu quero que as coisas melhorem. *Meu Deus, meu Deus, porque nos abandonas-te?* Esquecem que a perdição vem justamente pelo facto de “tudo ficar mesma”. A estagnação e a imobilidade atraem o descalabro, a perversão, a libertinagem e anarquia.

PRIMEIRO POSTULADO: O LUGAR DE NASCIMENTO

Há muito que é dito - por uma variedade de razões que não posso enumerar aqui -, que a *grandeza* de **Amílcar** ultrapassou as fronteiras da sua pátria natal, a **Guiné**. O escritor português **Álvaro Nóbrega** sobre este particular diz com razão: *Figura sebastianista (...), Cabral ultrapassou largamente as pequenas fronteiras da Guiné-Bissau (...)*. Por isso, num certo sentido, é redundante falar de um **Amílcar Cabral** Guineense (ou até de um **Amílcar** Cabo-verdiano) apenas. Aliás, por continuarem a ser os dois Países tão insignificantes e medíocres (no sentido da sua importância económica, política ou militar no mundo e não pela boa ou ma gestão que se faz da pobreza), que mesmo no seu conjunto, ainda não “chegaram ao “seu calcanhar”; ao “calcanhar” da genialidade, da realização (se é que assim me faço entender), para poderem reivindicar algum *direito* particular sobre o seu nome *património* ou pertença (isto bem entendido, não no sentido formal).

Não faz nenhum sentido olhar para a *grandeza* de um **Nelson Mandela**, pensando apenas na **África do Sul**; ele é pertença de todos os africanos e por inerência de todos os seres humanos dignos neste mundo. Pensar que **Gandhi** foi o que foi porque nasceu na **África do Sul** ou no **Punjab** indiano, é redutor e disparatado. Ou indo mais longe, analisar a gigantesca obra de **Marx** (pelo volume, consistência, só comparável a duas ou três mentes em toda a história da humanidade) pensando no seu nascimento na **Prússia Renana**, só pode ser tarefa de gente limitada ou de toleirões. Por isso não passa na cabeça dos **Gregos** reivindicar a pertença particular de seres universais como **Sócrates**, **Platão**, **Péricles** ou **Leónidas**. Pois cada um desses homens, fizeram com que só somos o que somos, neste planeta; porque eles existiram e fizeram “o que fizeram”. A grandeza de um homem nunca teve “nada a ver”, especificamente, com o local de nascimento. A grandeza é inata e em cada cem anos, num país, num povo, é dada a uma pessoa.

Por isso se eu aceitar, mesmo que por uns instantes apenas, a afirmação de que Amílcar Cabral não nasceu nestes acanhados 36000 Km² que agora nos restam como território nacional, o que é que essa aceitação me daria? Como Guineense, apenas uma grande dor de cabeça: Pois se tivesse nascido mais para cima, digamos no **Senegal**, seria uma grande alegria para os **Senegaleses** (estes diferente de nós aproveitam tudo que pode engrandecer a sua Pátria.

O amado Presidente deles, **Leopold Sedar Senghor**, chegava ao ponto de dizer (sem nenhum problema) que ele era originário da nossa terra e que o nome dele, afinal, vem da corruptela do vocábulo português “Senhor”. Mas - felizmente para ele -, sabia que não vivia no meio de racistas e complexados, por isso podia dizer isso e muito mais, sem se esconder.

A sua linda frase “*mon sang portugais s’est perdu dans la mer de ma negritude*” demonstra que até no campo da poesia ele não ignorava a sua mestiçagem, embora fosse mais “preto nock” que muitos que se dizem “preto nocks”. É “se dizem” pois isso é para consumo dos incautos que conseguem enganar.

Se **Cabral** tivesse nascido em **Cabo-verde**, seria uma “grande perda” para nós e para aqueles que se dizem “puros” cabo-verdianos; os que se acham, “verdadeiros **fidjo di tchom de cabo-verde**”, e que dizem que “**Cabral** é um estrangeiro, um **Guineense** que foi imposto aos Cabo-verdianos” como Herói Nacional. E dizem não aceitar um **Guineense** como seu herói nacional”. Mas isto não é dito por dizer, serve para esses oportunistas terem um certo protagonismo, e assim criarem condições para virem ocuparem postos no aparelho do Estado, aparecendo aos olhos dos seus ingénuos compatriotas como os genuínos “**fidjos di tchon**”, os verdadeiros “**burmedjo waks**” aqueles que defendem os *genuínos* Cabo-verdianos, contra àqueles misturados com Guineenses, como **Cabral**. e gostariam que os cabo-verdianos pretos não fossem assim tantos.

São eles que fomentam a teoria pateta de que os cabo-verdianos não são Africanos. São aqueles que odeiam a imigração Guineense para Cabo-verde, esquecendo que os Cabo-verdianos não caíram do céu, e que querendo ou não, o nosso sangue corre nas suas veias. Embora há quem nós queira fazer crer que a população de Cabo Verde caiu do céu, ou surgiu do nada por obra e graça de Deus, que um dia resolveu derramar vidas naquelas ilhas desertas. Esses, como os nossos, quando lhes dá jeito (e para poderem diminuir **Cabral**), também dizem que a *Independência* foi um erro, pois podiam ser como a **Madeira** e **Açores** (ironicamente alguns Madeirenses querem Independência, baseando-se no sucesso Cabo-verdiano).

Estes usam este argumento para tentarem atingir fins ilícitos, como alguns Guineenses seus iguais, os tais nossos “verdadeiros **fidjo di tchom de Guiné**”. Esses também o usam, mas no sentido contrário, mas o objectivo é o mesmo, para também obterem benefícios ilícitos. E tantos uns como outros usam a memória de Cabral, denegrindo-o, para atingir fins obscuros.

Mas se tivesse nascido de verdade ali naquelas ilhas, mas seria uma grande alegria para a maioria dos cabo-verdianos que se identificam com a sua heroicidade e seus ensinamentos. Como de resto qualquer país africano teria orgulho de ter entre os seus filhos (e como seu herói nacional) um vulto de tamanha envergadura.

Resta o quê? Será que nasceu no alto mar (como o antigo presidente do Brasil **Itamar Franco**), num navio que vinha de **Portugal** para **África**? Ou noutra que ia de **África** para **Portugal**? Mas a dor de cabeça é ainda maior do que pensam algumas mentes fracas, senão vejamos: **Cabral** libertou o nosso povo, dignificou os Guineenses como nenhum outro. Trouxe a Independência Nacional, formou - ou criou bases para a formação futura - de centenas de quadros. Traçou um rumo para o desenvolvimento e ainda deu a sua vida por nós (sendo ainda por cima criminosamente morto por nós). E agora, no fim do dia, descobrimos que o “tipo” era estrangeiro. Mas “que *ganda* complicação”! Então, nós como Guineenses, sabemos que temos deveres sagrados para com o nosso povo, mas nunca fizemos nada pelo nosso povo e este **estrangeiro**, que não tinha nenhum *dever* e nenhuma *obrigação* para com este povo, apareceu do nada para organizar-nos e devolver-nos a liberdade que há quatrocentos anos nos foi usurpada? Como explicar isto e como inserir isto numa análise consequente da história do nosso povo? Pois Cabral resolveu sacrificar-se por ele: Unir este povo, chefiar este povo e lutar por ele durante mais de 12 anos, pondo em risco a sua própria vida e da sua família, perdendo os amigos, cortando relações com os antigos professores, colegas de formação, perdendo todos os privilégios que tinha como engenheiro e súbito português, só para...??? enfim.....

Coitado, não devia ter nada mais que fazer na vida. Olha, podia ir para Angola ser um dos directores da CUF ou da Diamang, e receber balúrdios de dinheiro ou continuar como consultor das empresas agrícolas... Olha, se não gostava do clima, podia ir para Nova York, trabalhar nas Nações Unidas (daria um ótimo Secretário Geral, talvez melhor que Kofi Annan) como o Eduardo Mondlane e muitos outros (e ganhar um dinheirão). Paciência..., não se lembrou... e foi para Conacri e assim teve a imensa sorte de conhecer Boké, kindia, Labé e depois Madina de Boé e outras dezenas de

madinas que não faltam no nosso país (eu mesmo no meu tempo estive em tantas) ... enfim; dizer o que?..... para que? %%%%%%%%%%%6566666666&&&&&&&6 Bissilay

Então a nossa dívida como povo - e como elementos isolados, desse povo - para com **Cabral**, esse estrangeiro, por esse Cossaco do Rio Don, apaixonado por **Cassaca** e **Madina de Boe**, que nos amou mais que aos próprios filhos, agora aumentou imensamente. *Quanto aumentou? Não sei, mas pelo menos o dobro*; e nem estou a falar dos juros, pois como não tinha nenhum dever de fazer o que fez... e nos sabemos que em África aos cooperantes paga-se dez vezes mais que os nacionais...Enfim! *Rapazes! Sabem uma coisa? Para não ser malcriado, digo que o melhor que têm a fazer, é fazer algo de útil para esse povo, que é vosso e quem sabe consigam superar este estrangeiro, vocês, os nacionais, os verdadeiros “fidjos de tchom”.*

Tolos, tolos, tolos. Ignorantes, ignorantes, ignorantes. Racistas, racistas, racistas. Imbecis, imbecis, imbecis. Cada um que ache que faz parte dos que identifiquei em cima, escolha a palavra que achar que se adapta melhor ao seu grande carácter. E assim um dia quando, for um grande herói, maior ainda que **Cabral**, e estivermos a escrever a sua biografia, poderemos saber que cognome usar para o identificar (pode escolher até três palavras de uma vez, pois não estão repetidas por acaso: alguém pode querer ser racista ao quadrado ou imbecil ao cubo).

Quando falamos de gigantes que deram sentido ou mudaram o sentido da existência humana como **Júlio César, Jesus Cristo, Napoleão Bonaparte, Moamé, Simon Bolivar**, não faz nenhum sentido preocupar com o sítio onde as suas mães deram luz, seja numa manjedoura nos confins da **Galileia** ou na fria **Patagónia**. Quando pensamos em homens verdadeiramente grandes não podemos “liga-los” a países específicos, como forma de “reduzir” e “manietar” o seu legado. É este Cabral Africano, Universal quiçá, que não é demarcado por nenhuma fronteira geográfica, sócias (ou psicológicas), como “ser” Guineense ou cabo-verdiano, que para a sua genialidade seria limitativo (e em certos casos redundante). São estas considerações, que entendo aplicáveis para uma análise estrutural e consistente do “fenómeno **Cabral**” que ainda temos de analisar no futuro com imparcialidade.

Portanto, quando **Leopold Sedar Senghor**, Presidente e fundador do moderno estado dos senegaleses, diz sem nenhum complexo, a frente de toda a nata da sociedade intelectual senegalesa, que tem sangue português e que seus antepassados são da nossa Guiné, que o nome dele é dos portugueses, não posso deixar de ter piedade de alguns dos nossos analfabetos *funcionais* para não dizer *totais*, que embora com uma licenciatura qualquer, conseguida Deus sabe como e onde, que deviam ser apartados do povo por dizerem tantas barbaridades.

Por isso não permitam que nenhum analfabeto funcional, nenhum **kalabanté**, vos diga que este Guineense é melhor que o outro: por ser de determinada tribo, por ser menos ou mais escuro, por ter menos ou mais formação, por viver no país ou fora, por ter nascido fora ou dentro dos miseráveis 36.000 km², que ainda nos restam como pátria. Pois o vosso dever de “amar o povo” se consubstancia também em “proteger” e “reunir” povo na sua totalidade e plenitude; e não separar, alienar e excluir criminosamente, do concerto da Nação filhos deste povo. Este povo que esta a desaparecer todos os dias transformado em etnias desgarradas, grupos inconstantes, partidos irresponsáveis, indivíduos isolados, sem um projecto único, sem um futuro comum.

Fiodor Dostoevski já dizia que a pobreza não é vergonha, mas a miséria sim. Pois a miséria leva ao aviltamento, e o miserável deve ser apartado de gente de bem. Eu vos digo que a pobreza intelectual já é má por si só, mas a miséria intelectual é aviltante. Pois conspurca o seu possuidor e aqueles que ao seu redor, indefesos, caem nas suas armadilhas, mentiras e cantigas. E como geralmente são sempre os mesmos que cometem as duas torpezas, que aqueles que não contentes em levar o povo a pobreza, ainda pretendem remete-lo a pobreza aviltante, não têm perdão. E na Guiné há muito que saímos da pobreza e embrenhamos na miséria: miséria existencial, miséria intelectual, miséria como Estado, miseráveis como seres humanos. Há que estancar a miséria, pois a miséria avilta e os provocadores da miséria, os “transformadores” do povo em miseráveis, devem ser afastados dos seres humanos.

A INCAPACIDADE DE SOBREVIVER

Por índole e formação, não considero “acabado” nenhum texto meu; entendo que por mais *brilhante* que seja, tudo carece de melhoramento; e se entender acrescentar algo aos meus textos, em qualquer momento, não hesito, mesmo que nunca mais venha a ser republicado; embora as ideias principais permaneçam sempre. Se atentarem nos primeiros dois capítulos deste “**Sete Instantes**”, que já vos enviei, em comparação com os mesmos que agora envio juntamente com este **Terceiro** e **Quarto**, percebem que já sofreram correções, acrescentos e alterações importantes, embora as ideias básicas permaneçam. Mas neste caso concreto, este **capítulo**, que na versão original deste texto, era o **capítulo final**, aparece aqui, como o **terceiro** dos **sete**; muito cedo portanto. Mas resolvi mudar a disposição dos capítulos, para primeiro “responder a estas prementes questões” e só depois falar de outras, embora não menos importantes. Se não elas iriam pairar no nosso subconsciente durante toda a leitura, tornando a mesma mais pesada.

Mas isto vem propósito de algo mais importante. Da pergunta que ainda não me fizeram mas que vão fazer obrigatoriamente: se **Amílcar Cabral** era um campeador tão excepcional, como é que os seus companheiros e discípulos falharam tão redondamente? E assim chegamos ao cerne da questão: sim por mais voltas que dê, acabarei nesta pergunta, e dela não podemos apartar. Porque ela é a origem de diversas interrogações existências sobre a nossa vida nacional e a sua resposta é parte da resolução das mesmas.

Estas questões de ordem existencial que são determinantes para a Nação e não pequenas quezílias e “fait divers” do nosso dia-a-dia, que nunca serão primordiais para quem pensa em termos de Nação. Eu não penso em termos de indivíduos mas de gerações. Pois na verdade, embora pareça o contrário, nunca quis falar do passado, mas somente do futuro. Só falo do passado para poder “situar” o meu ouvinte (ou leitor) no cerne do meu pensamento, pois como eu não gosto de pensar em termos de anos, mas de decénios, no mínimo, sou obrigado muitas vezes a usar atalhos históricos para o levar mais rapidamente a compreensão necessária, senão exacta, do que digo. Por isso a minha atenção e prioridades são dirigidas para estas questões de fundo, pois delas que se originam outras mais graves para a saúde do povo.

Na minha resposta a questão – o porquê da não realização do sonho - começo por dizer que o mundo está cheio de exemplos iguais aos de **Cabral** e seus companheiros. De povos que perderam o seu campeão num momento crítico e assim tudo foi perdido. Os portugueses na sua mitologia nacional nunca se esquecem daquele momento, em **Alcacér kibir**, em que o jovem Rei **D. Sebastião** desaparece para sempre. Ou os franceses o momento que a menina e moça **Joana d'Arc** aparece do nada para salvar uma França perdida. Desde os tempos de **Gengis khan**, que quando o idealizador desaparece a obra soçobra; os reinos são divididos e impérios são destruídos. **Cartago** não sobreviveu **Aníbal**, nem Roma por muito tempo ao **César**. O império de **Alexandre** só não foi maior, só não sobreviveu ao seu génio, pela incapacidade dos seus companheiros acreditarem que podiam conquistar o mundo inteiro. E foi vergonhosamente dividido em várias partes pelos seus discípulos numa luta pelo poder depois da sua repentina morte (envenenado?).

Mas isso é falar-vos da história universal, embora muitos partidos e movimentos muito bem estruturados e dinâmicos também não sobreviveram aos seus fundadores. O **PAIGC** também não sobreviveu a **Cabral**. A verdade é essa por mais que doa a alguma gente. O nome existe, recordações esparsas e pouco mais. Dividido em duas partes, restou o que restou. Pois na verdade qual é o verdadeiro Partido de Cabral? Este nosso, ou aquele chamado de **PAICV**? Venha o diabo a escolha. Pois na verdade nenhum é o partido de Cabral. Cada um é um novo partido - inventado, refundado, repescado, como quiserem entender – que usa as siglas e cores desse que já desapareceu a muito. E para se afirmarem os dois utilizam como mais-valia poderosa o nome valioso de **Cabral** e a sua *recordação* e *escritos* deixados. Pois **Cabral** é ainda o único activo - *limpo* e não conspurcado - que resta da *odisseia da libertação*, depois de todo o ror de crimes inomináveis que foram cometidos.

Mas o que levou a criação desses dois novos partidos foi a “incapacidade de sobreviver” daquele primeiro “Partido de Cabral”. Sobreviver da maneira que **Cabral** o tinha deixado no dia 19 de Janeiro de 1973, com os sonhos intactos e com uma certa ética e moral; pois embora a partir do dia 20 de Janeiro, era já outro Partido. A autoridade que **Cabral** incarnava, e que “segurava” e unia das diferentes facções, desapareceu de um instante para o outro com a sua morte. mas mesmo assim, mesmo sabendo que algo não ia bem no *Reino da Dinamarca*, que havia traidores e assassinos entre os militantes, ainda havia saída. Mas tinha que haver uma espinha vertebral forte, que nunca se dobraria a partir dessa data (e por causa dessa data), e que seria resistente a todos os oportunismos e tentativas de desvios a linha traçada. e isso devia ser garantido por um grupo coeso de militantes que poriam tudo em pratos limpos e inteligentemente precaveriam o que veio a acontecer no futuro.

Dentro da filosofia deste meu ensaio, é minha convicção que a partir desse sagrado dia 20 de Janeiro o PAIGC no seu todo, como força política, como o fiel depositário dos anseios mais sagrados do nosso povo deixou de existir. Disse atrás que a “alma da nação”, o espírito do nosso povo, esta petrificado no tempo desde essa data; devo agora acrescentar que nenhuma Nação floresce e se desenvolve quando o seu **espírito** esta parado no tempo, quando o povo não tem alimento e substância espiritual, quando não tem um espelho para se rever. Pois aqui não é a matéria que determina o espírito, mas o seu contrário.

Desse dia em diante o “sagrado” o “excelso” o “transcendental” deixou de fazer parte para todo o sempre do léxico que caracteriza a acção desse movimento. E a partir desse momento era um barco a deriva, sem norte e sem barcos salva-vidas. É esta deriva que leva ao monumental e terrível ajuste de contas que sobreveio depois da morte de **Cabral**. Nesse primeiro descalabro, já ninguém mandava em ninguém. Ouve conseqüentemente o aproveitamento da situação para saldar contas antigas e novas, como consequência, como se conta, fuzilaram-se muitos inocentes.

Portanto tratava-se de *sobreviver*, primeiro, para só depois tentar *realizar*. E quem não consegue *sobreviver* e conservar a sua matriz inicial tão pouco poderá *realizar*. E neste caso, quando chegou a hora de *realizar*, já não havia a matriz inicial; e jamais foi recuperada. Aqui não vou falar ainda da “incapacidade de realizar”, que era gritante, vou lembrar apenas que **José Carlos Schwarz** cedo percebeu este meu *ponto*, e estava coberto de razão no *tchebendo* quando cantava: **gossi ki hora de canta tchica, ninguim ca tem garganti...**

A REPUBLICA DOS REUNIDORES OU A INCOMPATIBILIDADE ANTAGÓNICA COM O SONHO

Nem garganta nem cabeça e nem mãos; pois o que se passa na prática é que depois da Independência, a realização do “Sonho de **Cabral**” tornou-se um pesadelo para muitos deles. As possibilidades infinitas, que se abriam a frente dos militantes, como viagens ao estrangeiro, possibilidade de terem viaturas e condutores, mulheres bonitas, casas excelentes, tudo isso começavam a entrar em conflito com os ensinamentos de Cabral (na verdade eles é que tinham um entendiam deturpado das coisas; pois num país que produz riqueza os dirigentes têm todo o direito de ter uma vida normal) e ele tornou-se pouco a pouco num estorvo. Pois a herança de **Cabral** dizia por exemplo que os homens e mulheres eram iguais e se os dois foram a Luta, não é justo agora deixar as companheiras de lado; mas as tentações da cidade eram grandes e a carne era fraca e ninguém queria ficar com **Apili (José Carlos, de novo “vigilante” não deixou passar este desregramento)**; e quando ficavam tinham que arranjar amantes. Arranjar amantes era contra os ensinamentos da Luta? Pois bem que se lixem os ensinamentos. E assim vamos prevaricando; mas se os ensinamentos da Luta dizem que temos que ser modestos e viver só com o nosso salário, então como sustentar as amantes? Malditos ensinamentos! e assim por diante, e assim a coisa foi degenerando. Pois como se pode conciliar os princípios de luta com arranjar uma bolsa de estudo para um sobrinho que não tem direito, ou uma casa para um primo que não trabalha nesse ministério, ou um sofá para sala que a nossa mulher reclama, mas o salário não dá? Para que serve ser alto dirigente se não consigo resolver as coisas por isso mesmo?

Naquele tempo os próprios militantes é que “vigiavam” uns aos outros. E quem ainda fiel a doutrina da Luta e queria voltara as origens, tentar salvar a matriz inicial do Partido, também tornava-se num empecilho. A moralidade de cada um era olhada com atenção pelos outros e não raro havia queixas a “instâncias superiores” (cada designação que usavam) sobre actos de um ou outro militante; a censura do Partido ainda funcionava e muitas coisas eram feitas as escondidas ainda. Mas isso só foi possível durante um curtíssimo tempo. Pois só quem não faz nada de mal é que pode apontar o dedo aos que fazem. E esses rareavam cada vez mais, além de cada vez mais já serem também empecilho. E aqui não haverá moralidade que valha, nem para uns nem para outros, e será a lei da selva.

Se **Cabral** não tivesse sido morto durante a Luta teria que ser eliminado em Bissau. Pois não era ele que antes de morrer dizia: *“Chegou o momento de acabarmos com responsáveis e dirigentes que têm mais do que uma mulher e que, na luta, têm feito mais filhos que trabalho. Chegou o momento de acabarmos com os responsáveis e dirigentes que não são capazes de estudar para melhorarem os seus conhecimentos, mesmo no meio do mato, para serem cada dia mais responsáveis, mais dirigentes a sério. Chegou o momento de acabarmos com os responsáveis ou dirigentes que, quando se lhes pergunta qualquer coisa sobre o seu trabalho, dizem mentiras. Chegou o momento de acabarmos com responsáveis e dirigentes que são capazes de prejudicar os outros para não os deixarem avançar, com medo que lhes tirem o lugar.”?*

Mas se a vida privada dos militantes já era incompatível com a realização do “sonho”, a vida colectiva estava ainda em pior estado. Pois como realizar um simples sonho (e não o sonho de Cabral) de por exemplo educar os filhos se não se trabalha e não se produz nada? Mas os dirigentes em geral entendiam ainda que os seus actos tinham algum valor e serviam para alguma coisa. Mas a única coisa que faziam realmente era “ter reuniões”. Parecia que acreditavam que o facto de reunirem e tomarem decisões - quaisquer que fossem, não fundamentadas em nenhum estudo serio - era suficiente para o país desenvolver. Era aquele mundo surreal de faz de conta que falei atrás. Viviam-se entre reuniões; as vezes um dirigente tinha três reuniões num dia. Pois se pertencia a três comités tinha que ir a todas. e não havia coisa que desse mais prestígio que ir a reuniões. as reuniões eram tão importantes que se houvesse uma reunião e um trabalhador não fosse convocado, em vez de ficar aliviado e aproveitar esse tempo para ir pescar ou ler, ficava chateadíssimo. Quando o **Comité Central do Partido** reunia, durante dois ou três dias, o país parava; as reuniões eram noticiadas pela rádio e jornais com dias de antecedência, como se fossem desastres naturais ou qualquer coisa do género. Quando os militantes saíam dessas reuniões para ir almoçar ou jantar, saíam dali como estrelas do cinema. As pessoas paravam para vê-los. E eles orgulhosos de terem estado reunidos oito horas seguidas, iam jantar e voltavam outra vez, e num “sacrifício enorme” pelo povo, voltavam a “reunir” mais oito horas, até as três da manhã. O povo ficava impressionado: como reuniam! Como eram “reunidores” e “sacrificadores”.

Parecia que só sabiam fazer reuniões. Reuniões intermináveis que duravam horas e horas e não serviam absolutamente para nada. Hoje calculo que só 10% das decisões que ali eram tomadas servia para alguma coisa, mas nem esses podiam ser implementadas, porque sempre faltava meios para os implementar. Mas nada os demovia das reuniões que as vezes eram realizadas apenas para cumprir um calendário. As reuniões eram, as vezes, um objectivo em si, ou a maior parte das vezes. O povo acreditava piamente, numa espécie de “síndrome de Estocolmo”, que serviam para alguma coisa. Depois de algum tempo o povo também começou a reunir-se também; nos comités de bairro, nos locais de trabalho, nas escolas nos fins-de-semana; as pessoas em vez de produzirem, reuniam e discutiam. Discutiam e faziam a “crítica” e “auto crítica”; crítica “construtiva” (era na verdade totalmente destrutiva), num enorme disparate nacional, que nunca serviu para nada, apenas para arruinar o país até as ultimas consequências, sem apelo nem agravo.

Claro que o nosso descalabro nacional não se resume apenas a isto; mas não pensem que estou a ser leviano, apressado ou mesmo simplista (já para não dizer a escamotear factos); mas este é apenas um pequeno texto e não um livro (que espero um dia escrever) e aqui infelizmente pouco mais posso dizer, pois mesmo estes meus “pequenos” textos são já olhados como muito “grandes” por algumas pessoas que eu estimo e adoraria que os lessem (aliás pela erudição de alguns, pensava que lessem

obras de centenas e centenas de páginas). Além de que sobre este particular, se alguém se interessar, escrevi algumas coisas nos meus textos anteriores.

Para terminar direi que assim fomos andando (completamente à deriva) até chegarmos ao actual deserto Guineense que nos remete outra vez para a conclusão que chegou o biógrafo de **Amílcar Cabral, António Tomás**, quando diz: “*E o que me chocou na Guiné foi sobretudo a desproporção entre o destino que Amílcar colocou sobre os ombros do seu povo e a situação em que hoje se vive.*”. E não deixa de reafirmar esse pessimismo dizendo: “*a Guiné ainda não encontrou o seu caminho e é provavelmente um dos mais pobres países do mundo*”.

Sobre este epitáfio já disse antes, mas a palavra “provavelmente” é apenas uma delicadeza, pois é “de facto” um dos mais pobres, senão o “mais pobre” em algumas áreas pelo menos. Quanto a isso, não tenham dúvidas, e nem percam o tempo a analisar; somos um país que nada significa para a economia africana, para não falar da economia mundial, nem em termos de produção nem em termos de exportação (ousa até dizer que economicamente não existimos).

Somos um país que nada significa em termos de desenvolvimento humano; a nossa contribuição para o desenvolvimento da cultura e da ciência africana e mundial é quase nula. Somos um país que ainda anda de chapéu na mão pedindo vergonhosamente pelos quatro cantos do mundo. Mas vergonha perdemos faz muito tempo, eu era ainda um rapazinho. Só vivemos de ajuda, todas as obras efectuadas são fruto de ofertas, ajudas e empréstimos que nunca pagamos. Há anos que andamos sempre em falta para com as nossas simples obrigações em contribuições para uma serie de organismos internacionais. Não temos capacidade de vigiar o nosso mar, de cultivar a nossa terra, de rentabilizar os nossos recursos naturais e todos os outros (como os quadros, os técnicos e recursos culturais), de urbanizar e desenvolver o turismo, a pesca e vários sectores de actividades, que por tanto tempo estarem inactivos já esquecemos que existem.

O ESTADO “MANDJUANDADE” E OS DINOSSAUROS DA LUTA DE LIBERTAÇÃO

Antes de ir estudar, com os meus vinte e tal anos, já na plenitude da minha capacidade de compreensão que, ainda possuo hoje, temia que quando voltasse as coisas não fossem melhor do que no presente. Pois qualquer estudante do terceiro ano do Liceu sabe que a lei da inércia postula que “*Todo corpo permanece em seu estado de repouso ou de movimento rectilíneo e uniforme, a menos que seja obrigado a mudar seu estado por forças a ele impressas.*”; aquele nosso estado que igual a um corpo inerte assim permaneceria se nada fosse feito, mas eu não vislumbrava nenhuma forças capazes de empurrá-lo para o desenvolvimento. Mas tinha uma ténue esperança (e convicção) de que essa gente que nos desgovernavam, que criminosamente nos impediam de desenvolver como os outros países nossos vizinhos, um dia iram-se embora; pois a inexorável lei da vida, os levaria a reforma e libertariam o país das suas garras e deixariam o país às novas gerações que o devolveriam ao bom caminho.

Estava redondamente enganado: nunca “foram-se embora” e pior, nunca mudaram a sua triste mentalidade. Oito anos depois quando voltei da minha formação, continuavam lá, mais inertes que “**pis cabalo**” e como este saciando-se de tudo a sua volta, sem nada produzir. Trabalhei no país durante mais oito anos, até a eclosão da revolta de **Ansumane Mané** em 1998, e durante todo esse tempo continuavam lá. Continuavam a chafurdar no seu nepotismo, a colocar os filhos e netos (bisnetos?), sobrinhos e amigos aqui e acolá nas embaixadas, nas empresas, no aparelho do Estado. Desse fraco e inqualificável Estado que nem esse nome merecia. Pois era apenas uma **mandjuandade** de pessoas, ligados por certos interesses, sem nenhum projecto verdadeiramente nacional.

É sobre estes comportamentos nefastos e antipatriotas que o malgrado (também assassinado?) presidente de Moçambique **Samora Moises Machel** disse num dos seus discursos o seguinte: “*A corrupção material, moral e ideológica, o suborno, a busca do conforto, as cunhas, o nepotismo,*

isto é, os favores na base de amizade, e em particular dar preferência nos empregos aos seus familiares, amigos ou a gente da sua região fazem parte do sistema de vida que estamos a destruir.”

Mas eu estou a falar de quê? Quando começamos a pautar a nossa vida colectiva pela frase acima? O problema maior é que nos países desorganizados, economicamente dependentes, subdesenvolvidos socialmente, estes comportamentos não são nunca apenas um vício que pode ser tolerado, ou um desvio das normas sancionado com a reprovação geral. Pois eles tendem imediatamente a multiplicar e só podem ser parados por medidas draconianas (há países, como a Libéria, em que só foi possível acabar com este estado de coisas por fuzilamentos).

E este irresponsável comportamento não fica apenas restringida a esta classe de indivíduos (eram uma classe), pois os maus exemplos tendem a multiplicar-se mais do que os bons. E esta maneira de agir, como uma hídra foi-se espalhando pela nossa sociedade. Eu, que quando a Luta de libertação terminou, tinha 12 anos, vim a assistir vinte cinco anos depois, já técnico do **Ministério das Obras Públicas**, um recenseamento, feito nesse Ministério para determinar o número de “**combatentes de liberdade da pátria**” nos nossos efectivos. Foi estranho e surrealista até, pois havia combatentes “**de liberdade da pátria**” mais novos que eu aos molhos. Tinham combatido com três e quatro anos de idade, alguns; outros nem tinham nascido quando a **Luta de Libertação** terminou. Aquilo espantou certas mentalidades obtusas e consciências impreparadas; a mim absolutamente nada; era apenas o povo a reivindicar um pouco da sopa dos pobres do PAIGC. O nosso espelho “de ver” não deve ser os nossos dirigentes? Os Pais da Pátria? E se eles roubavam como **saninhos**, o que restava ao povo fazer? Respondam-me; comer capim? Eu não vos disse que ganhava 23 dólares e para vergonha minha tinha quase que ser sustentado pelos meus velhos pais? e eu era licenciado, imaginem então o resto da “malta”; na Guiné a “pouca vergonha” tinha deixado de ser um defeito humano para ser elevado a “Política de Estado”.

Hoje 39 anos depois da Independência, 31 anos depois do 14 de Novembro, 13 anos depois da Guerra de 1998 ainda estão aí. Rijos e valentes. A “governar” e a “aconselhar”. Com o apoio de muita boa gente. Sim, hoje, onze anos depois do novo século, ainda aqui estão. Tenho medo - eu que os conheci quando tinha onze anos - que quando os meus netos já forem homens feitos (pois a minha filha já é mulher feita), ainda estarão por cá, a “aconselhar” e a “governar”, para também infernizarem a vida deles como infernizaram a minha e as vossas. Pois se nem com a Guerra de 1998 saíram, talvez só sairão quando a juventude, o povo, sair para rua como nestes dias de ira, nos países árabes, para tudo destruir e leva-los na enxurrada. E assim a lama do **Pindjiguiti** cubra-os e aos seus pecados, para que por fim o povo possa respirar e tirar umas férias bem merecidas.

A TRIPLA TRAGÉDIA: A DE CABRAL, A DO PAIGC, A DO POVO GUINEENSE

A tragédia é que o **PAIGC** nunca realizou uma verdadeira mudança geracional. Radical e completa, cortando o fio umbilical com aqueles que não serviam. Com os que estão ultrapassados, com os que há muito deveriam ir para casa. Os velhos dinossauros da Luta de Libertação nunca permitiram a nova geração desempenhar um papel preponderante e normal como em qualquer sociedade são.

Dez anos depois do fim da Luta de Libertação, há trinta anos atrás, já deviam ter pedido demissão dos cargos e retirado com honra e cobertos de glória. Mas não, preferiram acabar as suas vidas, assim, enlameados em escândalos, cobertos de sangue de seus companheiros, que estão a espera deles no outro mundo. Mas como podiam proceder de outra maneira? Pois tenho que aceitar que de facto eles sempre estiveram ali para o seu bem-estar e não para ajudar o povo. Na verdade consciente ou inconscientemente, eram o que antigamente, no tempo da Revolução Francesa, se chamava “os inimigos do povo”. Daqueles militantes que não pertencem e nunca pertenceram a esta categoria, daqueles que chamei “honestos e ímpolutos filhos deste povo, que *foram* a **Luta**, durante o mesmo, tornaram-se homens e mulheres melhores; infinitamente melhores na compreensão da sua dignidade de Guineenses e de seres humanos; na compreensão de que são parte de uma coisa grandiosa chamada Pátria que a todos unia”, desses falarei mais uma vez, mais tarde. Pois é necessário destrinçar, quem fez o quê; quem foi eleito; quem ajudou este povo. Não se deve misturar o que não se deve.

Se **João Bernardo Vieira**, depois de 14 de Novembro, num momento de lucidez e bom senso tivesse dito a essa gente manifestamente incompetente que o cerceava de todos os lados, querendo ser ministros e altos dirigentes da Nação, sem nenhuma preparação o seguinte: *vocês não podem ocupar estes postos pois eles não me pertencem, são propriedade do Estado e a sua ocupação obedece a critérios rigorosos. Eu mesmo estou aqui tentando concluir o liceu ainda e já sou o Presidente da Republica e Secretario Geral de um grande partido histórico, o substituto de **Amílcar Cabral** em suma, o que é manifestamente exagerado e colossal para mim. E sei que os que me rodeiam não me dizem isso apenas porque através de mim esperam conseguir “tachos” e bons postos no Governo. Mas eu não sou burro (e não era) e percebo isso muito bem, embora não diga nada. Mas se vos nomear a vocês, as coisas vão piorar ainda mais. Vocês não me ajudarão em nada, nesta já minha difícil tarefa, e só me darão problemas; pois se eu tomei o poder, não é para fazer pior que o meu antecessor, mas melhor.*

Com o carisma e respeito que tinha na altura, podia reformar muita gente que até agora, continuam a lutar por postos) e manter apenas aqueles (que todos nós conhecemos pela sua competência, probidade e bom senso) que ajudassem o País a dar um salto em frente. E assim patrioticamente e com moderação, faria uma boa coisa que o anterior presidente nunca seria capaz de fazer, por motivos vários que falarei a frente. Infelizmente para o povo (e para o próprio **Nino Vieira**) tal não aconteceu.

Na verdade muito antes desse *instante*, **Cabral** devia ter explicado essa gente que mais importante que *libertar* o povo, é *preservar* o povo. Pois um povo pode perder uma guerra, não ser livre, ou ser colonizado por outro mais forte (estas condições as vezes fazem com que esse povo tenha mais *consciência de si, enquanto povo*, do que quando é livre), mas se preservar as suas “instituições”, a sua cultura, a união nacional e nacionalista de todos os seus filhos, quando se libertar será mais forte do que antes. Mas no outro extremo, um povo livre (como o nosso), que se decompõe e fragmenta-se por culpa exclusiva dos seus dirigentes, está pior do que o primeiro.

Mas será que não *explicou*? A própria **Luta de Libertação Nacional** não é em si uma *explicação*? Não foi uma explicação que baste? **Luta de Libertação Nacional: Lutar para libertar o povo: lutar para que o povo tenha uma nação. Lutar e morrer se preciso for para trazer o progresso e felicidade ao povo.**

Qual é a parte da frase “Luta de Libertação Nacional” que não compreenderam? Como explicar de outra maneira? Metendo uma bala na cabeça de cada um deles, como fizeram com ele e com tanta gente inocente depois? Mas seja como for, sendo este o Partido fundado por **Amílcar Cabral** por um lado é difícil de entender como que o Partido que devia ser mais aberto, mais cosmopolita, mais progressista e aberto as influencias da modernidade mundial, pelo contrario, revelava-se nessa altura ainda recente, um Partido retrógrado e ultrapassado pela história e pelo nosso povo. Ainda com uma mentalidade dos anos cinquenta, *anterior a Luta de Libertação, anterior a Cabral. Contra os ensinamentos de Cabral, contra a figura e o legado de Cabral, que hipocritamente continuavam a apresentar como seu Guia Imortal. É também fácil de entender que os que apossaram do ceptro de Cabral nunca tiveram nada a ver, e nenhuma relação, seja ideológica ou formal com este. E que foram as práticas vergonhosas anti-cabralistas desse partido que nos levaram para o abismo.*

Digo isto sem nenhuma satisfação, pelo contrário, apenas com pena, pois esse Partido pela glória com que se cobriu no tempo de **Cabral**, merecia outro destino. Nós tínhamos tudo para vencer, só não vencemos porque fomos mal governados desde o primeiro dia. Graças a Cabral, não éramos apenas mais um país em África, como muita gente pensa; éramos o País daquele povo que demonstrou que se pode vencer o colonialismo europeu pela força das armas no campo da batalha. Mas não estávamos “limitados” a isso, podíamos vencer também **politicamente**, com razões morais e históricas em todos os fóruns internacionais, graças a liderança clarividente deste homem.

Esse que se tivesse sobrevivido e realizado por fim o sonho, todas as vidas perdidas, todos os sacrifícios consentidos, teriam por fim uma *justificação* e mais que isso, teriam a *honra* de terem caído

por algo perene e sagrado; pois a liberdade e sobrevivência do povo nunca é conseguida facilmente, exige sacrifícios tremendos, e até a morte de companheiros (há que dizê-lo); mas aos vivos, em seu tempo, exige-se também que esses mortos sejam honrados; exige-se que façam com que estes não tenham morrido em vão. Isto é o mínimo que se pedia a quem de direito. E a minha revolta com o modelo implementado pelo PAIGC desde 1974 no nosso país, advêm também de entender muito cedo que a asneirenta tragédia que estava a tentar ser implementada na nossa terra iria custar caro a várias gerações futuras. Por isso falei anteriormente de *conspiração* baseado no pressuposto de ninguém deu algum poder - seja poder temporal, seja direito espiritual ou moral - a “essa gente” para tomar conta do País e realizar todas as nefastas experiências que entenderem à revelia do bem-estar do povo, apenas pelo a seu “bel-prazer”.

ONDE TODOS SÃO CULPADOS NINGUÉM O É

Preciso aqui dizer de novo que não podemos por toda a gente no mesmo saco? Não é suficiente, para alguém que lê estes textos com atenção, entender que aqui não se trata de “escrever por escrever”, “acusar por acusar” ou “denegrir por denegrir”? É necessário permanentemente dizer que muita gente que foi a Luta e tornou-se dirigente neste país desempenhou as suas funções com honra e dignidade e deu o melhor que podia dar e fez o melhor que sabia e as vezes com o risco da própria vida foram contra as políticas nefastas do seu próprio Partido e de outros dirigentes? Dizer que alguns preferiram abandonar a própria Governação, outros, o próprio país, em desacordo com os regimes tanto de **Luís Cabral** como de **Nino Vieira**? Alguns que continuaram no Governo porque acreditavam ingenuamente, que sem eles, o descalabro seria maior e a ocupação de postos pelos incompetentes das suas fileiras seria terrível? Ou aqueles que pensavam que tinham um dever para cumprir por isso não podia sair? Ou aqueles que tinham apenas medo de ficar mal vistos? Preciso enaltecer mais uma vez o sacrifício e patriotismo de tantos e tantos que deram a vida nas fileiras do PAIGC como tenho aliás feito? Preciso chamar seus nomes? E nomes que não conheço, vidas que vindos do interior do PAIGC foram também desperdiçadas, vilipendiadas e destruídas, sem que os seus companheiros de Luta levantassem um dedo para os defender?

Para os que me lêem pela primeira vez, digo que estive dez anos calado, vendo todas as barbaridades acontecer com o meu povo, com o meu país. Como eu, milhares e milhares também ficaram calados. Mas hoje escrever tornou-se um dever para mim. Porque somos todos, mesmo que involuntariamente, responsáveis desta desgraça de que se fala nestas páginas. A culpabilidade de cada um é diferente, mas nos vários graus de responsabilidade que há, facilmente encontramos um onde cabemos por inteiro. Houve, é certo, os que destruíram objectivamente o País por maldade ou incúria; ouve os que destruíram por manifesta incapacidade, sagacidade e incompetência para os postos que ocuparam. Mas mesmo os que “batiam palmas nas reuniões de “Comités” de bairro, os que ficaram a ver a impunidade, o nepotismo, o crime a tomar conta deste país, sem mexerem um dedo, todos têm a sua dose de culpa.

Mas repito: “a sua dose”, apenas a sua e não dos outros. Para que me entendam: se eu não escrever agora, de forma a ajudar o meu país, a “minha dose” particular de culpa aumenta; e isso independentemente das consequências que tiver que sofrer. Por isso quando disse anteriormente “*todos culpados*” devo ser entendido na acepção de **Hanna Arendt** que alertava para o facto de que nunca devemos aceitar a culpa colectiva, pois “**onde todos são culpados, ninguém o é**” na verdade. Mas nós sabemos que há culpados; sabemos quem foram os que destruíram as nossas vidas pessoais, a nossa Nação, a nossa Pátria e o futuro do nosso povo. Por isso nunca devemos cair na tentação de permitir (para depois aceitar) as “**confissões de culpa colectiva**” pois “são a melhor salvaguarda possível contra a descoberta dos culpados”. E nem desistir de *saber*, de condenar e execrar, perante a extensão do crime, pois as vezes, é “**a própria extensão do crime a melhor desculpa, para não se fazer nada**”.

Disse atrás que há pessoas que eram e já não são meus amigos “*pois eu escrevo coisas que para eles é mau*” ; claro que sabem que nada que digo é mau; há apenas aqui há uma questão de “natureza humana” a por na balança o que pode perder e o que posso ganhar. Pois no fundo eles não querem que

“tudo fique na mesma”, porque ninguém quer ser chefe num deserto, ninguém quer que toda a gente interessante vá embora - ninguém quer que não tenhamos escritores, poetas, pintores, cineastas, dramaturgos, músicos etc. (qualquer dia nem meninas bonitas sobrarão neste país e será preciso ir ao Senegal para arranjar mulher) - mas têm medo de que se tudo “não fique na mesma” eles venham a ser perdedores. Mas estão enganados, não necessariamente as pessoas ficam mal num país melhor, devia ser o contrário; e espero que aqui na Guiné do futuro, um dia seja precisamente o contrário.

Mas é este pensamento que é o embrião de todas as torpezas e malfeitorias. Pois enquanto penso em mim e em minha gente, não penso no outro e na sua gente. E não só não penso, como denigro e tento destruir. E assim pouco a pouco este país, ano após ano, foi se transformando naquele deserto que um dia, nos idos de 97 - tendo atravessado S. João, de canoa, e chegados a Bolama, sentados naquela praça central, totalmente deserta - um Alemão estranhando a arquitectura e urbanismo daquela urbe, totalmente abandonada pelos poderes públicos, me disse que talvez a população não tenha uma cultura urbana própria para viver nesse tipo de espaço. Querendo com isso dizer que por isso a praça não era usada pelos moradores e as casas abandonadas, a cair de podre. Lhe disse que não era isso, pois esse abandono eu vinha observando em Bafata, Gabu, Bissorã, Cantchungo e em quase todas os centros urbanos do país que a mercê de asfixia económica vão morrendo pouco a pouco. Essa urbe nascida em 1871 chega a cidade em 1913 como capital da Guiné, era uma cidade cosmopolita, cheia de vida e progresso. hoje os filhos de Bolama estão por toda a parte do mundo, da América ao Canada, de Portugal a Escandinávia e só não estão em Bolama.

Mas como agora “ninguém ficou”, assim velhos e novos, mais culpados e menos culpados, todos que podem querer sair deste nosso país. Isto tudo é tão surrealista que nem lembrava ao **Salvador Dali**. A mim faz lembrar àqueles filmes americanos de ficção científica em que os extraterrestres de uma galáxia qualquer depois de terem consumido todos os recursos naturais e destruído todas as fontes de regeneração da mesma, metem-se em naves a conquista de outro planeta para onde se transferirem e consumirem os recursos. Pois de igual modo, parece que alguns, depois de terem roubado tudo que havia para roubar, destruído e todas as fontes de regeneração do nosso país, os velhos dirigentes agora procuram outros planetas para habitar.

Então de repente toda a gente resolveu ser **diplomata**. Eles e as respectivas mulheres, filhos e netos. Afinal eles “descobriram” que estranhamente (para a Guiné), o diplomata ganha bem, e os países estrangeiros são todos (todos sem nenhuma excepção) melhores para viver que o nosso que já destruíram totalmente. Mas não são apenas os velhos “camaradas de luta” que procuram saídas, pois também existem os “novos camaradas de Luta” que nos anos que antecederam a guerra de 1998 e depois nos anos do descalabro e confusão “amealharam” fortunas, roubadas em manigâncias e com essas fortunas agora pretendem viver em paz no estrangeiro, sendo diplomatas, representantes, etc., e de vez em quando irem de férias para o nosso destruído país dizer umas banalidades. Até fico com impressão que meteram na cabeça que este país lhes pertence, por algum direito divino (ou direito do saltador), por isso podem fazer o que entenderem e deixarem de entender. E hoje em dia, alguns até que foram eleitos, mas outros ainda continuam, mas outros nada disso, apenas a lengalenga estafada de “**n`bai Luta**”.

Já é hora de tirar de uma vez para sempre da cabeça essa nefasta compreensão de que existe “quem foi a Luta e quem não foi”. Pois a verdadeira herança da Luta sempre ultrapassou os simples homens que estiveram envolvidos na sua aplicação.

E alguns, poucos, que procuram um caminho para voltar são raros e têm muita dificuldade. Pois, falando do próprio exemplo, desde que vim para esta diáspora - pois emigrar é uma coisa, mas quando somos expulsos do país por bandidos e selvagens que fazem uma guerra no meio da cidade (para não dizer “**santchos na fassi santchundadi**” como um amigo dizia) por despojos de um país e herança de um povo que não lhes pertence, isso é uma diáspora – procuro um caminho de regresso que nunca consegui e que em virtude dessa procura perdi quase tudo que consegui, confiando em Guineenses aldrabões, tentando sociedades e negócios que nunca deram nada. Pois habituados a essa vida de aldrabice, nela continuam, sem respeitar nada e ninguém.

QUARTO INSTANTE

ABASTARDAMENTO DO POVO

*Eu tenho um sonho que minhas quatro
pequenas crianças vão um dia viver em uma nação
onde elas não serão julgadas pela cor da sua pele
mas pelo conteúdo de seu carácter*

Martin Luther King, Jr.
In , "I Have a Dream"

Estou de novo nesta sala da FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES, é quase noite, a tarde está partindo, nesta cidade de Lisboa, que já começa a esfriar; daqui a pouco a sessão vai acabar; as pessoas fazem as perguntas de praxe; inofensivas, inócuas; perguntam o que se espera que perguntem. E recebem as respostas, que se esperam que recebam. Outros perguntam por perguntar, perguntas sem resposta. Perguntam por coisas de que já sabiam as respostas. Mas mesmo assim perguntam, como num ritual. Outros não perguntam, apenas fingem perguntar, para poder explanar a sua sabedoria e nos iluminar um pouco do seu imenso saber. Mas devíamos estar todos calados, tanto os que perguntavam, como alguns que respondiam. Os *perguntadores* e *respondedores*, pois a hora era de termos todos alguma contenção e escutar o velho amigo de **Cabral**, que como que indiferente a tudo e a todos, continua a falar; as lembranças surgiam pouco a pouco arrancadas a custo das paredes da alma. O que **Cabral** lhe disse no aeroporto de Argel, na academia Militar na Rússia, no seu pequeno apartamento na capital Argelina, no caminho, de carro de aeroporto a casa, etc., contava tudo isso, normalmente, sem demonstrar nenhuma admiração “deslumbrada” em relação a **Amílcar**; nas suas palavras apenas se apercebia dor pela perda, respeito e o orgulho de ter feito parte, de uma forma ou de outra, da gesta de **Cabral**.

OS OUTROS CABRAIS QUE TAMBÉM FICARAM PELO CAMINHO

Velho combatente, os teus velhos ossos estão pousados nessa cadeira, os ossos dos outros combatentes que não puderam ser velhos, estão espalhados pelas florestas e matas da Guiné. Você esta desiludido, eles não. Não viveram o suficiente para serem velhos; não tiveram tempo para se desiludirem; Deus poupou-os da vergonha. Nunca saberão o que é a dor de corpo, a dor da velhice. Nunca experimentaram o desengano; e felizmente não souberam que nunca houve “amanhã”.

*Neste momento, como aqui nesta Fundação, há sombra na mata de Cantanhez, os pássaros chilreiam e o fumo da mata, que queima de mansinho, vai cobrindo o sol pouco a pouco; e nessa penumbra que cobre de tristeza esse remanso, os espíritos repousam e recordando o passado feito presente. Pois quem já morreu não tem passado, só os vivos. De repente a voz de um deles surge dentro da morte e chama - baixinho, quase num sussurro, para não espantar a “alma beafada” que debica uma fruta encima da sua campá há muito desaparecida, debaixo de folhas secas de mangueiro: – Ninaté!
Ninaté!*

A velha estrada separa as suas campas. Sempre juntos em vida, agora repousam na morte, separados pela estrada velha. Onde raramente passa alguém. Enterados separadamente de lados opostos da estrada, os que os enterraram não sabiam da sua amizade: mas a mata e o capim pouco a pouco vão cobrindo a estrada velha, e um dia estarão de novo como em vida, e no dia da morte, do mesmo lado; pois não mais haverá a estrada para os dividir.

-Am!!! I ké?- responde um que em vida respondia por esse nome. Falam em crioulo, a língua com que sempre comunicaram um com o outro, pois são de etnias diferentes. Aliás, pensam que falam em crioulo, mas na realidade no mundo dos mortos não existe crioulo, nem, mandinga, a língua que deu as palavras ao crioulo, só se fala pelo pensamento, pois os espíritos não têm língua.

- Ma... Baio ca muri? (será que Baio não morreu?)

- N ka sibi, ma se té gosse no ca papia ku el, i pabia i bibo inda... (deve estar vivo ainda, se não conseguimos falar com ele)

- Nka sibi dé; ba djubi i muri na utro lado... (vai ver que morreu longe daqui)

- kila i ka nada; si muri, nó na ojal... li nê lado pali, lundju ca tem (se morreu havíamos de saber, aqui não existem distâncias)

*- El i konta dé... Cuma i na odja **Cabral** ku si dus udjo; to ki na dal mon, son si ca el.. (ele jurou que havia de conhecer Amílcar Cabral e apertar-lhe a mão)*

*- Será que ganhamos a Guerra? Será que Baio chegou a conhecer **Cabral**?*

*- Não sei! El ku **Issa** é fala bá cuma si guerra caba é na bai **Fulacunda** um biass. Cuma la ke é na bai raposa. (ele e o Issa diziam que se a Guerra acabar iriam para **Fulacunda** para descansarem (repousarem) para sempre.*

- Raposa?

*- **Issa** cuma assim ku brancus de Guiledje ta fala “discansa” (Issa disse que assim é que os portugueses de Guildeje dizem “descansar”)*

*- Ma **Issa** i ca di Fulacunda dé; e di Sintcham N. lá ki padido...*

Ainda estão fardados; e ainda seguram as suas AK-47. O Sol está a desaparecer para os lados do rio. O pássaro assusta-se e parte para os céus. O silêncio grita nas suas almas e a noite cai entre os dois amigos ... Morreram no mesmo dia, no mesmo combate, ambos soldados que ainda não tinham galões. Ninguém sabia as suas idades, foram para a Luta antes de completarem vinte anos e morreram antes dos trinta.

*- Será que **Cabral** agora é Presidente?*

*- Claro; quem pensas que iria estar no seu lugar? Mas ele ensinou-nos que isso não interessa para nada; não é o lugar ocupado que interessa. O que interessa é o que fazemos nesse lugar; ou não é assim **Umaru**?*

*- E sim dé **Ninaté**... quando é que ele ensinou isso? Nundê? Esquece, o que interessa é que “nô paga nô quinhom, pa ki povo nunca mas ca lebissido”. (o que interessa é que cumprimos o nosso dever para que onosso povo nunca mais seja desrespeitado)*

*- Tens razão, nó paga nô quinhom, pa ninguim mas ca explora nó povo; pa ninguim mas ka disquici cuma **Cabral** i balanta... (tens razão; cumprimos o nosso dever para que nunca mais se explore o povo)*

É noite cerrada para os vivos; para os mortos o tempo é sempre igual. Nem noite nem dia; algo entre o dia e noite do fim da tarde, ou entre a noite e o alvor das seis da manhã na guiné. Estes nossos mortos, só vivem de lembranças, das lutas, do dever cumprido, de saberem que fizeram o que deviam;

de outro modo a eternidade seria terrível de suportar. Mesmo na sua terra, na sua maravilhosa terra, na terra dos seus antepassados.

*Agora -nesta hora que não é dia nem é noite, que já não é dia por este já ter partido, mas enquanto o tempo espera, a noite que demora a chegar -, essa terra toma uma cor dourada, amarelando a água das **bolanhas**. É a queimada silenciosa que de tanto permanecer já esta quase apagando. Amanhã é dia de semear; amanhã meninos correram por cima das suas desconhecidas campas de soldados desconhecidos e plantarão arroz novo... e no fim do dia matarão a “alma beafada” que ainda não tinha apreendido a ter medo dos homens, nem das crianças...*

- Ca bu medi nada, um dia nô na pudi bim tchomado tam... kilis ku ka ta muri... (não receies nada, um dia será feita a justiça e seremos...

*É **Ninate** que fala depois de um longo silêncio; o vento leva a sua voz que se perde nos confins do **tarrafe**, e atravessa célere as **bolanhas**, os matos e por fim o rio oceano, até ao mar oceano, atravessa um chamado Atlântico e ao chegar a um lugar chamado Cais das Colunas, num país chamado Portugal, para descansar um pouco no Terreiro do Paço; mas como ali agora não há bancos para repousar, não se detém, para por fim atravessar Lisboa e entrar pela grande janela da FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES, a tempo de o velho combatente da Liberdade que continua a falar, ouvir num sussurro a última parte da frase:*

*... seremos ...imortais) ... nó na rispitado també suma **Cabral** aós um dia (um dia seremos como **Cabral** hoje; seremos também respeitados).*

Por fim na FUNDAÇÃO, o velho combatente silencia a sua voz, por respeito aos jovens combatentes mortos.

Tanto disse, em tão pouco tempo, que não dá ainda para dissecar. Dizem que se tivessem gravado tudo o que **Jesus Cristo** disse, essas palavras caberiam em um simples *cd* de duas horas. Não é o dizer muito que faz a diferença, mas o que é dito. **Jesus** morreu pela humanidade, pelos homens; sorte tiveram os homens. **Cabral** e os combatentes da liberdade morreram por todos nós; sortes tiveram os Guineenses. Nós que aqui estamos, talvez não valem nada, mas mesmo assim, pessoas morreram por nós. As vozes dos nossos combatentes, mortos por nós, continuam a ressoar nas paredes da FUNDAÇÃO. Só quem não queria, é que não as escutava.

AS VACAS DE TOMBALI VERSUS VACAS DE BISSAU OU ERGUENDO BUSTOS DE AMÍLCAR CABRAL PELOS RIOS DA GUINÉ OU DERRUBANDO MARIA DA FONTE E IDEIAS ERRADAS OU A CIDADE SENDO CONQUISTADA PELA TABANCA

Antes de continuar preciso mais uma vez esclarecer um ponto: Já afirmei várias vezes que as minhas modestas reflexões, são pontuadas com narrativas sobre factos reais passados na Guiné, que feliz ou infelizmente assisti ou participei, durante vários anos, não apenas para tornar a leitura dos meus textos menos penosa ou mais agradável, embora tal não deixe de ser verdade. Mas também tomei a decisão de escrever sobre eles por entender, como já disse antes, que num país jovem como o nosso, ainda sem muitos instrumentos de afirmação nacional como a sua própria História, o nosso imaginário colectivo, a nossa própria história comum, é ainda feita de historias particulares de cada um de nos.

Mas também por uma questão de concisão, pois a partir desses acontecimentos vividos na primeira pessoa (eventos em que participei pessoalmente voluntaria ou involuntariamente), presenciados ou relatados a mim por terceiros, é que surgiram muitas das minhas convicções, sentimentos, o meu credo e a própria “decisão de escrever” nesta altura da minha vida.

Mas não quero ser mal entendido, desnecessariamente, naquilo que digo. Não por temer alguma forma de represálias, mas para poder andar de cabeça erguida e depois não ter que pedir desculpas por ter sido injusto com pessoas inocentes. Pois no fundo apenas procuro o bem de todos nós, da nossa terra e do nosso povo. Cada um deve fazer o que deve (e pode) para mais cedo chegarmos a este desiderato. Se pelo caminho procuramos justiça, devemos saber também que acusar é fácil, e num instante pode-se destruir reputações construídas durante anos.

E se criticamos, é porque não devemos e nem queremos ser como aqueles que criticamos. Se eles não respeitaram a pessoa humana, nós devemos respeitar; se não amarem o povo devemos amar. Por isso, tudo que escrevo - poderia fazê-lo de “cara tapada”, como muita gente por aí - também o faço por respeito a meus ancestrais e a mim mesmo; e não o teria se escrevesse escondido atrás de pseudónimos.

Mas não o faço apenas, por ter obviamente coragem de o fazer, mas por respeito a essas pessoas que acabei de frisar, que sacrificaram a sua juventude para dignificar esta terra, por aqueles que um dia farão deste país um lugar melhor, pelos jovens que precisam de uma orientação na vida e por todas outras que já não estão vivas infelizmente.

Mas não sendo ingénuo, sei que o que escrevo pode originar eventualmente, incompreensões de vários tipos e quadrantes. E a incompreensão pode originar também dúvidas não só de índole existencial, assim como também intelectual.

Há tempos fui acusado de ser **Marxista-leninista**, e só não respondi a acusação porque a pessoa escondia-se atrás de um pseudónimo, e como devem calcular, por aquilo que penso e disse sobre esse procedimento, que acho indigno, não podia estar a polemizar com um “fantasma”, por mais interessante e fundamentada que fosse a acusação.

Pois não é “justo”, alguém de “cara descoberta” (aceitando as consequências possíveis), discutir com outro que se esconde sob uma falsa identidade (fugindo de todas as consequências possíveis). Só por isso não respondi a esse indivíduo; pois aquilo que ele escreveu, podia também ser o pensamento de outros; mas embora correndo o risco de ser mal entendido o meu silêncio ao não responder, infelizmente, o que disse da primeira e última vez que respondi a um leitor sobre a *ética* de falar com “cara coberta” aplica-se a este senhor (na verdade nem sei se é homem ou mulher) também; pois não honesto, nem é digno polemizar com alguém que não tem a coragem suficiente de dar a cara pelas suas ideias ou palavras, mas acha que tem o direito de opinar sobre o que outros que de “cara destapada” escrevem e assumem as consequências.

Mas esta gratuita acusação fez-me graça e fez-me lembrar do antigo Presidente Senegalês **Leopold Sedar Senghor**, que quando quis permitir que jovens senegaleses fossem estudar na União Soviética, lhe avisaram do risco de voltarem dali comunistas; ele com sabedoria de quem conhece bastante esta vida, lhes disse o seguinte: se querem fazer de um jovem, um anticomunista ferrenho, mandem-no estudar na então União Soviética.

E nisso tinha certa razão, pois vivendo ali, convivendo todos os dias com esse povo, só um perfeito idiota que não se daria conta do monumental disparate mundial que estava a ser realizado a frente dos nossos olhos. E estou falando de qualquer estudante, sem mesmo destacar pessoas com uma capacidade de análise superior, que permitia ler entre linhas da imprensa oficial e entre palavras não ditas de amigos, namoradas, esposa, familiares e colegas de turma russos que tínhamos.

Mas como um homem com medo não pode escrever - não era o **E. Burke** que dizia que o **medo** era o *mais ignorante, o mais injusto e cruel dos conselheiros*? - não sendo tão inteligente como ele, direi apenas que há muito que percebi que o medo é também inimiga da *criação*. E desde os meus tempos da **Rússia Soviética** que observei que nos países onde reina o medo geralmente não há *criação*.

Por isso apenas digo que o velho **Marx**, e a teoria *marxista* nada tinham ou algum dia tiveram a ver com os crimes, disparates e desvairios de **Lenin** e **Stalin**. O *bolchevismo* e *marxismo* são visceralmente contrários e mutuamente incompatíveis. Assim como a *teoria* de **Amílcar Cabral** nada tinha a ver com a *prática* do PAIGC. O *cabralismo* e o *paigeceismo* eram, e continuam a ser, visceralmente contrários e mutuamente exclusivos.

II

Já depois de voltar da minha formação no exterior, trabalhando no Ministério das obras Públicas, uma vez tive como missão instalar o busto de **Amílcar Cabral** em Bafada. Foi a primeira vez que pensei em **Cabral** realmente como um simples Guineense e não como um herói. Para escolher o lugar onde ficaria o busto (embora não fosse uma decisão minha, mas eu como técnico devia dar o meu parecer) fui visitar a casa onde nasceu, e o resto da cidade que já conhecia desde os meus tempos de escola, pois fui lá passar férias duas vezes na casa dos meus tios. Fui ao monumento jugoslavo dedicado a sua obra, para por fim decidir pela praça do mercado. Imaginei-o menino correndo descalço por essas ruas, atrás de uma bola de trapo e percebi que o homem quando possui força de vontade suficiente, não tem limites.

Conto este episódio da minha vida, porque foi a primeira vez que “cruzei” com **Cabral** nesta vida; mas também porque ao aceitar essa missão iria testemunhar algo que mudaria a minha personalidade para sempre. Confesso que era uma missão, com todas as suas dificuldades, gratificante para mim, pois quis o destino, que eu fosse eu a pessoa que ia implantar o busto do Fundador da Nacionalidade na sua cidade natal. Era emocionante, independentemente da cansaça imensa que viria a ser, pois naquela altura, naquela idade, isso era muito importante para uma pessoa com o meu carácter e formação. Avisaram-me que tinha que me desenrascar sozinho, pois não havia dinheiro (como habitualmente para coisas realmente importantes nunca havia dinheiro) e eu tinha mais ou menos uma semana e meia para realizar esse trabalho.

No dia seguinte, eu e o **Umaru** (nosso condutor) fomos buscar ao “nosso Amílcar” à sede do Partido, e embrulhamo-lo melhor que pudemos para o proteger da viagem e metemo-lo no Geep, e sozinhos, sem nenhuma outra ajuda arrancamos para cidade de Bafada para ir realizar a missão.

Havia três bustos que há muito se encontravam mofando, cobertos de pó na sede nacional do PAIGC na Praça dos Heróis nacionais, a espera de melhores dias. Nesse ano as “altas instâncias” do Partido e Governo de então, tinham decidido que um dos bustos deveria ser colocado no “**Pindjiguiti**” em **Bissau** (a capital), outro em **Bafada** (berço de Amílcar) e o terceiro em **Catió** (onde decorreria a cerimónia central de homenagem em comemoração ao seu nascimento).

Como tinha um orçamento reduzido (pouco menos que dois mil dólares em moeda nacional), tinha que “desenrascar-me”. Ao chegar a **Bafada**, aconselharam-me um empreiteiro local, que contratei por ter sido formado por nós em Quinara, no quadro do Projecto; e assim inspirar-me mais confiança. Tendo alguma influência, escolhi como local de implantação a praça do mercado e não o terreno a frente da casa onde nasceu, como alguns responsáveis queriam. Pois sendo a feira um ponto de encontro por excelência de toda a população da cidade e arredores não podia haver sítio mais central (aqui a minha mentalidade de urbanista também influenciou a decisão). Chegados a um acordo, expliquei o empreiteiro quase pedindo desculpas em que situação me encontrava. Para mostrar a minha boa vontade e confiança que depositava nele, e face a urgência, entreguei-lhe de uma só vez, todo o montante destinado a obra (também o dinheiro era tão pouco que nem dava para dividir por três tranches como habitualmente fazíamos para controlar a execução de obras). Mas isso não o impressionou nem um bocadinho. Achou que o dinheiro nem para o pedestal do busto, chegava (e eu queria ainda pintar toda a fachada da feira e cimentar a parte onde o pedestal ia ser erigido). por fim depois de o ir buscar pessoalmente na casa de sua comadre num dos bairros de Bafada (rua Porto?), aceitou por fim, mas pediu-me que lhe arranjasse ajudantes; dizia que com esse irrisório montante só podia pagar um, e ele mesmo teria que trabalhar como pedreiro (coisa que manifestamente não queria).

Vendo as dificuldades que se acumulavam, sem saber ainda como resolve-las, ainda liguei para o Ministro pedindo ajuda: mas ao que parece ele estava ainda pior do que eu, e não me podia ajudar em nada. Reuni-me com o Governador da região, e falei-lhe sobre a possibilidade de usarmos os prisioneiros de delito comum (havia muitos nessa altura na prisão local e nada produziam, pois não havia um sistema organizado de usar prisioneiros em trabalhos cívicos) para fazerem um trabalho para a comunidade, que era cimentar, limpar e pintar a praça em frente da feira e ajudar a fazer blocos para o pedestal que ia levar o busto. Recusou liminarmente, dizendo que não tinha coragem para tal, pois a Liga dos Direitos Humanos e outras organizações iriam “cair sobre ele”.

Enfim sai dali decepcionadíssimo, com mãos a abanar, eu a lutar para melhorara a cidade deles e ninguém a querer ajudar. Até hoje não sei como consegui, numa semana e meia erigir esse busto em Bafada. Ainda por cima pintei a feira e consegui por luzes na fachada e lâmpadas no chão, ao lado do pedestal, para a noite projectarem claridade no busto. Foi uma semana que não dormi mais que duas a três horas por dia; e a justiça seja feita, também o **Umaru**; e nada tinha para lhe pagar tirando palavras de agradecimento. Trabalhávamos na feira até a meia-noite e arrancava para Bissau para ir dormir (não tinha dinheiro para pagar uma pensão em Bafada, embora tivéssemos combustível que conseguimos através dos alemães de Buba) e outro dia cedo punha-me a caminho outra vez para voltar a Bafada; isso durante sete dias seguidos. Naqueles dias não sabíamos o que era uma refeição decente. Passava a vida a comer carne de cabra “**ilado**”. E não parava um instante, ia arranjar material eléctrico em Buba (pedindo ajuda aos alemães do projecto), arranjar gerador emprestado em **Gabu**, consegui alguma tinta branca em Bissau (acho que num armazém do Ministério das Obras Publicas); se bem me lembro falei com uns rapazes e do bairro de Nema ou Ponta Nobo (?) a ajudar a peneirar areia e fazer tijolos juntamente com o empreiteiro; já não me lembro de tudo, mas assim aos tombos, a luz de projectores improvisados, trabalhando até a meia-noite e as vezes mais, como disse. Assim conseguimos terminar dentro do prazo, que era o dia do aniversário do nascimento de Amílcar.

E no dia da inauguração que seria feita pelo Presidente da Assembleia Nacional (naquela altura **Malam B. Sanha**) ficamos a cair as paredes da feira e pintar o pedestal até as quatro e meia da manhã. Para por fim entrar no carro e chegar a Bissau já com Sol alto. Fui para Bissau cansado mas com a satisfação do dever cumprido (tinha esperança de poder tomar um banho, vestir um fato, e voltar ainda atempo da cerimonia oficial de inauguração; mas tal não foi possível, pois o condutor ao deixar-me para descansar um pouco, tomar banho e mudar de roupa, foi também descansar e não apareceu mais, por motivos que não cabem aqui; quando acordei e ele não estava a minha espera, liguei para O ministério e soube que a delegação do Obras publicas já tinha partido). Assim fiquei em Bissau sem maneira de lá chegar. A noite a minha mãe chamou-me para ir ver a inauguração que estava a ser dado pela televisão (na altura ainda vivia na casa dos meus pais, pois nem possibilidades de alugar uma casa tinha). Quase com lágrimas nos olhos (de satisfação) fiquei a ver e a ouvir os discursos, o cortar da fita. Como desejei ter estado ali; sentia um misto de orgulho e de decepção. Orgulho de ter realizado algo de gratificante e decepção de não assistir o coroar da minha obra.

A noite **Umaru** que também viu a transmissão em **Pilum**, apareceu me visitar a fim de contar o que também tinha visto na TV; como a falta de luz era permanete ele não sabia se na minha zona foi possível ver a transmissão. Estava triste e zangado, pois doeu-lhe tanto como eu ou mais, termos trabalhado tanto, e ninguém reconhecer de uma forma ou de outra; disse que nem nos mencionaram nos discursos da autoridade local, para que alguém saiba que o monumento, que se inaugurou nesse dia, também foi obra nossa. Acho que tinha lágrimas nos olhos; tive tanta pena dele. Tinha razão de chorar, trabalhou incansavelmente dia e noite; foi e veio comigo de Bafata todos os dias, infatigável, também comendo e dormindo mal, pior que eu, sem se queixar; e sei que (pelo seu carácter) ele gostaria muito de participar nessa festa do povo de Bafata. Disse-lhe que a vida é assim, que os trabalhos realmente importantes são geralmente feitos por outros que nunca “aparecem na fotografia” e bla, bla, bla... Como pareceu não acreditar em mim (e lamentou o facto de eu mesmo não poder ter ido), para o animar lhe disse que para mim estava tudo certo, pois na verdade o trabalho que fizemos ia para além da inauguração ou festejos de um dia; e que o grande ausente não fomos nós, mas o próprio **Amílcar**. Ausente da inauguração, da cidade e da nação.

Não sei se “**nha sabi boca**” das minhas palavras mitigaram a sua dor, mas sei que nesse dia consegui enganar a mim mesmo. Mas hoje depois de dezenas de anos, sempre que encontro um natural de **Bafata** em Lisboa pergunto se a minha estatua de Amílcar ainda lá esta; e quando me dizem que sim, não consigo conter-me (por mais que tente) e digo sem nenhuma modéstia: eu participei na sua implantação! Geralmente não acreditam pois nunca me viram em Bafata, mas não importa; não é isso que disse ao **Umaru**? Só espero um dia ver esse busto de novo e tirar uma foto atrasada de 15 anos, antes de morrer.

III

Mas vamos deixar Bafata e suas hospitaleiras gentes, para continuarmos para o **Sul** profundo, pois ainda não chegamos no que é verdadeiramente importante. Acontece que, eu e o **Umaro**, também participamos nessa mesma semana de que vos falo, nos trabalhos de **Catió**, onde também foi posto um busto que viria a ser inaugurado pelo então Primeiro-ministro (na altura **M. Saturnino da Costa**). Enquanto trabalhávamos na cidade de **Bafata**, os nossos técnicos da Delegacia Regional do Sul (Buba) do ministério das Obras Públicas, estavam a implantar o outro busto de **Cabral**, na vila de **Catió**, Região de **Tombali**. Por nessa altura desempenhar as funções de Coordenador Regional do Ministério, o Ministro solicitou-me ir até Tombali ver como as coisas corriam, pois tinha havido um atraso inesperado ali (e como faltavam apenas três dias para inauguração), ele estava muito preocupado.

Quando cheguei, fui informado que o busto tinha sido montado na noite anterior, mas uma forte chuvada, que tinha corroído a argamassa, o tinha derrubado; parece que não se tinha acautelado a ligação entre o busto e o pedestal com ferros. Então estávamos a analisar a melhor maneira de colocá-lo de novo (eu, os nossos Engenheiros de Buba e técnicos juniores do Ministério) no pedestal, quando nesse ínterim três vacas atravessaram calmamente a estrada que ladeia a praça principal da vila e a entraram na rotunda onde estávamos a trabalhar. Chegadas ali, duas delas desataram calmamente a pastar, enquanto a terceira fazia as necessidades a vista de todos; e ninguém pareceu importar-se com isso. Conosco neste momento havia responsáveis políticos da região e técnicos de diferentes ministérios e ninguém ligava coisa alguma. Eu assistia incrédulo essa degradação (civilizacional) da nossa gente, que indiferentes a tudo, achavam isso normal. Sem poder conter interpelei-lhes no geral, dizendo que numa cidade capital, de uma região nacional, na praça principal, a frente do palácio do Governo e edifícios administrativos, isso não se admitia. Mesmo que fosse à centenas de quilómetros de Bissau, tinha que haver uma certa urbanidade e respeito pelo Estado, suas instituições e símbolos. Só assim a população respeita o Estado, os detentores de cargos públicos e representantes da autoridade do estado, que ali eram eles. E em suma, respeitariam a própria Governação e suas decisões como um todo...

Quando as vacas foram por fim enxotadas, explicaram-me (como se fosse um estrangeiro) que a população local infelizmente não entende essas subtilezas e nuances que tanto me incomodavam. Aquilo aborreceu-me bastante, pois há muito que percebia uma degradação cada vez mais acentuada de tudo que é urbano ou contendo algum laivo civilizacional, sejam escolas, hospitais, praças, feiras, etc.; até o discurso político e público era corrompido por uma certa degradação verbal e dos costumes; denotava-se uma qualidade baixíssima. A *cidade* não estava a *conquistar a tabanca*, mas esta é que vinha cercando aquela; não só ao nível dos bairros novos que surgiam como cogumelos depois das chuvas, a uma velocidade estonteante a volta de Bissau, com nomes que eram importados directamente dos sítios de origem dos recém-chegados. Assim todos os bairros tinham o nome decalcado de uma localidade do interior, de onde era originária a maioria dos moradores a nova população que em vez de se aculturar com os valores citadinos - encontrava estes tão frágeis, como frágeis eram os agentes da sua implementação em “códigos de postura” municipais e outras de convivência urbana e de cidadania - que continuava, na cidade, a viver como na tabanca. E isso parecia o resultado não apenas de um laxismo do Estado, mas também um certo pendor para não dizer *pensar* dos dirigentes que tínhamos. Como se essa persistente degradação fosse “ao encontro” de algum desejo, recalcado, íntimo de tudo destruir e transformar o país em algo sujo, degradante e odioso, num fatalista “**djito ka tem**” que destruíra toda a iniciativa e toda excelência que seres humanos devem almejar mesmo no inferno.

Tudo isso, todo esse estado de coisas que apercebia nos Ministérios, nas ruas, nas conversas, me era profundamente detestável e negativo. Para um jovem que tinha voltado para o país depois de uma ausência sofrida, pensando que as coisas tinham que evoluir de uma forma ou outra, pois a natureza sempre encontra um caminho, aquilo era confrangedor. Pois parecia-me que o nosso país já devia ter dirigentes que tivessem algo na cabeça, depois de 25 anos de independência. Pois se aqueles que vieram da **Luta** eram profundamente impreparados, depois de anos e anos de formação de quadros, já devia haver uma certa elite educada, cosmopolita, urbana, conhecedor de outras sociedade e países, para governarem; não conseguia entender este imobilismo total, até no campo das ideias, para não falar da economia que estava de rastos, ou da educação que era uma desgraça total (quando regresssei dei de novo aulas no Liceu, pois o meu salário de licenciado em arquitectura era de apenas 23 dólares, numa pouca vergonha nacional inominável). Eu se fosse governante de um país que pagava tal salário a quadros superiores, teria vergonha de sair a rua, de me verem a luz do sol. Mas a pouca vergonha não tinha limites.

Mas um Estado que nem consegue tirar vendedores ambulantes do centro da cidade, do passeio dos **Correios** em Bissau, fazendo de uma cidade capital pior que um chiqueiro, que permite a pouca vergonha que se passa a frente da feira de praça, é um Estado? E não digo Governo de propósito, pois em primeiro lugar esse devia ser trabalho de um presidente da Câmara Municipal que tivesse alguma capacidade de decisão e não só; e um Presidente da Câmara não é membro do Governo. Mas não só por isso: os sucessivos Governos que foram passando, deixando alastrar este flagelo de venda ambulante e desde a feira de **Bandim** até as ruas centrais de Bissau são todos iguais na sua indiferença e falta de pulso; e este não é a excepção que confirma a regra.

O problema é que o país degrada-se cada dia e cada vez mais as pessoas estão indiferentes, apáticos, não há urbanidade, não há interesse em nada mais do que nas migalhas do poder. A apatia tomou conta de tudo e de todos. E aquilo que passa na feira “de Praça” em Bissau, já acontecia em **Gabu** no tempo que eu ia trabalhar lá como técnico do Ministério das Obras Publicas e sempre fazia críticas ferozes a desorganização dessa vila, dessa feira de **Gabu** que já não tinha início nem fim e parecia sufocar a cidade inteira.

Mas se em **Tombali** em 1996 as vacas pastando na praça principal já me revoltavam, 10 anos depois, (quando voltei a Guine pele primeira vez depois da Guerra de 1998) vi essas *mesmas vacas*, com as mesmas cores, castanha, branca e negra, pastando em plena Praça dos Heróis Nacionais em Bissau. Embasbacado, entendi por fim, verdadeiramente onde tinha chegado o meu país. No edifício da Cooperação Internacional (antigo bar “**Quirintim**” da nossa juventude) olhava as minhas vacas de Tombali deambulando e pastando calmamente nos canteiros da praça. E não eram *aquelas* três apenas, por causa da lonjura da viagem, tinham trazido amigas, e eram uma manada inteira, e não estavam perdidas; tinha um menino pastor a encaminha-los com se estivéssemos em “Sintchâm Mole” a 300 quilómetros de Bissau. O nosso país tinha, depois de tantas experiencias, por fim se encontrado com o seu destino. E tínhamos que agradecer isso a esses próceres da **Luta de Libertação** que nos governaram tão sabiamente durante decénios. Ao meu lado estava um técnico ainda do meu tempo das Obras Públicas, que ainda neste tempo, não tinha dinheiro para um café, a quem perguntei se merecíamos ter vivido para assistir tamanha vergonha.

Enquanto ele balançava a cabeça de tristeza, sabendo que nada que pudesse dizer teria mais significado que esse gesto de desalento, tive suficiente a frieza de espírito para lhe dizer o seguinte: *estas a presenciar um milagre, estas a olhar para o ano 1940.*

- *Como assim?* – Acordou do seu torpor.

- *Não vês que o monumento ainda esta em construção e nem os símbolos do poder colonial (as quinas e coroas de Portugal) ainda tem? Não vês que a estrada a volta da rotunda ainda não esta alcatroada? Não vês que o Palácio ainda não foi “tidjado”* (o edifício do Palácio da república não tinha telhas)?

Sorriu e disse: as *quinas*, quem tirou foram os do PAIGC quando *entraram*.

IV

Sim, logo depois da chegada dos “camaradas”, tentaram derrubar a estátua da **Maria da Fonte**, sem saberem o seu significado. **Maria da Fonte** como **Titina Silá** era uma mulher do Povo que revoltou-se contra o poder estabelecido. A **Revolução do Minho** ou a **Revolução da Maria da Fonte**, como ficou conhecida esta revolta popular ocorrida em Portugal em 1848 contra o Governo de então. A incitadora dos tumultos foi uma mulher do povo chamada **Maria**, natural da freguesia de **Fontarcada**, por isso a alcunharam de *Maria da Fonte*. A sublevação propagou-se depois ao resto do país e provocou o derrube do Governo. Se tivesse renomeado **Maria da Fonte** de **Titina Silá**, como renomearam a praça de “**Império**” para “**Heróis Nacionais**”, não falseariam a história no significado profunda da vida dessas duas mulheres: cada uma heroína do seu povo. Cada uma lutando pela liberdade do seu povo.

A simbologia da estátua tinha tudo de igual a revolta do PAIGC contra o poder estabelecido pelos colonialistas na Guiné, mas eles, de vistas curtas, só viram nela o colonialismo; seja como for, tentaram derruba-la varias vezes (eu ainda no ciclo Preparatório, assisti uma dessas tentativas, com tractores da *tecnil*) e como nada conseguiram, arrancaram apenas os símbolos do poder Português (as quinas e coroas) que ornamentavam a estátua. Depois foram arrancar todas as outras estátuas pela cidade fora dizendo que depois no lugar deles iriam por os dos nossos heróis. Mas nunca conseguiram por um que seja. Acho que até era uma coisa que abominavam intimamente fazer. Pois implantar estátuas de jovens que morreram na flor da vida, para um ideal que agora eles conspurcavam todos os dias, era um contra-senso. Seria como uma critica muda que iam ter que enfrentar todos os dias quando passassem pelas mesmas. Não admira que até a estátua de Amílcar Cabral só veio a ser implantado quase quarenta anos depois da sua morte, e por alguém que por não pertencer a matriz inicial desse Partido, e não sofria de complexos de culpa em relação a este.

Sai da Guiné dessa vez, não apenas desiludido, não apenas revoltado, mas totalmente de rastos. O meu mundo interior tinha desabado outra vez, como naquele longínquo dia do ano 98. Os alicerces de pedra que sustentem um ser humano, que lhe dizem que tem uma terra e uma pátria, partiram-se nesse dia pela segunda vez. Por mais terríveis descrições que me fizeram da desgraça que se tinha abatido sobre o meu país, nos anos da minha ausência, nada foi tão violento para o meu ser, como ver que em plena praça dos Heróis Nacionais pastavam vacas a luz do dia.

Podem me dizer que houve e havia coisas muito piores. Guerra civil, mortes, feridos, ajuste de contas, golpes e contra golpes... mas para um arquitecto urbanista, aquilo simbolizava toda uma era perdida. Um retrocesso dentro de retrocesso, pois se em 1996 estávamos retrocedendo no tempo, em 2006 o próprio tempo (e nenhuma teoria de relatividade Restrita ou Geral) conseguia acompanhar o nosso retrocesso. E assim nem estávamos em 1996, já tínhamos regredido tanto que estávamos em 1940 (penso que nessa altura possivelmente vacas circularam por ai também), no ano anterior a inauguração dessa nossa grande praça, que tantas boas recordações deixou em nós e em dezenas de outras gerações antes da nossa.

SER MANDINGA OU SER GUINEENSE? TRIBALISMO BALANTA OU FULA?

Olho silenciosamente a minha volta, procurando a P., rapariga da etnia **manjaca** que conheci há três horas atrás, na saída do metro. Ela apresada, a correr para a **Fundação Mário Soares**, mas ao me ver ali perdido, levou-me com ela; ela já conhecia o local e eu não. Bastou olhar-mos um para o outro para percebermos que ambos saímos um dia dum mesmo triste local, do outro lado do mundo. Pelo caminho conta-me que acabou de terminar a faculdade (licenciou-se em Química Industrial) e esta a espera de receber diploma; não pensa ir para a Guiné trabalhar, é claro; aquilo como esta... para uma pessoa que está desde criança em Portugal, que cresceu em Lisboa, praticamente uma lisboeta... Assim ela falando, eu escutando, sem ousar contrariar, fomos descendo calçadas íngremes até chegar.

Na presa não trocamos de contactos e como a sala estava cheia cada um sentou onde calhou, ficando separados.

Agora que a sessão estava próxima do fim não queria ir sem me despedir dela; ela pertencia aquela geração não conspurcada ainda, a esperança viva deste nosso país; onde deposito os meus mais elevados anseios. Sei que hoje vive em França onde foi procurar trabalho dois meses depois...

A sessão estava naquela parte de perguntas e respostas. Enquanto procurava-a com os olhos, alguém querendo ser simpático comigo estende-me um microfone: *não quer perguntar nada? Não obrigado; perguntar o quê? A quem? Quem, nesta sala, nesta vida, pode responder as minhas perguntas? As minhas setenta vezes sete perguntas sobre a destruição do nosso povo? Do nosso país? Doutro modo estávamos ali a fazer o quê? E se pergunta-se de repente, sobre seja o que for, em termos de pensamentos ou certezas sobre a nossa actual situação política e económica à luz da ideia cabralista? Não me entendem? Não percebem de que falo?*

- *Mas mesmo assim, não quer dizer nada? Insiste a voz.*

- *Não; não quero, obrigado; mentira; queria sim; queria levantar e dizer tudo que me ia na alma. Mas nada disse face ao entendimento claro de que se eu tivesse sido orador, destoaria de sobremaneira do corro infundável de panegíricos e encómios que ali foram proferidos numa ordeira concordância. Não pelo conteúdo coincidente das mesmas, mas pela sua *não actualidade* e pertinência. Por se situarem naquele entendimento deturpado de que as homenagens - que devem ser feitas por respeito e dever de honrar os nossos heróis mortos - devem servir apenas para dizer coisas bonitas e singelas que nada “acrescentam” do homenageado.*

A minha exposição iria procurar o fulcro da simbiose entre Amílcar e o Povo para entender porque é que “somos” na verdade um povo e uma pátria e não uma província do Senegal ou da Republica da Guiné. Eu não sou patriota no sentido estreito, entendo que a Pátria só acaba no Rio Casamance a fronteira natural traçada pela geografia, por Deus e pelos Guineenses. Não acredito nessa patranha inventada pelas Nações Unidas sobre a inviolabilidade das fronteiras em África. Os colonialistas separaram os povos artificialmente e agora querem que se conserve isso assim *ad eternum*? Então para que serviu a Luta de Libertação? Não era apenas para expulsar os colonialistas, isso era apenas o início e dos pressupostos. A Luta serviu (ou devia servir) para acabar com as injustiças reais introduzidas pelos colonos; e qual a maior injustiça do que as fronteiras artificiais traçadas a lápis e régua nas conferências de Bandungs e outras sem nenhum representante desses povo. Porque aceitar isso?

Recusando a ideia de que nós somos um País, apenas porque esta “unidade territorial” antes foi colonizado por Portugal, que depois retirou-se, e “neste vazio” juridico habitado por nós, “fizemos” uma País. Entendo que é precisamente o contrário: por “já sermos algo” de concreto é que vamos lutar pela liberdade desse “algo”; mas como a *liberdade* não pode ser uma categoria abstracta, tem que se lhe dar uma *forma* e *roupagens* adequadas. E o Estado Guineense é a roupagem que toma a “liberdade Guineense”. Quer dizer, adoptamos uma constituição, uma bandeira e um tipo de Estado, para dar *forma* a uma “entidade” da qual somos o *conteúdo*; e quando Cabral vai dizer que somos uma Nação ocupada, a sofrer agressões externas, isso é a assumpção que de facto “já éramos”, só faltava a “roupagem”.

Esta é o resumo resumido da minha comunicação. Era também apenas um *rascunho*, porque seria uma intervenção essencialmente oral, sabendo que nesse momento o orador seria mais importante que o escritor. Em certas situações, oralmente - quando se é bom tribuno - uma hora pode valer dez horas escritas. e assim a ideia seria usar a Fundação Mário Soares e a efeméride alusiva a Amílcar Cabral como pano de fundo, para apresentar uma ideia nova, se quiserem revolucionária. Pois isto significa antes de mais acreditar fanaticamente numa concepção em que “ser Guineense” é algo que ultrapassa o nosso entendimento sobre ele, qualquer que seja ele. E isto não é uma questão de semântica, é uma das mais importantes questões da *ideologia Guineense* enquanto tal; pois a palavra “**Guineense**” não significa “**quem nasceu**” nestes **36.000 km²**”, entre o **Senegal** e a **República da Guiné** (ou filhos e

netos desses), laconicamente descrito no dicionário como “natural da **Guiné**”. Pois se em outros países essa condição é bastante, no nosso caso é apenas uma pré-condição; pois, mais que “acidentes de nascimento”, “ser Guineense” é assumir a herança de um espaço temporal e de um entendimento do mundo que nos diz claramente que só sou **Guineense** quando deixo de ser **nalu, bijagó, padjadinka, saraculé** ou qualquer outra etnia similar. Enquanto permanecer “apenas **mandinga**” sou mais aparentado com os **mandingas** da **Guiné (Conacri)** ou os da **Gâmbia** (e mesmo do **Mali**), do que com os **papeis** de Bissau ou **balantas** de Nhacra. E o mesmo pode-se dizer tranquilamente em relação aos **fulas** e outras tribos como os **manjacos** que estão dos dois lados da fronteira do actual **Casamance senegalês**. E metam nas vossas cabeças que enquanto a lealdade for **tribal** e não **nacional**, o perigo da desagregação é grande. Mas por não haver um projecto nacional comum e credível, ela é ainda maior. E aqui, o “projecto nacional” nada tem a ver com a “governança” *stricto sensu*.

Por isso, embora me preocupa profundamente o tribalismo **balanta** e **papel** (mesmo como acto de autodefesa apenas), no futuro da pátria, preocupa-me ainda mais um (mesmo que hipotético) tribalismo **mandinga, fula ou manjaco**; pois o tribalismo **balanta** só “pode assentar” no território Guineense, mas os outros tribalismos podem procurar “unidades transnacionais” se *aperceberem* que o nosso Estado Nacional é fraco e incapaz de resolver os problemas nacionais. Basta aparecer um líder **mandinga** ou **fula**, forte, decidido e capaz, num dos países vizinhos, que apele para os instintos mais básicos, para o “tribalismo cultural” apenas. Pois aqui nem é necessário o tribalismo “de exclusão” e “de diabolização” do outro, baseado em valores comuns, como a língua, cultura e se preciso for a religião muçulmana (quando é o caso), para encontrar terreno fértil entre os jovens dessas tribos.

Tenho observado aqui em Portugal, com constante inquietação e indignação, a alienação paulatina e constante dos nossos jovens **fulas e mandingas** que agora só ouvem as músicas dos cantores de **Conacri** como **Alpha Dio Dará, Petit Heró, Sekouba Banbinino, Binta Laly, Sekouba Fatako, Mory Djelly Kouyate, Fode Baro**, só para dar alguns exemplos em dezenas, e sem ainda falar dos cantores **mandingas** do **Mali**. Estes tornam-se em seus heróis da juventude, os idolatram e imitam, criando sentimentos entrecruzados em relação a países desses artistas, que comparam com o deles (o nosso) chegando a conclusão que todos sabemos. Falo constantemente com jovens fulas, mandingas, papeis etc. e as vezes vejo uma total indiferença as vezes com relação ao valor da nossa pátria que o meu coração desfalece.

Quando um país entra em crise económica e política, a sua identidade e sua cultura nacional é o primeiro a tombar (vejam como, com a retoma da normalidade em Angola, como a sua cultura musical que estava de rastos em relação a cabo-verdiana, esta a desenvolver e a ultrapassar esta exponencialmente). Infelizmente, face a pobreza da nossa cultura nacional eles se ajoelham perante a cultura desses países consumindo não só a música, como o teatro e outras manifestações culturais. Vão a concertos organizados por essas comunidades, oriundas desses países nossos vizinhos e pouco a pouco copiam a sua maneira de ser e a sua língua

Isto tem graves implicações de ordem económica e social. E mesmo de ordem nacional, pois cada vez menos olham para a nossa terra como alternativa a um regresso futuro a pátria. Ou de promessa para os seus filhos. Pois sempre que constroem casas no Senegal e na Republica da Guiné (Conacri). E assim toda a riqueza acumulada por esses nossos filhos vai para esses países. Se bem que este fenómeno não é exclusivo da diáspora, também através de **Gabu** há uma paulatina colonização do nosso povo por parte da Republica da Guiné, introduzindo a sua maneira de falar o *fula* e os seus maneirismos nacionais. Toda a vila de **Gabu** esta exposta a essa influência nefasta para a soberania nacional que dali espalha-se para outros centros urbanos.

Ser Guineense – não é ser de uma tribo qualquer, por acidente de nascimento, ou por mistura sanguínea - é pertencer a uma comunidade de indivíduos com a mesma língua (o crioulo) com a mesma cultura, hábitos e credos com uma ideologia clara que define que esta pátria é nossa em comum porque somos “sangue do mesmo sangue”, “carne da mesma carne” frutos de um povo único que não olha as origens tribais e étnicos para construir uma nação diferente dos outros nossos

vizinhos. Baseado numa cultura comum com raízes numa mundivisão secular - que vem do tempo anterior ao colonialismo, mas que foi amalgamada por esta influencia - que nos faz estar, em alguns aspectos, mais próximo dos nossos concidadãos dos PALOP do que os da CEDEAO.

Portanto ser Guineense não é ser **balanta** ou **papel**, **beafada** ou **nalu** ou as suas variantes como **nhominca**, **balanta mané**, **fula furo** ou **gebancólo**, mas precisamente o seu contrário. E o seu “contrário”, independentemente do nosso acreditar, deve ser “realizado” por um poderoso Estado, que como já também disse antes, *será o “instrumento” para a “realização” do povo*. E esta *realização* não tem intrinsecamente a haver apenas com o bem-estar social, desenvolvimento económico, competente gestão da coisa pública, extinção da corrupção e do narcotráfico e criação de oportunidades credíveis e palpáveis aos jovens para que parem de fugir do país. Tem mais a ver com a *criação* do povo de que falo permanentemente, por mais estranho que isto vos pareça a primeira vista.

Pois um conjunto de tribos vivendo num espaço geográfico não “faz” necessariamente “um povo”. E como “o tempo das tribos em África já passou” (tinha já passado há cinquenta anos atrás), segundo **Amílcar Cabral**, então ninguém com uma sólida formação, moderno, urbano e acima de tudo patriota, *necessita* de **tribos** “como tal”. *Só necessitamos* de **povo**, “como tal”. De outra forma, de que pátria falamos? De **Guiné/Estado-Nação** falamos? Pois tudo o que escrevi até hoje no fundo pode ser resumido a isto. Aceito que resto até possa ser considerado “acessório” num certo entendimento. Pois aqui que reside a essência Guineense. E daqui é que temos de partir para criar este espírito por que tanto anseio nos Guineenses.

E ela que procuro quando vou esconjurar a alma dos nossos antepassados, de todas as etnias, indo esconjurar a minha própria alma e nessa simbiose procurar todos os filhos da terra para a reunião final. Pois para mim há um *continuum* permanente entre o passado e o presente que nenhum acontecimento político pode compartimentar. E é neste *continuum* que vive e viverá este espírito que é algo que no dia-a-dia da nossa existência parece que esta em nós, enquanto indivíduos, mas na verdade esta na superestrutura e não pertence a categorias individuais. É este espírito que é a trave mestra da Nação que quero construir.

Mas isso só não seria possível se houvesse uma sedimentação do tecido nacional por um estado poderoso, que nunca será este, totalmente minado por espúrios e vis interesses partidários, de grupos e pessoais. Hoje se queremos ser honestos, temos um simulacro de Estado Nacional com os seus instrumentos de representação como um Presidente da Republica, uma Assembleia Nacional e um Governo. E na verdade para que serviria este imenso aparelho amorfo sobre o corpo da “nação que não existe”? Se não para apenas pagar salários de elementos desse mesmo corpo e repartir entre meia dúzia de apaniguados as ajudas estrangeiras e algumas receitas que o aparelho consegue abocanhar? Esquecendo que o Estado é apenas um instrumento para a realização do povo e não um fim em si. Não é o instrumento para a realização de si mesmo. De outro modo o Governo só serve para gerir a miséria e mais nada. Não é capaz de criar a riqueza nem melhorar ávida das pessoas.

E assim, nesta busca incessante para compreender, andando pelos atalhos da nossa história, na senda das pisadas do nosso povo, recuo até ao ano de 1930 - para visualizar o meu pai com seis anos de idade atravessando com a sua mãe o Rio Farim de canoa (era o único meio de transporte e a única via de acesso), percorrendo esses trinta e tal quilómetros, desde o “Progresso” (a “ponta” de meu avó), para chegar a vila de Farim ; para ali perder o seu irmão de quatro anos de idade, caído no Rio Farim e momentaneamente comido pelos crocodilos (já no porto, depois de atracarem) – e sinto o choro dolorido de **Nhanha** (madrasta do meu pai) clamando por esse menino que desapareceu para sempre, sei que é o mesmo choro dorido daquela outra mulher, que vos contei, que procurou o seu filho em todos os campos refugiados do Senegal e Portugal. O povo portanto é esse *continuum*, uma entidade que imerge de um passado longínquo, onde as suas raízes se cruzam há centenas de anos expandindo-se do seu meio natural surgindo como expressão visível da nação. E cada um de nós resta ligado a nação através dele numa continuidade dialéctica permanente intraduzível e inexplicável. Têm apenas que acreditar nesse milagre só nosso. Por isso vos disse uma vez que “perdoaria todas as mortes, as

centenas de vidas desperdiçadas em fuzilamentos, execuções sumárias, golpes e contra golpes que se sucederam nestes últimos decénios, se isso fosse o amargo preço que tínhamos que pagar para por fim erguermos esta Nação. Pois a mim não me importaria muito que o País não tivesse sido desenvolvido económica e socialmente pelos diferentes governos que se sucederam, conquanto tivessem preservado um povo consciente e orgulhoso de sua *identidade e pertença* a esta Pátria.

A imagem acima pode não dizer nada a muita gente, mas é aquela que tenho, aquele que é parte de mim e fruto das minhas origens. É a única que eu *tenho* embora os meus olhos nunca viram essa propriedade, “essa ponta” do meu avô chamada “Progresso, nos confins do fim do mundo, porque com o recrudescer da Guerra, anos depois, os colonialistas evacuaram toda a gente de família que lá ainda vivia, para não se reunirem aos guerrilheiros. Duas das suas irmãs conseguiram fugir e juntar-se aos do PAIGC. O meu pai há muito que já tinha sido levado para Farim onde cresceu.

Assim a “propriedade” foi perdida engolida pelos matos durante uns 12 anos, para por fim desaparecer, como os trinta e tal pontas do rio grande de Buba onde já se bebia champagne 1930, para um dia virmos a ter uma pátria justa onde cinquenta anos mais tarde só se bebe champagne no palácio presidencial.

E assim os meus pés nunca pisaram essas terras do fim do mundo, mas o meu espírito um dia, na morte, por lá caminhará a procura dessa gente, desses também espíritos e quem sabe um dia faremos um almoço debaixo das árvores do nosso passado, do passado que não tivemos, por causa de *Amílcar Cabral* quando quis dar dignidade ao homem Guineense.

O TRIBALISMO COMO DISCURSO DE ÓDIO E ANTIMODERNIDADE

Homens com alguma envergadura política, sempre originam todo o tipo de invenções que o tempo depois trata de fazer esquecer. Lembro-me que durante a minha infância, existiam dezenas de histórias rocambolesca sobre o **Sekou Touré** e seus supostos super poderes, feitiçaria e outras balelas, que hoje ninguém leva a sério, mesmo por aqueles que não têm formação “por aí além”. E também sobre **Senghor**, **Spínola** (de quem dizia-se que ia sozinho para o mato, sem medo, etc.). **Samora Machel**, era quase um mágico (segundo os estudantes de Moçambique, meus colegas na Rússia). Mas isso é *normal* numa certa lógica de “Zé-povinho” que precisa de construir certos castelos de ar, para aceitar a sua (infelizmente) miserável existência de súbditos desses senhores.

Entre os Angolanos com pouca instrução, e não só, as histórias sobre o **Eduardo dos Santos** não ser Angolano, de não ter nascido em **Angola**, é pão de cada dia. As vezes condescendem, que nasceu sim, no bairro de *Sambizanga* (as vezes no *Marçal*), masssss... de pais estrangeiros. Portanto não é Angolano mesmo assim. Enfim... afirmam que os **Van Dunem** são holandeses, que **Paulo Jorge**, **Lucio Lara**, **Iko Carreira**, etc., não eram “puros” Angolanos.

Uma vez em **Luanda**, onde fui a uma Conferencia de Arquitectos Lusófonos, nos idos de 1995, um técnico Angolano, para me provar que o Presidente de Angola não era angolano (opinião que eu achava um perfeito disparate), conhecendo o meu carácter e ódio as injustiças, sejam elas de quem vierem, me fez uma pergunta sacramental: *Como explicas então que as crianças morem de fome em Angola e o presidente não faz nada? Não é esta a prova máxima de que ele não é Angolano? Se fosse Angolano, achas que deixaria as crianças angolanas morrer de fome?*

Respondi-lhe, perguntando também: *O Jean-Bédél Bokassa era de São Tomé? O Idi Amin Dada é Guineense? O Mobutu Sesse Seko é Angolano? E as crianças de Uganda e Zaire?* Para não falar do **Bokassa** que “comia” literalmente as crianças da **Republica Centro Africana** (segundo consta era canibal e gostava banhar-se com sangue de virgens). Não mais me “fez perguntas”.

Conhecendo esta mentalidade, da minha terra, perguntei-lhe (ironizando) se preferia o “estrangeiro” **Eduardo dos Santos** como Presidente ou o comandante **Iko Carreira** companheiro de **Agostinho Neto**, que toda a gente sabia que era Angolano, embora branco? Não; claro que não disse, “era muito

claro”; nesse caso, já não interessava “se nasceu em Angola” ou não; apenas interessava se era “**preto-nock**” ou não. Então perguntei-lhe se preferia **Savimbi**, que era Angolano “puro” (numa certa mentalidade de burros) e também “**preto nock**”? Respondeu outra vez que não, pois **Savimbi** era **Ovimbundo**, e que “*todo o mundo em Angola sabia que os ovimbundos não sabiam nada e muito menos mandar*”; “*nem fazer nada de jeito (eram muito limitados)*”!!!!!!! O indivíduo que debitava estes dislates, era **Kimbundo**, e acreditava piamente que o que dizia fazia algum sentido (nem desconfiava que era muito mais limitado do que os **ovimbundos** que tanto depreciava).

Para este tipo de gente, o tribalismo nem é uma “defesa” da sua tribo em relação as outras, é apenas um meio de se guindarem ao poder e lá permanecerem. Geralmente, no fundo odeiam as suas raízes e origens; e em casos não raros, odeiam as suas próprias tribos, embora de forma dissimulada. No caso particular de Costa de marfim, o divisionista e tribalista **Laurent Gbagbo**, que dizia que **Alassane Ouattara** não era “um puro Marfinense”, veio a revelar-se um cobarde sem dignidade, quando se rendeu, depois de ter convencido centenas de jovens a morrerem por ele dizendo que preferia morrer a render-se. Por causa de ambições pessoais, estes irresponsáveis não hesitam em destruir um dos mais belos países de África, envergonhando o seu povo e os africanos em geral. São episódios como este que demonstram a falta de qualidade moral desta gente. Pois ele não respeitava esses filhos da sua tribo e nem os amava. Este que se dizia “puro fido de tchom” em relação ao **Alassane Ouattara**, vem desmistificar uma vez mais o que **Cabral** dizia há mais de quarenta anos: **o tempo das tribos em África já passou**.

Uma vez em Lisboa, um fotógrafo Guineense natural de arredores de **Bafada** (neste momento esta a montar lá uma pequena casa fotográfica se tudo correu bem como ele sonhava) veio ter comigo e pediu-me que o fizesse um trabalho de passar vídeo de uma máquina fotográfica para um DVD gravável. e no momento que fazia-lhe isso ele me disse que queria me confessar uma coisa; e a sua surpreendente confissão era que ele era um indivíduo que se considerava racista. Assim mesmo disse: *eu sou racista e não nego*. Calmamente continuando com o trabalho, lhe perguntei: *então porquê?* Não sei se ele é **mandinga** ou **fula**, mas como era escuro assumi que fosse **mandinga** embora quem viveu no *chão* dos **fulas** sabe que muitos também são escuros. Disse-me que um **branco** (referia-se a um português) disponibilizou-se para lhe fazer esse trabalho, mas como era racista preferiu trazer o trabalho a um **preto** (referia-se a mim). Depois de lhe fazer o trabalho convidei-o tomar um café e lhe disse que também queria lhe confessar uma coisa: *eu odiava pessoas como ele*. Então porque? Porque os racistas não servem para nada: *you diz que entre o branco e eu, preferiu o preto. Mas entre dois pretos o racista vai escolher “o mais preto”, o “preto nock”*. E entre dois “**pretos nocks**” vais escolher o “**preto nock**” da sua tribo. E entre dois “**pretos nocks**” da sua tribo, vai escolher o “**preto nock**” da sua tabanca, casta, familiar, e por ai fora. O racista é um indivíduo perturbado; e no nosso caso no fundo não deixa de ser também um tribalista. Não sei se ainda é meu amigo, mas tantas vezes nos encontramos e nunca mais me disse que era racista.

Porque é que, em países “de verdade”, civilizados e progressistas, as pessoas normais conseguem viver sem complexos de sua própria cor? Pois no fundo no fundo quem se preocupa com a cor da pele dos outros, em vez de se preocupar com a sua competência, apenas tem vergonha da sua pele e tem complexos por a ter. E é essa mentalidade obtusa, burra, atrasados dois séculos, que continua a fazer o “seu caminho” na cabeça de tantos compatriotas nossos. Mas de tanto fazer o seu caminho, agora é infelizmente o “nosso caminho”, o caminho da perdição; pois sempre que dois “puros Guineenses “ se “encontram” tem que haver “pancadaria” ideológica, pois é necessário sempre *provar* quem é “mais puro” que o outro; quem pertence a uma tribo que “veio de fora” (**mandingas?**), quem pertence a tribo que “foi criada por Deus aqui” (**mancanhes, manjacos?**). Quem pertence a tribo que Lutou ao lado dos *tugas* (**fulas?**), quem pertence àquela que Lutou ao lado de **Cabral** (**papeis?**), quem pertence a tribo que nos libertou (os **balantas?**). Saber daqueles que foram a Luta, mas “não combateram” (o resto da malta?). Enfim de disparate em disparate, chagaremos lá; lá onde os *puros* para provarem que são *verdadeiros puros* têm que matar os *puros* que consideram *impuros*, como no Ruanda.

Mas como já disse, são sempre assim os tribalistas. Para eles o povo nunca será uma unidade, apenas partes de um todo, que quanto mais dividido melhor. Pois é mais frágil e manipulável, seja nas

eleições ou na sua abusiva utilização em defesa de projectos perniciosos de que as suas cabeças estão sempre pejadas. Para além disso nunca tiveram uma ideia válida. É uma doutrina que vive do ódio e da mentira. Por isso serão derrotados inexoravelmente, é só uma questão de tempo.

Quanto tempo? Bem a história é feita de decénios e de séculos, mas as mudanças de mentalidade geralmente são mais lestras. **Amílcar Cabral**, uma vez falando deste flagelo do tribalismo - que ele sabia que era real, embora sempre escondido (porque mesmo o mais exacerbado racista ou tribalista, esconde sempre que pode esta sua faceta; principalmente no meio de homens honestos e de bem, ou com alguma formação e só a revela em sítios escuros e escusos, para os da sua igualha ou para os inocentes que por não terem formação adequada, são fáceis de enganar. E ele esconde isso porque no fundo sabe que esta errado, sabe que o tribalismo, racismo, chauvinismo, discriminação social e racial, entre outros males é crime contra a humanidade.) – disse o seguinte: *Qualquer camarada que tenha dentro da sua cabeça a ideia de que a sua «raça» é que deve mandar na nossa terra, que se prepare porque haverá guerra com ele. Mas há ainda camaradas no Partido que ainda são incapazes de matar totalmente aquela ideia de «raça» que têm na cabeça. Porque são ambiciosos, só porque são ambiciosos, querem ser eles os mandões máximos de tudo. Gente como essa não é do Partido. No nosso Partido manda quem tem valor, quem mais pode mandar, quem deu provas concretas de que sabe mandar, e o nosso objectivo é só um: servir o povo.*

Isto para que tenham em atenção uma coisa, o tribalismo em África não é apenas um discurso de ódio e divisão: é também sempre um discurso contra a **modernidade**, contra o desenvolvimento. O tribalista vê na modernidade um perigo à dominação e submissão que submete ao seu próprio povo. Pois um elemento da tribo que adquirir uma formação escolar, política ou cultural fora dos meandros da tribo, é mais difícil de “enganar” ou de “controlar”.

E como a *modernidade* não se realiza apenas através da instrução (escolaridade avançada ou não, conhecimentos científicos e porventura graus académicos), ela também se *realiza* através de mistura tribal e racial, torna-se duplamente pernicioso. Pois dizer a um (a) **mancanhe** ou **manjaco** que casado e tenha filhos, com um francês, cabo-verdiano ou fula que a cultura e a tribo **manjaca** ou **mancanhe** é a melhor da Guiné (e ele acreditar), já é muito mais difícil do que dizer o mesmo a aquele que no fundo da sua **tabanca** não conhece outra coisa. Esse coitado acredita em todas as patranhas que os políticos corruptos lhe diz, pois esta “fora da modernidade”. Portanto este corrupto, este tribalista, deve ser castigado por esse duplo crime. E mais criminoso ainda, é cavalgar na onda do tribalismo para cometer outros crimes como o assassinio, o roubo ou a destruição moral de seres humanos.

Esta irresponsável maneira de pensar e agir contra os interesses do povo, criou mitos insanos para tentar explicar o inexplicável. Como **Cabral** é uma figura incontornável para o país, e não se pode acabar com ele de uma maneira qualquer, pessoas sem escrúpulos no afã de transforma-lo no “**preto nock**” (não na cor da pele, mas nos sentimentos e na pertença à eles) criaram uma teoria de que **Cabral** era filho de mãe fula; e seu pai **Juvenal Cabral** (que como era casado) teve que pedir a sua esposa legítima que assumisse ser mãe de Amílcar. Até se fala de uma carta que **Cabral** teria escrito a **Iva** a pedir que lhe perfilhasse. Como se **Cabral** fosse um analfabeto, que não conseguisse saber de quem é filho e nem tivesse sido registado a nascença como toda a gente. Além de que não conhecem a história familiar e pessoal de **Cabral** e a sua relação profunda com a progenitora.

Isto tem a ver com uma certa revanchismo racista e rançoso, que sabendo que renegar **Cabral** é impossível, então “transformamos o homem em “**preto nock**” fazendo dele **fula**. Porquê **fula** e não **manjaco** ou **papel**? Porque os **fulas** são mais claros e assim as pessoas acreditariam mais. E quem inventou este mito? Os **Fulas** como tribo? Não. Eles não precisam deste mito para nada, foi a tal elite crioula aparentados que esteve implicado na sua morte e de que já vos falei, que espalharam pelo nosso país esse ódio entre elementos do mesmo povo, sem saber que estavam cometendo aquilo que em gíria militar se chama alta traição. Mas Cabral, isso já sabia, por isso dizia na altura o seguinte: *“Sobre a reorganização das Forças Armadas os nossos camaradas devem lê-lo, porque lá está escrito tudo claramente, abertamente, explicando até porque é que a maior parte dos nossos responsáveis que cometem mais erros, são aqueles que saíram das cidades.”*

Este tipo de questões só vêm demonstrar o atraso que cada dia mais vai engolindo o novo povo. Pois agora a questão de “burmedjos” por serem muito poucos e não constituírem nenhum peso eleitoral parece já pacífica. Mas quando se semeia a “semente do diabo” ela frutificará sempre, de um modo ou de outro. Agora essa maldição “passou” para as nossas tribos. Ano passado vi essa mesma configuração com outros intervenientes e actores. Quando **Hélder Proença** foi assassinado, um alto responsável do nosso país, de etnia **balanta**, me disse que o **Hélder** afinal era um menino órfão **balanta** que foi adoptado muito novo pela família **Proença**... como “**Cabral** também era um menino fula adoptado por **Juvenal Cabral** ...” ????????????

Algum tempo depois ainda ouvi, de pessoas com responsabilidades superiores no Estado, a dizer que o recém-eleito Presidente **Malam Bacai Sanha** não era **Beafada**. Mas um **balanta** adoptado pelos **Beafadas**. E explicavam isso da seguinte maneira: ele era gémeo de nascimento, e os **balantas**, por tradição tribal, nesses casos deitam fora um dos gémeos; e assim aconteceu, por isso ele foi “encontrado” (**cudjido**) pelos **beafadas** que o adoptaram; assim cresceu entre eles e herdou seus costumes !!!!!!!!!!!!!!!!!?????????

Mas **Cabral**, esse estraga prazeres, parece que adivinhava que esses malandros e bandidos, um dia surgiriam de novo, tanto em **Cabo-verde** como na **Guiné** e já dizia: “... Quando falam em **Manjaco**, dizem o mesmo. Dizem que os **papéis** é que fazem mal aos **fulas**, que os **fulas** é que fazem mal aos **papéis**, para dividir. Mas já viram que isso não dá nada. No nosso Partido ninguém dividiu, pelo contrário, cada dia nos unimos mais. Aqui não há **papel**, nem **fula**, nem **mandinga**, nem filhos de **cabo verdianos**, nada disso. O que há é **P.A.I.G.C.** e vamos para diante.

Mas esta constatação programática dele, no contexto específico da luta de Libertação, no processo decisório e de construção de uma nação é extremamente grave. Por isso o tribalismo hoje em dia é duplamente pernicioso, pois além de todo o mal associado a ele, ainda acrescentou-se um discurso antinacional. Ela é contra a formação do Estado Nação em África e na Guiné em particular. É o maior oponente a modernidade, ao desenvolvimento e melhoria de vida do povo. Ela é inimiga do Estado Nação nos seus fundamentos e poderes constituídos.

Se **Cabral** nessa altura imaginasse que esse seu PAIGC, fundada e enobrecida por ele, viria a ter coragem (e descaramento) de fazer regulamentos internos e leis nacionais onde o **Amílcar Cabral**, se fosse vivo, seria excluído e proibido de participar na vida pública e política do seu próprio país, do país que libertou; e por gente que deu dignidade; por gente que se não fosse ele e o seu sacrifício nunca seriam nada na vida, o que pensaria? Na ingratidão dos homens? Não, no trabalho inacabado. Essa gente fazia isso sem nenhuma vergonha na cara, com toda a impunidade, com todo o racismo e tribalismo que podiam utilizar. Quando os interesses pessoais falam mais alto que os colectivos, não há nada a fazer. É assim que este Partido, guiado por certa gente sem escrúpulos, destruiu a nossa vida colectiva pouco a pouco, inexoravelmente. Sabendo que fomos governados desde 1974 até 1999 por esse partido, é fácil entender porque é que chegamos tão depressa onde chegamos.

Por isso é tempo de destruir essas organizações com a própria *modernidade* que tanto combatem, doutra forma ainda assistiremos guerras tribais em África. Embora, de certa forma, essas guerras (se vierem a suceder) ditarão o fim das tribos (ou pelo menos a sua natureza retrógrada) em África. Para dali surgir um novo mundo liberto e livre onde os Africanos caminharão por fim com o resto da humanidade na senda do progresso e da felicidade. Os tribalistas (e os racistas já agora) que me desculpem, mas não há outro caminho senão a vossa destruição imperiosa e impiedosa para o bem do bem; Para o bem do povo no seu conjunto nacional.

Arq. FERNANDO J. P. TEIXEIRA

Lisboa, 28 de Abril de 2011

* Licenciado em Arquitectura (Rússia 1991). Pós graduado em Urbanismo (ISCTE)

[ESPAÇO PARA COMENTÁRIOS AOS DIVERSOS ARTIGOS DO NÓ DJUNTA MON](#)



[VAMOS CONTINUAR A TRABALHAR!](#)

associacaocontributo@gmail.com

www.didinho.org

CIDADANIA - DIREITOS HUMANOS - DESENVOLVIMENTO SOCIAL